

Beatriz Maria Demoly Ohlweiler

**CRIAÇÃO DE UM JORNAL NA SALA DE AULA DE PORTUGUÊS  
LINGUA ESTRANGEIRA**

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras.

Porto Alegre

2006

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE LETRAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS  
ÁREA: ESTUDOS DA LINGUAGEM  
LINHA DE PESQUISA: LINGUAGEM NO CONTEXTO SOCIAL

**CRIAÇÃO DE UM JORNAL NA SALA DE AULA DE PORTUGUÊS  
LINGUA ESTRANGEIRA**

**Beatriz Maria Demoly Ohlweiler**

**Orientadora: Profa. Dra. Margarete Schlatter**

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras.

Porto Alegre

2006

## AGRADECIMENTOS

À minha mãe, que sempre esteve presente nos momentos mais necessários, pelo amor e apoio incondicional;

Ao Eduardo, Carlos e César, os homens da minha vida, por ordem de chegada, que alimentaram e possibilitaram a realização dos meus sonhos/projetos pessoais;

Às alunas que se aventuraram comigo nessa aprendizagem;

À minha orientadora, Profa. Margarete Schlatter, por reconhecer capacidades e habilidades que nós mesmos não sabemos que possuímos e nos dar a oportunidade e o espaço para desenvolvê-las;

Às colegas do PPG e do Português para Estrangeiros pela sua disposição e amabilidade para compartilhar o conhecimento e o carinho;

À amiga, de e para sempre, Denise, pela paciência, amor e sabedoria com que me apoiou.

## RESUMO

A necessidade de criar e proporcionar instrumentos que permitam aos alunos de Português Língua Estrangeira (PLE), em situação de não imersão, um maior e melhor desenvolvimento das habilidades de uso da língua portuguesa nos levou a visitar a Pedagogia de Projetos como uma metodologia que nos auxiliasse como professores na realização desse objetivo. Este trabalho visa analisar o projeto de criação de um jornal pelos alunos, proposto a um grupo de alunos do Instituto Cultural Brasil Venezuela (ICBV), para proporcionar uma oportunidade de reflexão para alunos e professores sobre a possibilidade de desenvolver uma atitude mais participativa, autônoma e consciente do processo de ensino-aprendizagem. São analisados os procedimentos adotados, o processo de elaboração do jornal, a escolha do tema, a produção dos textos e sua seleção para o produto final. O objetivo deste trabalho foi descrever como os alunos desenvolveram o projeto de criação de um jornal e quais oportunidades foram criadas para a aprendizagem da produção escrita no intuito de contribuir para uma melhor preparação dos alunos, assim como refletir sobre a possibilidade de trabalhar com a Pedagogia de Projetos em aulas de Língua Estrangeira. A criação do jornal *Brasil Conosco* criou oportunidades de uso da língua portuguesa envolvendo e integrando as quatro habilidades (compreensão oral, leitura, produção oral e escrita) e revelou-se altamente motivador para as alunas. Os resultados desse trabalho propiciaram também oportunidades de reflexão entre os professores sobre os objetivos de ensino de PLE no ICBV e formas de preparar melhor os alunos para o exame Celpe-Bras.

## ABSTRACT

The need to create and to provide instruments that allow the students of Portuguese as a Foreign Language (PLE), in a situation of no immersion, a greater and better development of the abilities involved in the use of the Portuguese language led us to visit the Project Pedagogy as a methodology that could help us as professors in the accomplishment of this objective. This work is aimed at describing and evaluating the project about the opening of a newspaper by a group of students from the Cultural Institute Brazil- Venezuela (ICBV), with the intention of availing participants, students and teachers, of the reflection on the possibility of developing a more independent and conscious attitude towards the teaching-learning process. For this purpose, the procedures adopted by the pupils for the newspaper work, the choice of the subject, the production of texts and their selection for the final product were analyzed. Moreover, we observed/ pointed out the opportunities which had been created for the learning of the written production, since this is one of the main abilities developed during the accomplishment of the project. From our analysis, we can say that the opening of the newspaper *Brasil Conosco* gave chances for the use of the Portuguese language, involving and integrating the four abilities (oral comprehension, reading, oral production and writing) and it was highly motivating for the participants. The results of this work also provided opportunities for reflection among the teachers on the objectives of PLE teaching at the ICBV and of means to better train the pupils for the Celpe-Bras proficiency test.

## SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS.....	3
RESUMO.....	4
ABSTRACT.....	5
1. O CONTEXTO E O PROBLEMA DA PESQUISA.....	8
2. A PEDAGOGIA DE PROJETOS E A PRODUÇÃO ESCRITA EM LE.....	13
2.1 A Pedagogia de Projetos como Metodologia de Ensino de LE.....	13
2.2 O Processo da Escrita.....	22
2.3 O Ensino e a Aprendizagem da Escrita em uma LE.....	34
3. METODOLOGIA.....	43
3.1 Objetivos.....	43
3.2 Participantes.....	44
3.3 Planejamento e Implementação do Projeto.....	45
3.4 Geração e Análise de Dados.....	46
4. A CRIAÇÃO DO JORNAL: REFLEXÃO SOBRE A PRÁTICA.....	48
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	98
REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	100
Anexo 1.....	104
Anexo 2.....	105

Escrever é estar no extremo  
de si mesmo, e quem está  
assim se exercendo nessa  
nudez, a mais nua que há,  
tem pudor de que outros vejam  
o que deve haver de esgar,  
de tiques, de gestos falhos,  
de pouco espetacular  
na torta visão de uma alma  
no pleno estertor de criar.

**João Cabral de Melo Neto**

## 1. O CONTEXTO E O PROBLEMA DA PESQUISA

Minha experiência como docente de Português Língua Estrangeira (PLE) no Instituto Cultural Brasil Venezuela (ICBV), com sede em Caracas, assim como ministrando aulas particulares em empresas venezuelanas e multinacionais, permitiu-me detectar diversas dificuldades dos alunos em desenvolver a comunicação escrita. A busca pelas possíveis causas dessas dificuldades revelou a inexistência de um acompanhamento organizado e sistemático da produção de textos escritos em PLE no ICBV, cujos alunos, em sua grande maioria, são pessoas que mantêm, ou estão preparando-se para manter, uma comunicação escrita constante com falantes de português, profissionais atuantes em empresas multinacionais em contato com seus pares no Brasil, ou são candidatos a cursos de graduação e pós-graduação no Brasil, devendo para isso obter o Celpe-Bras<sup>1</sup>. Esses alunos precisam, portanto, tornar-se proficientes na produção escrita em português. Minha participação ativa na formação desses alunos e na aplicação do exame Celpe-Bras levou-me a constatar que nosso índice de aprovação é, em média, de aproximadamente 75% dos participantes formados no ICBV, com a classificação no nível intermediário. Dessa população, apenas 2% conseguem obter o nível avançado.

A necessidade de mudanças no ensino pode surgir por fatores internos à comunidade de ensino ou externos. No nosso caso, o exame Celpe-Bras foi o fator decisivo para impulsionar uma mudança. Quando aplicamos a prova pela primeira vez (2001), observamos que o currículo do curso e o material didático que utilizávamos não atendiam às necessidades de satisfazer o construto de uso da língua portuguesa subjacente à prova, uma vez que priorizávamos o ensino de funções da linguagem, vocabulário e regras gramaticais com base em materiais didáticos basicamente estruturalistas. Era urgente, portanto, uma reflexão sobre o quê e o como ensinar o PLE de forma a atender, não só a aprovação dos nossos alunos no

---

<sup>1</sup> Certificado de Proficiência em Língua Portuguesa para Estrangeiros desenvolvido e outorgado pelo Ministério da Educação (MEC), aplicado no Brasil e em outros países com o apoio do Ministério das Relações Exteriores (MRE), reconhecido oficialmente pelo governo do Brasil. Internacionalmente, é aceito em empresas e instituições de ensino como comprovação de competência na língua portuguesa. No Brasil, é exigido pelas universidades para ingresso em cursos de graduação e em programas de pós-graduação (SCHLATTER et al, 2003).



exame do Celpe-Bras, mas também sua atuação mais proficiente nos contextos relevantes a sua profissão utilizando adequadamente o instrumento que necessitavam: o Português do Brasil. O exame, portanto, criou um efeito retroativo no ensino de PLE no ICBV, levando os professores e a Instituição a refletir sobre o processo de ensino-aprendizagem que estavam desenvolvendo. Essa situação nos obrigou a indagar sobre a eficiência de nossos cursos e buscar alternativas de ensino mais eficazes, que nos possibilitariam uma preparação mais adequada de nossos estudantes e assim aumentar o índice de aprovação e de classificação dos alunos no exame, como também auxiliá-los de forma mais efetiva para agir em suas áreas de interesse com maior proficiência e segurança.

Nossa realidade atual demanda, cada dia mais, a necessidade de uma integração entre os países da América Latina, integração essa que enfrenta, entre muitos outros fatores, a barreira idiomática. Nesse sentido, a formação de venezuelanos proficientes no idioma português pode contribuir para uma comunicação mais bem sucedida, e, conseqüentemente, a um nível macro, para uma melhor integração intercultural entre a Venezuela e o Brasil. A procura por essa formação na Venezuela tem crescido muito nos últimos anos. Além das políticas afirmativas do governo em relação ao ensino de PLE na escola<sup>2</sup> a procura de cursos de Português no ICBV tem crescido em proporções geométricas. Ao iniciar o ano de 2005 tínhamos 150 alunos distribuídos nos 5 níveis do curso; em outubro do mesmo ano contávamos com 430 alunos e em 2006 tivemos um aumento de inscrições no Nível 1 de 100% em comparação ao ano anterior. Atualmente, com o ingresso da Venezuela no Mercosul, e sendo o Português e o Espanhol as línguas oficiais da Região, acreditamos que esses números crescerão ainda mais. Essa situação está criando a necessidade de formar professores rapidamente, e de ampliar e qualificar o ensino de português em nossa instituição a fim de podermos proporcionar uma resposta a essa demanda.

No caso específico do ICBV, buscou-se trabalhar mais eficientemente na construção e desenvolvimento de instrumentos e técnicas de ensino, práticas em sala de aula e currículos mais adequados ao objetivo de alcançar a proficiência em português dos alunos do ICBV. Nesse contexto, esta pesquisa apresenta e analisa uma proposta de ensino de produção escrita através de uma metodologia de projetos.

---

<sup>2</sup> Em uma manifestação em cadeia nacional, em 2006, o presidente Hugo Chavez fez um convite a que todos os venezuelanos estudassem português

Em geral, nossos estudantes apresentam uma grande resistência à produção de textos escritos. Quando solicitados para realizarem alguma tarefa de produção textual, sobretudo em casa, sem a pressão da presença do professor e do tempo limitado para a realização da mesma, dificilmente a realizam. Convencido da importância da prática da escrita, muitas vezes, o professor se sente obrigado a acompanhar a tarefa com uma promessa de avaliação com nota para obter algum resultado. Acredito que esse fato reflete uma série de dificuldades e limitações que obstaculizam o bom desempenho e o sucesso do aluno na aprendizagem da língua alvo. Por outro lado, o tema da produção escrita tem merecido pouca atenção, de uma maneira geral, no processo de educação formal, por um lado por considerar-se a escrita uma tarefa árdua e complexa, reservada aos especialistas; por outro, por exigir do professor e alunos mais tempo e dedicação – sem esquecer da prática historicamente construída de aulas de língua como aulas de gramática e de vocabulário, o que vem sendo questionado de forma mais sistemática, tanto no contexto de ensino de língua materna quanto de língua estrangeira (sobre leitura e escrita em língua estrangeira, ver GIBBONS, 2002; GALLI, 2005; ROTTAVA, 2002, 2004).

Conforme Soares (1999, p.3), letramento é “estado ou condição de quem não só sabe ler e escrever, mas exerce as práticas sociais de leitura e de escrita que circulam na sociedade em que vive, conjugando-as com as práticas sociais de interação oral”. Ainda segundo essa autora, neste conceito está implícita “a idéia de que a escrita traz conseqüências sociais, culturais, políticas, econômicas, cognitivas, lingüísticas, quer para o grupo social em que seja introduzida, quer para o indivíduo que aprenda a usá-la” (SOARES, 1998, p.17).

Segundo Meurer (2002, p.14):

“Da perspectiva de sua dimensão social, a linguagem é vista como um instrumento de ação social, de interação do indivíduo com seu meio ambiente. O texto tanto escrito como oral, sendo um meio de manifestação da linguagem, também é caracterizado por essas duas dimensões, pois, ao usarmos textos, fazemos usos de diferentes tipos de conhecimentos para interagir com outros indivíduos dentro de determinados contextos sociais. Assim sendo, a produção e a compreensão de textos envolvem não apenas fenômenos lingüísticos, mas também fenômenos sócios cognitivos”.

Nesse sentido, com a finalidade de contribuir para o desenvolvimento do processo de escrita, tão necessários na prática diária de nossos alunos para realizar uma comunicação eficiente na língua alvo, propusemo-nos a desenhar uma proposta pedagógica baseada no enfoque sócio-cognitivo-discursivo, ou seja, os alunos trabalhariam em conjunto com seus colegas, professores e comunidade, interagindo socialmente com o objetivo de comunicar-se em língua portuguesa. No caso do presente projeto foi necessário detectar os interesses dos estudantes a fim de obter as motivações necessárias para o desenvolvimento das tarefas a serem realizadas. Propus aos alunos a criação de um jornal porque, além de tratar sobre temas escolhidos e de interesse dos alunos, teria leitores o que poderia estimular a realização da tarefa. A bagagem por eles trazida de conhecimentos, habilidades e interesses seriam privilegiados e utilizaríamos os conceitos de gêneros textuais visando um fim: ajudar os alunos a descobrirem por si mesmos o poder e o prazer da escrita.

A criação de um jornal pelos alunos do último nível do nosso curso pareceu-me vir ao encontro de várias necessidades que, como professores, sentíamos que não eram cobertas: a leitura extra-classe, a pesquisa e a escrita, que são práticas imprescindíveis no processo de aprendizagem de uma língua estrangeira. Estimular os alunos, no processo de elaboração do jornal, buscar informações sobre o Brasil nas áreas de seus interesses para complementar e aprofundar os conhecimentos que, no decorrer do curso de Português do ICBV, tinham acumulado poderia qualificar o seu contato com o idioma e a cultura da língua alvo. Além disso, seria uma forma de estimular o uso da biblioteca da Instituição, cujo acervo rico e variado era raramente consultado pelos alunos e que, após concluído o trabalho, seria enriquecido com o jornal dos alunos.

O projeto da criação do jornal, doravante PCJ, também poderia diminuir a limitação que têm os alunos, aprendizes de qualquer idioma, em situação de não imersão: a falta de oportunidades de aplicar seus conhecimentos em situações reais de interação. A elaboração de questionários, reportagens, entrevistas, ver seus textos impressos e saber que seriam lidos por seus colegas, professores e comunidade de falantes de português, permitiriam uma situação de uso real da língua alvo.

Nesse contexto de ensino de PLE e tendo como objetivo acompanhar e analisar o projeto desenvolvido pelos alunos e refletir sobre a prática de ensino, a presente pesquisa visou a responder às seguintes perguntas:

- Como os alunos irão desenvolver o PCJ?
- Quais oportunidades de aprendizagem da habilidade de produção textual são criadas pelo PCJ?

Para responder a essas perguntas propus aos alunos do nível 5, último nível do nosso curso de português que, além do conteúdo previsto (lições 9 e 10 do Avenida Brasil 2)<sup>3</sup>, que criássemos um jornal para o ICBV. Pareceu-me que o ensino de PLE, através de um projeto como esse poderia proporcionar aos alunos e a mim mesma uma oportunidade de refletir sobre os papéis que desempenhamos no processo de ensino-aprendizagem e de experimentarmos novas formas de aprender. No intuito de apresentar e analisar os resultados deste trabalho, discuto a seguir, no capítulo 2, os pressupostos teóricos da metodologia de projetos e a concepção de escrita que embasa a proposta de ensino. O capítulo 3 apresenta os procedimentos adotados no desenvolvimento da criação do jornal e o capítulo 4 analisa e discute os resultados obtidos. Finalizo, no capítulo 5, levantando algumas implicações e contribuições desta pesquisa ao ensino do PLE.

---

<sup>3</sup>

O livro de apoio que utilizamos no ICBV é o livro Avenida Brasil 1 e 2 de EBERLEIN, et al .1998.

## 2. A PEDAGOGIA DE PROJETOS E A PRODUÇÃO ESCRITA EM LÍNGUA ESTRANGEIRA

### 2.1 A Pedagogia de Projetos como Metodologia de Ensino de LE

Neste capítulo tratarei dos pressupostos teóricos que sustentam o projeto de criação do jornal, pressupostos esses que me levaram a optar pela metodologia de Projetos<sup>4</sup>, como uma forma de obter resultados positivos no ensino-aprendizagem de LE, e a definir a concepção de escrita que embasaria as tarefas e a prática de sala de aula em relação à produção de texto.

Etimologicamente a palavra projeto origina-se do latim “*projectus*” que significa algo como “*um jato lançado para frente*”. Segundo MACHADO (2004, p.2), a idéia e o significado de projeto são intrínsecos ao ser humano,

Cada ser humano, ao nascer é lançado ao mundo, como um jato de vida. Paulatinamente, constitui-se como pessoa, na medida em que desenvolve a capacidade de antecipar ações, de eleger continuamente metas a partir de um quadro de valores historicamente situado, e de lançar-se em busca das mesmas, vivendo, assim, a própria vida como um projeto. (...) Na vida de cada indivíduo nada está determinado de modo absoluto, nem pelos genes, nem pelo local de nascimento, nem pela família. Diferentemente das pedras, das plantas ou dos animais, nossas circunstâncias nos constituem; solidários com elas, projetamos e construímos nosso destino.

A Pedagogia de Projetos<sup>5</sup>, ainda segundo Machado (2004), muda o centro do objeto de estudo do conteúdo proposto pelo currículo ou professor para o indivíduo; com seus sonhos, metas, necessidades e formas distintas de aprender. Já não vemos o aluno como o receptáculo de conhecimentos impartidos pelo professor, mas sim, como autor do seu processo de aprendizagem, conforme seu projeto de vida, ou seu objetivo para com a aquisição da língua alvo.

---

<sup>4</sup> Durante o período de obtenção de créditos no Programa de Pós-graduação do Instituto de Letras da UFRGS, participei de uma reunião semanal com o grupo do Programa de Português para Estrangeiros (PPE) com o objetivo de preparar um material didático específico para falantes de espanhol. Durante as discussões oportunizadas e dirigidas pela professora Margarete Schlatter, pela primeira vez tive contato com a Pedagogia de Projetos. Foi nesse momento que pensei que a proposta de trabalhos com projetos poderia ser produtiva para a nossa realidade de ensino: PLE para falantes de espanhol em situação de não imersão.

<sup>5</sup> Não fazemos distinção aqui entre “pedagogia” e “metodologia” de Projetos. Entendemos que ambos os termos se referem a um conjunto de práticas de sala de aula que envolvem alunos e professor na busca por oportunidades de aprendizagem. Essas práticas serão apresentadas mais adiante neste trabalho.

Ao mudar o foco do conteúdo para o indivíduo surge a necessidade de rever os papéis, tanto do aluno como do professor, na utilização do trabalho com projetos. HERNÁNDEZ (1998), MACHADO (2004) e NOGUEIRA (2005) coincidem ao salientar algumas características dos papéis dos personagens envolvidos - alunos e professores - no processo de trabalho com projetos, dos quais não podemos prescindir para a obtenção de resultados positivos.

O professor deve abandonar seu papel tradicional de possuidor de um conhecimento que deve transmitir a uma outra pessoa; passará ao de orientador, assessor, facilitador de oportunidades, algumas vezes até mesmo de árbitro e juiz, mais falível e flexível, porém, sempre com o objetivo de possibilitar ao aluno sua própria busca, a construção do seu conhecimento, do conhecimento que ele – aluno/indivíduo - necessita para a consecução do projeto que estiver desenvolvendo no momento, seja ele de curto, médio ou longo prazo.

O aluno, por sua vez, deverá deixar a passividade da aula tradicional para converter-se em co-autor de sua aprendizagem, direcioná-la aos seus propósitos, tornar-se mais autônomo, ousado e reflexivo. Deverá utilizar, mais do que nunca, suas habilidades em outros campos, não só na área específica na qual estiver trabalhando, mas em todas aquelas que adquiriu até o presente, devendo poder reconhecer essas habilidades e serem essas reconhecidas por ele mesmo, seus colegas e professor. Eu agregaria ainda que o professor deve acreditar verdadeiramente na concepção de ensino-aprendizagem que está propondo. Como convenceremos alguém de algo em que nós mesmos não acreditamos? Isso nos leva a um outro elemento sem o qual nenhum projeto que nos propusermos se realizará: **a motivação**. Aqui o papel do professor é fundamental. Muitos alunos, a maioria provavelmente, não está familiarizada com o trabalho de projetos, sobretudo no ensino de LE, no qual nos deparamos com culturas de aprendizagem tão distintas. Devemos, portanto, lançar mão de todos nossos argumentos com o propósito de que esses alunos-indivíduos nos permitam mostrar-lhes outras formas de aprendizagem que lhes possibilite maior autonomia.

Apresentamos, a seguir, segundo HERNANDEZ (1998, p.31), as diferenças existentes entre currículos de um ensino tradicional, baseado em disciplinas e um ensino potencialmente transgressor, transdisciplinar:

**Quadro 1.- Comparação entre os currículos tradicional e o baseado em projetos**

DISCIPLINAR	TRANSDISCIPLINAR
Centrado nas matérias	Centrado em problemas transdisciplinares
Conceitos disciplinares	Temas ou problemas
Objetivos e metas curriculares	Perguntas, pesquisa
Conhecimento canônico ou estandardizado	Conhecimento construído
Unidades centradas em conceitos disciplinares	Centradas em temas ou problemas
Lição - textos	Projetos - Fontes diversas
Estudo individual	Grupos pequenos trabalham por projetos
Centrado na escola	Centrado no mundo real e na comunidade
Conhecimento tem sentido por si mesmo	Conhecimento em função da pesquisa
Avaliação mediante provas	Avaliação através de portfólios
O professor como especialista	O professor como facilitador

(HERNANDEZ, 1998, p.31)<sup>6</sup>

Como podemos ver no quadro acima, a aprendizagem baseada em disciplinas separadas, embora possa ser necessária em determinados contextos e quando queremos focalizar alguns aspectos específicos, não oferece ao aluno a possibilidade de uma formação mais adequada às demandas atuais, cujo volume de informações, velocidade com que são recebidas e fragmentação do conhecimento, cada vez mais especializado, exigem uma maior capacidade de estabelecer relações, assim como de selecionar as informações que são relevantes para determinados objetivos ou metas. Todas as características apontadas por Hernández em relação ao currículo transdisciplinar podem ser colocadas em prática no PCJ. Dentre elas destaco a importância do uso do conhecimento construído e sua relação com o

<sup>6</sup> Salienciamos que o quadro apresenta os extremos de uma gradação que pode aparecer em diversos níveis em diferentes contextos de sala de aula. A dicotomia "especialista" e "facilitador" não se entende aqui, respectivamente, como presença e ausência de formação específica na área, mas como "único detentor do conhecimento" e "professor e aluno são co-responsáveis pelo conhecimento".

mundo real e a comunidade, e da concepção do professor como facilitador, que poderão auxiliar nossos alunos a desenvolver uma maior autonomia no seu processo de aprendizagem.

A idéia básica do trabalho com projetos é que os alunos-indivíduos estabeleçam relações entre a grande quantidade de informações e saberes adquiridos no decorrer da sua formação. Isso também é o que está implícito nos conceitos de globalização do conhecimento e de interdisciplinaridade. Tanto a globalização do conhecimento quanto a interdisciplinaridade objetivam o estabelecimento de relações entre as informações que os alunos obtêm durante sua formação e que, em geral, estão compartimentadas em disciplinas estanques.

Para MACHADO (2004, p.135) os termos globalização do conhecimento e interdisciplinaridade significam o “estabelecimento de uma comunicação efetiva entre as disciplinas (...) a manutenção das unidades disciplinares, tanto no que se refere aos métodos quanto aos objetos, sendo a horizontalidade a característica básica das relações estabelecidas”.

A transdisciplinaridade também visa estabelecer essa relação, porém através de proposições de temas ou problemas que levem o aluno a mobilizar esses conhecimentos adquiridos com a finalidade de solucionar os problemas e desvendar os temas propostos elegendo ele mesmo, individualmente ou em grupo, quais conhecimentos são pertinentes para alcançar seu objetivos.

Com respeito ao conceito de transdisciplinaridade, MACHADO (2004, p.136) salienta “... na transdisciplinaridade, porém, a característica básica das relações estabelecidas é a verticalidade, a constituição de um novo objeto se dá em um movimento ascendente de generalização”. O foco, na transdisciplinaridade, é o indivíduo e seus projetos: as relações serão estabelecidas a partir das necessidades do aluno-indivíduo de atingir os objetivos que se proponha para a consecução de seus projetos.

Se associarmos os conceitos de globalização, interdisciplinaridade e transdisciplinaridade ao ensino–aprendizagem de uma língua estrangeira vemos a necessidade ainda mais urgente de estimular desde o início do percurso essa globalização dos conhecimentos, pois, em geral, trabalha-se sobre temas ou assuntos de diferentes âmbitos, muitos dos quais o professor não tem um conhecimento aprofundado. A maioria dos currículos segue o desenho linear, horizontal e gradual “*in crescendo*”, no qual o aluno vai



entrando em contato com estruturas mais simples e gradualmente avança para as mais complexas, sendo que muitas vezes os critérios de seleção do que é simples ou complexo não é muito claro. A tarefa do professor, nesse currículo, é justamente fazer com que o aluno relacione os conhecimentos já adquiridos com os novos.

A proposta do trabalho com projetos aposta na transdisciplinaridade e essa poderia ser uma forma bem mais coerente de proporcionar ao aluno a possibilidade de exercer essa inter-relação uma vez que os conhecimentos que ele deve adquirir perpassam muitas disciplinas ou conteúdos. Ao buscar soluções para resolver um problema concreto, o aluno deve percorrer conhecimentos, habilidades e destrezas que pertencem a diferentes disciplinas ou áreas e, no caso da aprendizagem da língua estrangeira, integrando as diferentes habilidades.

Tanto o trabalho interdisciplinar como o transdisciplinar leva o aluno-indivíduo a desenvolver o que MACHADO (2004) explicita como a concepção do conhecimento “em forma de rede”, e não em espiral ascendente com seus elos seqüenciais partindo do mais simples ao mais complexo e, em geral, não estabelecendo uma relação e significação efetiva entre os diferentes objetos de estudo. A quantidade de informação que recebemos durante nossa formação ao longo da vida não poderia ser incorporada ao nosso conhecimento se não tivéssemos a capacidade de fazermos conexões entre os diferentes saberes de forma significativa. Para que isso aconteça, devemos aprender a traçar os rumos que precisamos percorrer em função das nossas necessidades, desejos, metas, sonhos e projetos pessoais. MACHADO (2004) aponta as três características que considera principais no conhecimento em forma de rede: **o acentrismo** — não existe um centro pré-determinado, o aluno-indivíduo será quem determina o centro ou foco de estudo de acordo a seus interesses e necessidades; **a atualização** — a construção do conhecimento nunca é definitiva, incorporaremos ou abandonaremos articulações entre os objetos de estudo na medida em que signifiquem algo para nossos interesses e necessidades; **a heterogeneidade** – a aprendizagem sempre envolverá relações pertencentes a diversas disciplinas, conteúdos e conceitos.

HERNANDEZ (2004) critica a tendência a dar certo ar de modernidade a certas instituições que utilizam o termo “projetos de trabalho” na sua proposta, mas mantêm pouca integração em seus currículos, reduzindo, desta forma, o potencial transgressor da concepção que ele e seu grupo de trabalho têm dos Projetos de Trabalho. Embora nossa Instituição não tenha uma proposta global de ensino através de projetos, a proposta apresentada aqui tem o objetivo de estimular essa discussão e estimular a prática de projetos em todos os níveis do

curso. Isso implica, no entanto, passarmos de uma visão de aprendizagem como uma ação individual para uma perspectiva interacional. Segundo HERNANDEZ (1998, p.3),

A aprendizagem realiza-se de maneira situada, o que quer dizer que a situação na qual uma pessoa aprende tem um papel fundamental naquilo que se aprende. Enquanto a visão tradicional da cognição centra-se no indivíduo como unidade básica de análise, a perspectiva situada se localiza nos sistemas de interação, incluindo os indivíduos como participantes, interagindo uns com os outros, assim como com os materiais e os sistemas de representação. A perspectiva situada da cognição sugere a importância de colocar "atividades autênticas" na sala de aula. Atividades que se definem como "as práticas comuns de uma cultura" (Brown et al., 1989) e que são similares às que realizam os "práticos" de um campo de estudo ou de um tema. As atividades autênticas favorecem o tipo de habilidades de pensamento e de resolução de problemas que são importantes nos cenários fora da escola, sejam ou não, essas atividades, espelho do que os práticos fazem. É por isso que nos projetos de trabalho pretende-se que os alunos tenham atividades autênticas de aprendizagem, no sentido aqui apontado.<sup>7</sup>

Entendo que através da criação de um jornal para um público leitor real (outros alunos e professores do ICBV) os alunos possam engajar-se numa atividade autêntica, em busca de soluções para problemas concretos. Espera-se que, através desse projeto, o aluno entre em contato com diferentes materiais e estímulos, tais como Internet, revistas, programas de TV e pessoas da comunidade, e possa ter a oportunidade de usar a língua alvo para interagir com textos (escritos e orais) e expressar-se de forma mais autônoma.

Com os projetos de trabalho pretende-se percorrer o caminho que vai da informação ao conhecimento. Um caminho que pode transitar-se por diferentes vias, ou seguindo diversas estratégias (não utilizamos esse termo no mesmo sentido que se conhece por estratégias de aprendizagem, quer dizer, como via pré-fixada, baseada num treinamento cognitivo). Uma das estratégias mais relevantes seria a consciência do indivíduo sobre seu próprio processo como aprendiz. Consciência que não se estabelece no abstrato e seguindo princípios de generalização, mas em relação à história pessoal de cada um. Dado que este processo, baseado no intercâmbio e na

---

<sup>7</sup>

BROWN et al. *Situated cognition and the culture of learning*. Educational Researcher, 18(1), 32-42, 1989

interpretação da atitude diante da aprendizagem de cada pessoa, é singular (ainda que não único), não se pode reduzir a uma fórmula, a um método ou a uma didática específica. Somente pode ser abordado a partir de um ponto de vista diferenciado sobre quem aprende e o que se pretende conhecer. HERNANDEZ, (1998, p.4)

Através da execução do PCJ o aluno terá oportunidade de conscientizar-se do seu processo de aprendizagem e dar continuidade ao seu desenvolvimento. Espera-se que, nas atividades de busca por informações e interação com os colegas, ele se torne mais autônomo e, ao mesmo tempo, mais voltado ao trabalho coletivo, à construção conjunta do conhecimento e a ouvir e respeitar a participação do outro. A esse respeito, HERNANDEZ (1998, p.5) afirma ainda que:

Nos projetos de trabalho, assumimos uma perspectiva multiculturalista, que nada tem a ver com a folclórica aproximação entre culturas ou mero reconhecimento do pluralismo étnico ou cultural.(...) Podemos reconhecer a diversidade, frente à tendência a mostrar somente um ponto de vista.(...) Ter sempre presente que nossos valores culturais não são os únicos, que outros indivíduos, em nossa sociedade e em outras, têm outros valores culturais que também ajudam a dar sentido a sua "realidade". Porém, reconhecer esses valores não supõe, de forma automática, sua aceitação. Podem existir valores que alguns indivíduos considerem como "culturais", mas que suponham imposição de limitações à possibilidade de escolher de determinados grupos, dentro dessas sociedades.(...) o reconhecimento da diversidade não deveria ser passivo, mas ativo, diante da problemática dos limites da rejeição a esses tipos de postura e da própria dificuldade em encontrar e procurar um documento de concordância, um novo contrato social que serviria como modelo para a convivência. O que supõe, em definitivo, não evitar a tensão entre o reconhecimento da diversidade social e cultural e a necessidade de compartilhar alguns valores e respeitar algumas regras comuns.

Ter maior contato com a cultura da língua alvo e com o outro pode oferecer oportunidades para que os alunos não só reconheçam diferenças interculturais, mas também as

intraculturais, o que lhes permitiria conhecer-se melhor e aceitar as diferenças, ou pelo menos reconhecê-las de uma forma mais consciente.

Para BARBOSA (2004, p.10) no campo educativo a Pedagogia de Projetos tem, em grandes linhas, as mesmas etapas de qualquer processo educativo:

- a definição do problema,
- o planejamento do trabalho,
- a realização – coleta, organização e registro das informações,
- a comunicação e a avaliação.

A definição do projeto ou tema nos indicará os passos a seguir e é nesse momento que temos que considerar uma das mais importantes características do trabalho com projetos: **a flexibilidade**, a disposição de todos os envolvidos nesse empreendimento para manterem ou modificarem o rumo, as estratégias, os meios a serem utilizados para a consecução do projeto escolhido por eles. Essa forma de trabalho possibilita e exige uma participação mais ativa e coletiva de todos os que dele formam parte – alunos, professor/es, comunidade – o conhecimento e habilidades individuais são compartilhados e incentivados para atingir o objetivo comum de realização do projeto, que deve levar em conta o contexto onde está inserido o aluno, o contato com a realidade, os interesses e objetivos dos alunos para, assim, permitir a motivação e, conseqüentemente, o engajamento desse aluno ao trabalho. No caso que nos ocupa, a proposta de realização do PCJ partiu de mim, em função da necessidade de formar um aluno mais proficiente em sua produção textual, e foi aceita pelos alunos (como veremos mais adiante) por perceberem também essa necessidade como sua e estarem altamente motivados para o exame do Celpe-Bras e para como melhorarem seu desempenho em português em suas respectivas áreas de trabalho.

Após a definição do problema, torna-se necessário planejar o trabalho: como será realizado, em quanto tempo, quais as atividades previstas, quem se responsabilizará pelas diferentes atividades. Nesse momento, estabelecer um cronograma é fundamental, e ele será determinado em função do projeto em si e do tempo que contamos para executá-lo. Essa etapa, a execução do cronograma, é ainda mais importante e aqui entra o professor como um promotor de estímulos positivos para que os indivíduos responsáveis pelas diferentes tarefas cumpram-nas.

Outro momento crucial é a obtenção de um produto final, cuja natureza dependerá do projeto, assim como a sua divulgação, seja aos mesmos participantes do projeto, seja aos colegas que não participaram diretamente ou à comunidade. Esse fechamento possibilita ao aluno a sensação de trabalho realizado, da meta alcançada, e provavelmente o estimulará a participar de outros projetos.

O percurso determinará a necessidade de reformulações e aqui chegamos ao tema da avaliação, tema sempre complexo por todos os elementos que a envolvem e que tem características especiais no trabalho com projetos. A avaliação deverá incluir o cumprimento dos objetivos e o desempenho do aluno e do professor e deverá acompanhar todas as etapas do processo de realização do projeto — só assim poderemos fazer as reformulações necessárias.

No caso particular dos nossos alunos do ICBV, ainda encontramos fortemente arraigado e valorizado o sistema de provas com suas respectivas qualificações numéricas. Isso torna mais difícil fazer com que o nosso aluno aceite que a avaliação no trabalho com projetos deva ser realizada em forma contínua centrada no indivíduo, na valorização de outros aspectos que vão além do conhecimento demonstrado pontualmente através de uma prova que refletirá a competência do aluno em determinado aspecto, seja ele do uso da língua ou de determinado conteúdo gramatical trabalhado na sala de aula.

No trabalho com projetos devemos avaliar o percurso realizado pelo aluno durante o tempo em que desenvolveu o projeto. Por essa razão valorizei os seguintes aspectos na avaliação: a participação ativa dos alunos, o sentido de colaboração através do aporte de informação relevante para o projeto, o comprometimento com o trabalho e com o grupo, assim como outras habilidades demonstradas que permitiram o crescimento do grupo. Além disso, devemos analisar a relação entre os objetivos ou proposta inicial e os resultados obtidos individualmente e em grupo ao finalizar o projeto e a participação do professor nesse percurso. Essa forma de avaliação, com a qual nossos alunos não estão familiarizados, exige um constante estímulo à reflexão, tanto por parte do professor quanto dos alunos participantes do projeto. Essa reflexão deve passar por uma auto-avaliação de todos os integrantes, pois cada um tem uma interpretação e percepção de sua aprendizagem e a discussão sobre esses diferentes pontos de vista é fundamental para a avaliação global do que foi alcançado.

Além dos aportes da Pedagogia de Projetos, como o curso visava especificamente o desenvolvimento da produção escrita, apresento na seção seguinte, a visão de escrita e de aprendizagem que subjazem a esse trabalho.

## **2.2 O Processo da Escrita**

Partimos da premissa de que a leitura e a escrita são processos totalmente inter-relacionados, inseparáveis: ler para escrever — escrever para ler. Quando o indivíduo inicia seu processo de letramento ou de escolarização, no contato com a palavra escrita, a ênfase é dada aos significados que possam ter aquelas formas gráficas isoladas ou em conjunto. A partir de então se tornam inseparáveis. Tudo o que lemos é processado por nossa mente, alguns textos de fácil compreensão, outros impossíveis de processar se não tivermos certa quantidade de leituras prévias necessárias para que tenham sentido para nós. Se conseguirmos atribuir significado, a partir desse momento, esse texto fará parte de nossa bagagem de conhecimentos e o mais provável é que o utilizaremos se precisarmos escrever outro texto que faça sentido para nosso leitor ou leitores.

Da mesma forma a releitura do texto que escrevemos é uma constante na construção do mesmo, isso sem considerar as diferentes leituras feitas por outros leitores a quem vai dirigido nosso texto; algumas delas possíveis, outras improváveis ou não permitidas pelo próprio texto, mas até mesmo possíveis pelos contextos dos leitores.

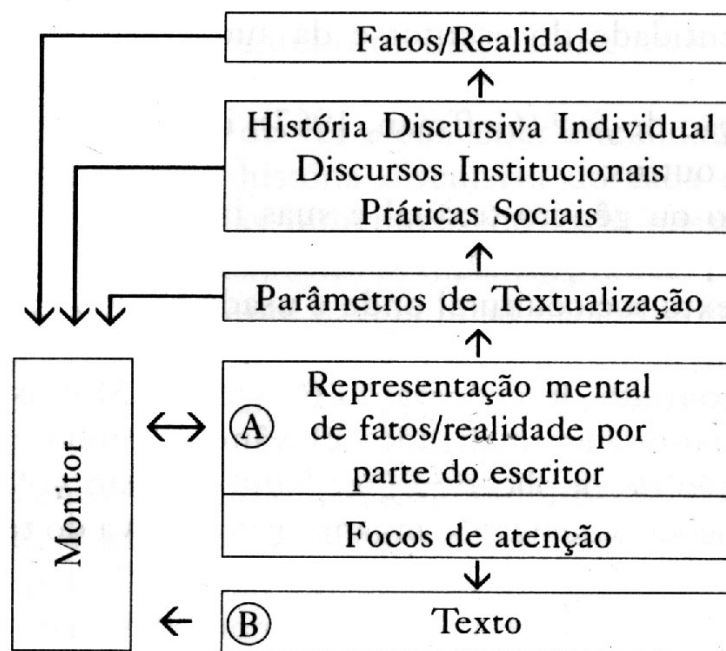
Por outro lado, ao escrevermos um texto, expressamos os valores e significados historicamente construídos. De acordo com MEURER (1997, p.16),

As práticas, os valores, os significados, as demandas, proibições e permissões existentes entre os diferentes agrupamentos sociais, por sua vez, exercem influência direta sobre os indivíduos que convivem dentro desses grupos. As práticas, os valores e os significados dos grupos sociais são expressos e articulados em grande parte através da linguagem.

Para o autor, o texto é a realização lingüística na qual se manifestam essas práticas. O texto é uma entidade física, a produção lingüística de um ou mais indivíduos, e o discurso é o conjunto de princípios, valores e significados “por trás” do texto. Essa distinção é interessante quando buscamos ensinar recursos textuais para expressar e reconhecer discursos subjacentes aos textos no intuito de tornar os alunos melhores leitores e escritores.

MEURER (1997, p.25) propõe o seguinte modelo de produção do texto escrito:

**Quadro 2. Rota inicial da produção de textos escritos**



MEURER (1997, p.25)

O escritor, a partir de uma motivação, interna ou externa, espontânea ou imposta, utiliza seus parâmetros de textualização decorrentes de sua história discursiva individual, suas práticas sociais e dos discursos institucionais onde se encontra inserido para selecionar alguns fatos e, com propósitos específicos, produzir um texto. Esse processo é controlado ou acompanhado por um aparato mental denominado monitor, que, consciente ou inconscientemente, controla as operações mentais de elaboração e reelaboração do texto escrito.

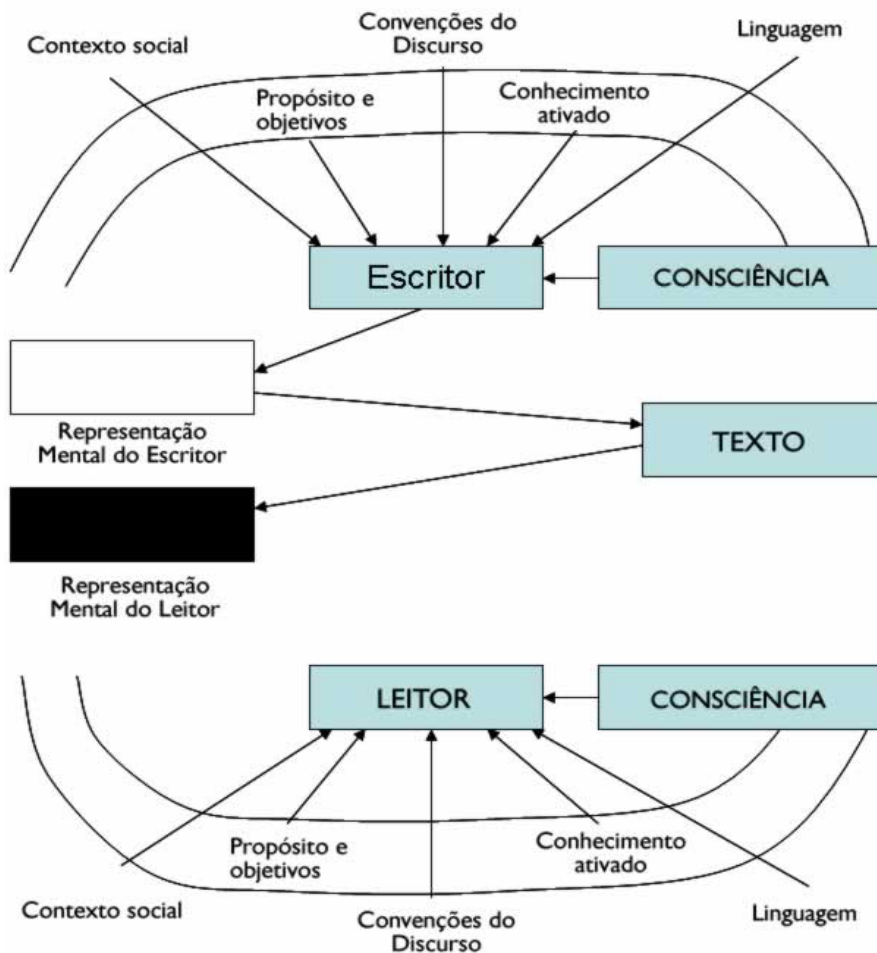
De acordo com FLOWER (1994), para que haja construção negociada do sentido, várias forças interagem. Consideremos os elementos pessoais e cognitivos do letramento associados às noções de expressividade, auto-descoberta, conhecimento pessoal com pensamento crítico, auto-conhecimento, intenções retóricas e arte. Esses elementos não somente estão interligados um com o outro, mas freqüentemente coexistem em uma difícil tensão com forças sociais e culturais identificadas com as impostas pela linguagem, pelo discurso, pela raça ou gênero, ou com a influência dos colaboradores e leitores, ou com o



papel formatador das convenções literárias e expectativas culturais. Através de uma dialética imprevisível, essas forças de alguma forma convergem e cooperam na construção do sentido. Em atos de cognição socialmente situados, os significados públicos e pessoais, convenções e originalidade estão sempre pressionando, configurando e influenciando uns aos outros.

No modelo a seguir, criado por FLOWER (1990), leitor e escritor constroem o significado na fronteira dos seus contextos sociais e culturais, da linguagem, das convenções discursivas. Esses elementos formam um círculo externo de influência em conjunção com um círculo mais imediato de propósitos, objetivos específicos e conhecimento ativado relacionados ao tema que está sendo desenvolvido. No modelo, ambos, leitor e escritor, constroem o significado na interação a partir de individualidades.

**Quadro 3. Modelo de construção do discurso de Flower et al.(1990, p.53)<sup>8</sup>**



**Flower et al.(1990, p.53)**

A comunicação escrita não permite uma retroalimentação entre o escritor e o leitor, uma vez que não compartilham um contexto situacional face a face: o escritor deve dirigir seu texto a um ou vários leitores possíveis e, assim, adequar o nível do seu texto ao suposto

<sup>8</sup>

Existe uma grande relação entre o modelo proposto por MEURER (1997) e o de FLOWER (1990, p.52), fato que MEURER indica no seu texto (p.21).

Decidi colocar aqui também o modelo de Flowers por pensar que é visualmente mais esclarecedor e didático e dá uma melhor idéia dos elementos participantes tanto no processo de construção do texto pelo escritor quanto no de decodificação por parte do leitor.

conhecimento prévio desse determinado público, sem possibilidades de um intercâmbio face a face. Assim sendo, o texto escrito permanece no tempo e se pode revisar várias vezes para apreender as idéias apresentadas pelo escritor, exigindo menos recursos da memória a curto prazo, uma vez que podemos recorrer ao texto cada vez que necessitarmos revisar algum aspecto de nosso interesse.

Devido a essa distância entre escritor e leitor, o autor, ao construir um texto, deve ser muito cuidadoso e tentar apresentar as informações de forma clara e organizada. O texto ideal deve ser altamente coesionado e estruturado, assim como ter uma organização hierárquica coerente, apoiando-se em todos os mecanismos disponíveis (marcadores anafóricos e catafóricos, conectores, marcadores de pontuação etc.) para estabelecer as relações intra e intersentenças. Essa elaboração cuidadosa também lança mão de uma maior riqueza léxica e uma sintaxe compacta, complexa e de estruturas fortemente coesionadas (HALLIDAY,1989).

Em uma perspectiva cognitivista de processamento de textos, VAN DIJK (1999) elaborou um conjunto de regras para a codificação e decodificação da língua. Na compreensão, sua teoria especifica detalhadamente como um indivíduo chega a compreender umas pequenas seqüências de orações, como capta o sentido global de um texto, como o armazena na memória e como extrai sua estrutura semântica. Todas essas operações são concebidas de uma forma ativa: o indivíduo não decodifica mecanicamente os signos da língua, e sim constrói o significado do texto em sua mente. O ouvinte ou o leitor formulam hipóteses sobre o que ouve ou lê e arriscando-se a predizer o que virá, elabora o significado global do texto.

Os autores também apresentam as habilidades produtivas como um conjunto de processos de reprodução, reconstrução e elaboração das informações já memorizadas. O indivíduo que fala ou está escrevendo elabora o texto a partir das idéias que pode lembrar, que estão armazenadas em sua memória. Reproduz as informações que lhe sejam úteis, que foram adquiridas há tempo com a compreensão de outro texto. Essa reconstrução é possível a partir das pressuposições e dos conhecimentos de mundo que possui e, finalmente, elabora-as de novo para produzir um texto original.

O modelo de VAN DIJK (1999) destaca o papel que desempenham a criatividade e a re-elaboração na produção textual. As idéias contidas num texto não surgem do nada, geradas a partir de um ato criativo num instante de inspiração, mas são basicamente o produto da re-

elaboração de informações antigas procedentes de outros textos. Isso não quer dizer que a criatividade não seja importante para a produção textual. Há escritores mais originais do que outros, assim como em determinados textos podemos ser mais criativos do que em outros. Contudo, a principal fonte de informação e de trabalho de um autor é seu conhecimento do mundo, sua memória, o conjunto de textos que tenha escutado ou lido.

Um dos conceitos básicos desse modelo é o de macroestrutura, isto é, o conjunto das informações mais importantes, ordenadas de uma forma lógica, elaboradas por um indivíduo para processar um texto. Para elaborar e desenvolver as macroestruturas, o indivíduo utiliza macroregras lingüísticas de compreensão e de produção. As primeiras permitem elaborar a macroestrutura de um texto já escrito: tirar dele as informações mais importantes, prescindir dos detalhes, generalizar. As segundas permitem desenvolver uma macroestrutura memorizada para construir um texto novo: concretizar idéias gerais, completar uma idéia básica com detalhes e exemplos.

No quadro a seguir apresentamos as macroregras utilizadas por VAN DIJK (1994):

#### Quadro 4. Macroregras da elaboração do texto

COMPREENSÃO DO TEXTO	PRODUÇÃO DO TEXTO
<b>Omitir.</b> Omitem-se todas as proposições que o usuário não considera importante.	<b>Anexar.</b> Anexam-se as proposições de detalhe que não representam proposições importantes no texto.
<b>Generalizar.</b> Uma proposição que contém um superconceito substitui as proposições que contém conceitos que estão englobados no superconceito.	<b>Particularizar.</b> Se dispusermos de um conceito geral podemos construir os conceitos parciais mais plausíveis.
<b>Construir.</b> Uma seqüência de proposições que indiquem requisitos normais, componentes, conseqüências, propriedades etc., de uma circunstância mais global, substitui-se por uma proposição que designe essa circunstância.	<b>Especificar.</b> É o caso mais simples de reconstrução da informação, já que esta pode se deduzir do marco correspondente com o que se fez a construção.

(VAN DIJK, 1994, p.160)

Como podemos observar, cada regra de compreensão é a inversão da que lhe corresponde na produção, o que nos indica os diferentes focos possíveis do escritor e do leitor. É importante salientar que, em uma perspectiva de leitura e produção escrita sociointeracional, todas essas ações estarão a serviço da proposta de leitura ou da produção de texto.

Posteriormente, VAN DIJK (1999) substituiu o conceito básico de macroregras pelo de estratégias, que são operações cognitivas mais flexíveis, permitindo a aproximação máxima do escritor, segundo seus interesses, à compreensão e produção do texto. As estratégias devem ser compreendidas como o resultado de um processo mental que recorre a uma variada gama de saberes e que tem como objetivo resolver um problema. As situações problemáticas têm o poder de mobilizar os indivíduos de forma imediata. No nosso caso, o

problema é a necessidade de nossos alunos criarem um jornal do ICBV, que envolve a concepção do jornal, seu desenho, a elaboração de textos tendo em vista o público alvo: seus colegas, professores e a comunidade em geral.

Incorporando à noção de escrita a figura do leitor, FLOWER (1979, apud CASSANY, 1999 p.130) diferencia a expressão da comunicação. Quando expressamos nosso pensamento através de palavras não significa necessariamente que ocorra a comunicação. FLOWER distingue dois tipos de prosa: a prosa do escritor e a prosa do leitor. A primeira é a expressão e a segunda a comunicação. A autora considera importante analisar a dois tipos de prosa porque isso pode nos ajudar a compreender melhor os processos cognitivos do indivíduo e pode, também, proporcionar-nos instrumentos para melhorar e ampliar as técnicas de ensino e aprendizagem da expressão escrita.

#### **Quadro 5. Características das duas prosas**

PROSA DE ESCRITOR		PROSA DE LEITOR
<b>Função.</b>	É a expressão escrita do autor para ele mesmo.	É a tentativa de comunicar a informação a um leitor.
<b>Estrutura.</b>	Reflete o pensamento do autor, o processo de descobrimento do tema.	Tem uma estrutura retórica, baseada no propósito do autor.
<b>Estilo.</b>	Utiliza palavras com significados pessoais para o autor.  O texto depende do contexto, que fica sem ser expresso.	Utiliza uma linguagem compartilhada com o leitor.  O texto é autônomo. Não é necessário o contexto para compreendê-lo.

**FLOWER (1979, apud CASSANY, 1999, p.130)**

Enquanto a prosa de escritor constitui um tipo de manifestação mais interna e reflexiva, a prosa de leitor é o tipo de expressão que utilizamos habitualmente para comunicarmo-nos e, por isso, exige que o escritor selecione informação e recursos lingüísticos e organize o seu texto tendo em vista o interlocutor.

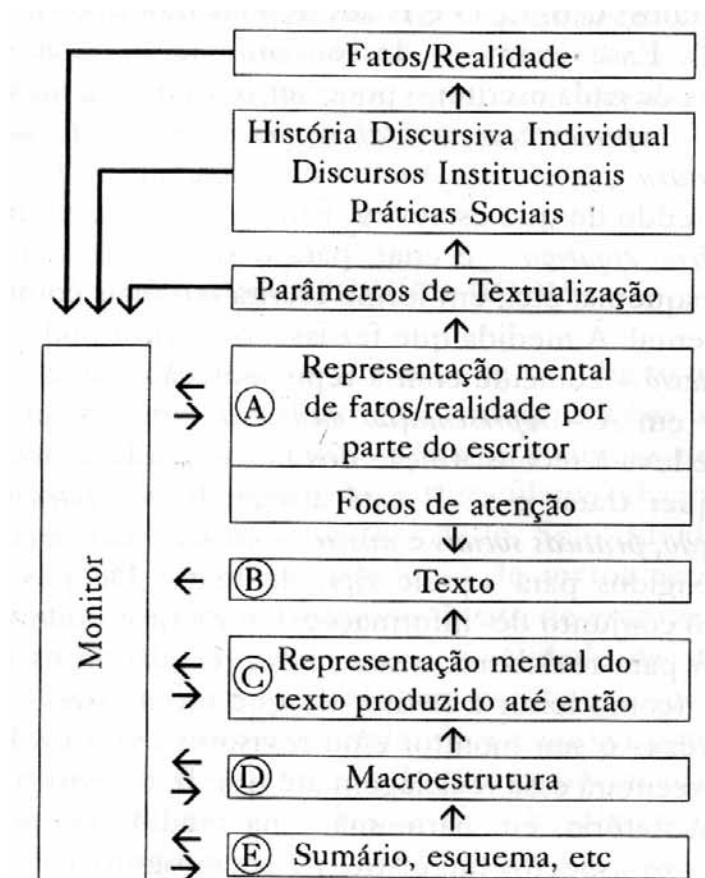
Em uma perspectiva de leitura e escrita como ações sociais, o propósito de um texto escrito para responder a uma necessidade comunicativa, o contexto social no qual se dá a

comunicação, o público ao qual vai dirigido o texto cobram importância. Tais aspectos são decisivos não somente para organizar e interrelacionar as idéias entre si, mas também para determinar o gênero de texto que vamos produzir e a linguagem que vamos utilizar.

Ao analisar o processo de leitura, GIBBONS (2002) resume as ações de um bom leitor. Participante ativo no processo, o leitor precisa atuar como decodificador, participante, usuário e analista do texto. Para decodificar o texto o leitor deve conhecer o código, ou seja, o alfabeto, as relações entre signos, os fonemas, mas isso não é suficiente. O bom leitor deve ser um participante ativo do processo, conectando o texto a seu conhecimento prévio de mundo, da cultura e do gênero textual. Como bom usuário de um texto, ele deve estar capacitado para participar de atividades sociais nas quais os textos escritos têm uma função destacada e atuar através de textos nos diferentes contextos sociais. E, finalmente, como um analista do texto, o leitor deverá ser capaz de ler criticamente, reconhecendo no texto o que não está dito, mas está implícito, pressuposto e saber reconhecer que qualquer texto representa uma visão particular do mundo e que os leitores também têm a sua posição quando os lêem.

Essas quatro ações desempenhadas pelo leitor também devem ser as de um bom escritor. Retomando o modelo proposto por MEURER (1997, p.25) em relação a produção de textos, apresento abaixo o modelo ampliado.

**Quadro 6. Diagrama do modelo de produção de textos**



MEURER, 1997, P.25

Ao passo que no primeiro modelo (ver p.24), Meurer esquematiza a rota inicial da produção de textos escritos, neste segundo modelo, o autor acrescenta os módulos C, D e E, indicando as operações para a recomposição e o polimento do texto, assumindo o escritor não somente como compositor, mas também como leitor de seu próprio texto.

Os módulos acrescentados representam uma teoria do processo de compreensão através da leitura. Resumindo, após produzir uma primeira versão do texto que está escrevendo (módulos A e B), o escritor experiente coloca-se na posição de leitor de seu próprio texto (módulos C, D e E). Através do monitor enriquecido pela consciência de *parâmetros de textualização* apropriados, das *práticas sociais* e dos *discursos institucionais* relevantes para a situação de produção e de consumo de cada texto específico, o escritor posiciona-se em C/D – *representação mental do texto produzido até então/macroestrutura* – analisa e/ou reanalisa a forma, função e conteúdo do que escreveu. A seguir pode ir para E –



*sumário, esquema* – e criar, para o seu texto, um esboço, resumo, esquema em forma escrita ou mental. À medida que faz isso, pode verificar se B – *o texto* - coincide com a representação que ele pretende criar em A – *representação mental de fatos/realidade*; se B realmente leva à reconstituição dos fatos/ realidade dos quais o escritor quer tratar e se B está adequado aos *parâmetros de textualização, práticas sociais e discursos institucionais* recomendados ou exigidos para aquele tipo de texto. E assim sucessivamente até o final do texto.

Na produção de textos em LE nossos alunos têm a limitante da utilização insegura do léxico, estruturas gramaticais e dos parâmetros de textualização utilizados na língua alvo (GIBBONS, 2002). Portanto, é fundamental expor nossos alunos a diferentes gêneros de textos para que se sintam familiarizados com os mesmos, para que possam compará-los com os de sua língua materna e, assim, sentir maior segurança no momento de usá-los.

BAKHTIN (2003, p.282-283), denomina de gêneros do discurso as diferentes práticas de uso da língua em atividades sociais concretizadas por meio de diferentes textos.

Falamos apenas através de determinados gêneros do discurso, isto é, todos nossos enunciados possuem formas relativamente estáveis e típicas de construção do todo. Se os gêneros do discurso não existissem e nós não o dominássemos, se tivéssemos de criá-los pela primeira vez no processo do discurso, de construir livremente e pela primeira vez cada enunciado, a comunicação discursiva seria quase impossível.<sup>9</sup>

Cada gênero textual tem um propósito específico, orientado a um objetivo que desejamos alcançar. Esse propósito definirá a sua estrutura particular, assim como os elementos lingüísticos que serão utilizados. Outra característica do gênero textual é ser compartilhado pelos membros de uma mesma cultura. Um fator muito importante a ser levado em conta é o interlocutor ou o ambiente em que os textos aparecem, e que também determina o gênero. Se, por exemplo, decidirmos contar um fato que lemos em uma notícia de jornal para um amigo

<sup>9</sup> Não fazemos distinção aqui entre os termos “gênero do discurso” e “gênero de texto”. Na literatura encontramos ambos os termos referindo-se às diferentes práticas de uso da língua (BAKHTIN,2003, p..282-283).

por escrito, poderíamos fazê-lo através de um e-mail e, devido às características do novo interlocutor e dos parâmetros de textualização de e-mails, teríamos que adequar a linguagem nova situação de uso.

Sendo assim, é mais do que justificado nosso PCJ no sentido de proporcionar aos alunos o contato com os diferentes gêneros textuais que podemos encontrar em um jornal, quais são: entrevistas, reportagens, cartas, editoriais, pesquisas de opinião, piadas, horóscopo, receitas, etc. (presentes no cotidiano desses alunos e também no exame Celpe-Bras) e, ao mesmo tempo, incentivá-los a usar a língua portuguesa em textos escritos com diferentes propósitos e visando um público alvo.

Para fins de meu trabalho adotei, portanto, a perspectiva sociointeracional da escrita que é uma atividade essencialmente social e interacional que se desenvolve em contextos comunicativos situados. Os alunos estarão envolvidos em uma atividade com um objetivo comum que os fará interagir com os colegas, professores e comunidade, construindo socialmente o sentido dos seus textos.

### **2.3 O Ensino e a Aprendizagem da Escrita em uma Língua Estrangeira (LE)**

A escrita se introduz na vida do ser humano em um período posterior à linguagem oral, para alguns mais tarde do que para outros, com maior ou menor significância, dependendo do meio onde o indivíduo se desenvolve e vive. Cada dia mais as exigências do mundo moderno obrigam os indivíduos a expressar-se em forma escrita para exercer a sua cidadania. Como já dissemos, no nosso caso, as exigências de trabalho dos nossos alunos lhes exige, e conseqüentemente nos obriga, a buscar formas mais eficientes para que possam desenvolver sua habilidade na produção de textos e, assim, atingir a competência na expressão escrita do idioma português, a fim de que possam usar o Português do Brasil. Muitas vezes as oportunidades que possa ter o indivíduo são determinadas por sua capacidade de produzir textos, expor idéias de forma clara e adequada ao contexto onde ele se encontra inserido.

Nós, como escritores, de acordo com BAKHTIN (1992) e conforme já dissemos, nos apoiamos ou apropriamos das idéias de outros, através da leitura ou da fala. Ao interagir, vamos reformulando ou reafirmando idéias, crenças e convicções. Tomando em conta esse

fato, poderíamos dizer que nunca estamos sozinhos na construção do sentido de um texto, conosco se encontra toda nossa experiência prévia registrada em nossa memória de longo prazo, da qual lançamos mão no momento de elaborar nossos textos. Portanto, acreditamos que o mais natural seria enfrentar o processo de aprendizagem da escrita de forma socializada, colaborativa, entre pares que se apóiam e ajudam, lêem e relêem os seus textos para poder combinar as prosas de escritor e leitor.

Os aspectos que deverão ser trabalhados em sala de aula incluem:

- a. **Conhecimentos envolvidos na produção escrita: gêneros textuais (propósito, interlocutor e formato); textualidade (coesão, coerência e intertextualidade) e recursos lingüísticos (léxico e gramática).**

Fazendo referência às convenções textuais, MARCHUSCHI (1983) nos apresenta os gêneros como entidades históricas, vinculados à vida cultural e social. Caracterizam-se muito mais por suas funções comunicativas, cognitivas e institucionais do que por suas peculiaridades lingüísticas e estruturais. Sendo de difícil definição formal a noção de gênero textual deve ser contemplada em seus usos e condicionamentos sócio-pragmáticos socialmente maturados.

MARCHUSCHI (2002) compartilha com outros autores (ver, por exemplo, BRONCKART, 2003; SCHNEUWLY, 2004) a distinção entre tipos e gêneros de textos.

**Tipo de texto:** é usado para designar uma espécie de seqüência teoricamente definida pela natureza lingüística de sua composição (aspectos lexicais, sintáticos, tempos verbais, relações lógicas). Abrangem algumas poucas de categorias conhecidas como: narração, argumentação, exposição, descrição, injunção.

**Gênero textual:** é uma noção propositadamente vaga para referir os textos que encontramos em nossa vida diária e que apresentam características sócio-comunicativas definidas por conteúdos, propriedades funcionais, estilo e composição característica. Se os tipos textuais são poucos, os gêneros são inúmeros. Alguns exemplos seriam: telefonema, sermão, carta comercial, carta pessoal, romance, bilhete, reportagem jornalística, horóscopo, receita culinária, bula de remédio, lista de compras, cardápio de restaurante etc.

Um mesmo gênero pode apresentar várias seqüências tipológicas. Por exemplo, em uma carta para um amigo posso narrar, descrever e argumentar, dependendo dos meus propósitos. Da mesma forma, há a possibilidade de intertextualidade inter-gêneros, uma mistura de gêneros diversos num dado gênero. Por exemplo, um romance pode incluir vários outros gêneros dentro dele (uma receita, uma entrevista etc.)

A proposta deste projeto de criação de um jornal, de trabalhar com gêneros jornalísticos, pode nos proporcionar a oportunidade de visitar diferentes gêneros textuais reconhecendo suas características, semelhanças e diferenças, possibilitando o desenvolvimento de um sentido crítico e a capacidade de analisar e tomar decisões no momento de escolher recursos lingüísticos, de forma mais adequada aos nossos objetivos.

SCHNEUWLY (2004) afirma que não podemos aprender naturalmente todos os gêneros com os quais convivemos e agimos no mundo. O autor defende a idéia de que os gêneros mais formais, incluídos os escritos e orais, devem ser ensinados de maneira sistemática para possibilitar ao indivíduo uma efetiva e eficiente forma de comunicar-se, interagir e, quem sabe, até modificar o mundo em que vive. Acreditamos que um projeto de criação de um jornal elaborado pelos alunos pode criar oportunidades de lidar com a língua em seus mais diversos usos autênticos no dia-a-dia, sensibilizando os alunos às diferenças e variedades existentes, observando o processo de produção de textos, comparando os gêneros utilizados em sua cultura com os da cultura da língua alvo e aprendendo a produzi-los de forma que desenvolvam a escrita na língua alvo e em sua própria língua materna.

De acordo com BAKHTIN (2003, p.266),

Na realidade os estilos lingüísticos ou funcionais são apenas estilos genéricos de determinadas esferas da atividade e comunicação humana. Em qualquer esfera existem e se aplicam seus próprios gêneros que respondem às condições específicas de uma esfera dada; aos gêneros lhes correspondem diferentes estilos. Uma função determinada (científica, técnica, jornalística, oficial, cotidiana) e umas condições determinadas, específicas para cada esfera da comunicação discursiva, produzem determinados gêneros, isto é, alguns tipos temáticos, composicionais e estilísticos de enunciados determinados e relativamente estáveis.

Nesse sentido cabe ao professor de LE promover oportunidades de uso da escrita para que os alunos possam desenvolver diferentes estilos, adequados aos interlocutores com os quais querem interagir. À medida que possam selecionar a linguagem adequada ao interlocutor, demonstrando critérios de coerência e coesão, utilizem a retórica exigida pelo contexto (narração, argumentação, exposição, descrição, injunção) e usem apropriadamente o léxico e as estruturas gramaticais, alcançarão seu objetivo de uma comunicação melhor e mais eficiente. Tomando esses aspectos como objetivos de ensino, serão esses mesmos aspectos que servirão de critérios de avaliação dos textos: adequação ao gênero textual, adequação discursiva e adequação lingüística (ver Manual Celpe-Bras, p.8).

**b. Processos envolvidos na produção escrita: planejar, escrever, reescrever e revisar**

Segundo o modelo cognitivo do processo de escrita proposto por HAYES e FLOWER (1980) e FLOWER e HAYES (1981), a escrita é considerada um processo que se apóia nos princípios de recursividade e flexibilidade. A escrita é uma ação dirigida à construção de significados que respondem a objetivos retóricos e situações particulares. Essa ação inclui três processos básicos: o planejamento, a tradução ou textualização e a revisão, que, por sua vez, implicam outros processos como a geração de idéias, a formulação de objetivos e a avaliação de produções intermediárias. O propósito do ensino da escrita, desde essa perspectiva, é desenvolver nos estudantes o conhecimento estratégico e capacitá-los para transformar seu conhecimento. Isto é, “a pessoa que escreve age através de um monitor ou mecanismo de controle que regula e dirige os distintos processos que vão se interrelacionando à medida que a atividade progride”. (CASALMIGLIA e TUSÓN, 1999, p. 82). Como vimos anteriormente, a atividade de monitoramento também está presente no modelo sociointeracional de Meurer (1997) e é colocada em prática, através da leitura, com o objetivo de recompor e polir o texto.

Revisar também é muito importante fazê-lo com outras pessoas porque os olhos, desde outra perspectiva, vêem coisas que nossos olhos não podem ver. Se aceitarmos que escrever é uma atividade social na qual participam diferentes pessoas, então, a revisão e o polimento de um texto também devem ser feitos em companhia de diferentes pessoas, de forma que no momento em que o aluno tenha preparado um rascunho, temos que buscar na aula uma

atividade na qual o aluno e o professor ou o aluno e seus colegas possam ler o que cada um escreveu, revisá-lo e, a partir dessas leituras, refazê-lo.

Quando revisamos estamos avaliando e, nesse momento, a nossa concepção de erro, tanto do professor como dos colegas participantes do processo é fundamental nas decisões que tomamos. Como um dos problemas que levantamos no início deste trabalho era a necessidade de alguns alunos prestarem o exame Celpe-Bras e por concordarmos com a proposta de correção usada nesse exame, privilegiamos e assim orientamos os alunos, a utilizarem os critérios de avaliação do exame, que tem um enfoque baseado na capacidade do aluno de demonstrar uma competência comunicativa na língua alvo.

O desempenho do candidato, no exame Celpe-Bras, é avaliado de forma global nas tarefas da Parte Coletiva, e a obtenção do certificado está condicionada ao equilíbrio entre o desempenho na Parte Coletiva e na Parte Individual (interação face a face). A classificação do candidato dependerá da qualidade do seu desempenho nas tarefas de compreensão e produção textual, tanto oral como escrita em três aspectos: adequação ao contexto (cumprimento do propósito de compreensão e de produção, levando em conta o gênero discursivo e o interlocutor), adequação discursiva (coesão e coerência) e adequação lingüística (adequação e variedade lexical e de estruturas gramaticais). Esse equilíbrio entre a compreensão e produção textual justifica, uma vez mais o trabalho com as habilidades integradas que tentamos desenvolver através da realização do PCJ.

Usar essa forma de avaliar os textos nos indica um efeito retroativo do exame Celpe-Bras no nosso contexto de ensino. Entende-se por efeito retroativo a influência ou impacto potencial que os exames exercem no currículo, no ensino e na aprendizagem (ver SCARAMUCCI, 2000) Segundo SCARAMUCCI (1999), as inovações educacionais não são conseguidas, automática e unicamente, através da implementação de propostas direcionadoras e exames externos. Seu efeito potencial inovador é limitado muitas vezes pela formação do professor, suas crenças, concepções e pressupostos. No nosso caso, o impacto do exame foi grande o suficiente para mobilizar toda uma Instituição, no sentido de oferecer uma formação aos seus alunos e professores mais condizente com a proposta do exame, com a qual concordamos plenamente: a avaliação da língua em uso, não centrada na aferição do conhecimento da língua com questões de gramática e vocabulário, e sim na capacidade do aluno de usar essa língua em contextos diversos.

É nesse contexto que propusemos o trabalho de correção em duplas, no qual cada aluno seria um leitor - escritor de seu próprio texto e do texto de seu colega, na tentativa de buscar a melhor forma de dizer o que fosse que quisessem dizer, a um terceiro leitor, nesse caso às pessoas que seriam as possíveis leitoras do jornal. Ao invés de lidar com correções apenas locais, limitadas a aspectos lexicais e gramaticais, foi proposto então que observássemos principalmente a adequação ao texto, ao propósito e ao interlocutor, observando a organização das informações em trechos coesos e coerentes.

### **c. Forma de trabalho em grupos/colaborativo**

Segundo FLOWER (1994), o planejamento colaborativo oferece uma estrutura conceptual para a compreensão das diferenças no planejamento dos textos a serem produzidos, interpretando o desempenho, diagnosticando problemas e reconhecendo padrões de crescimento dos escritores envolvidos no processo. Nessa forma de trabalho, um escritor lhe explica ou elabora seu plano (ou texto parcial) a um companheiro (como suporte). O suporte ouve, faz perguntas e o anima a que desenvolva seu plano.

O objetivo imediato da sessão colaborativa é desenvolver um plano mais elaborado e sofisticado retoricamente. Os escritores encorajam-se mutuamente a produzir textos “para dizer” alguma coisa no sentido de criar planos retóricos para “fazer coisas” por escrito, (1) enfocando seus propósitos, pontos - chave, público alvo e convenções textuais, e (2) tentando consolidar seus objetivos através da (3) reflexão sobre suas idéias e pensamentos. Esses três movimentos refletem os objetivos a longo prazo do planejamento colaborativo: ajudar todos os participantes do grupo a desenvolver estratégias para o planejamento construtivo e obter mais consciência de suas próprias escolhas.

A natureza social, colaborativa e apoiada dessa experiência é o eixo central do processo. Com essa experiência os alunos estariam atuando no que VYGOTSKY (1986) chamou de ZDP, Zona de Desenvolvimento Proximal, um espaço interacional no qual o indivíduo é capaz de desempenhar ações que estão além de seu nível de proficiência atual, através da assistência dos interlocutores. Entendemos que é através da assistência (ou andaimes) oferecida pelos colegas – fornecimento de itens lexicais, explicações, modelos, propostas de ajustes etc. –, durante o processo de construção de seus textos, que são criadas oportunidades

de aprendizagem, ou seja, momentos em que duas ou mais pessoas se engajarão no uso de estratégias retóricas para atingir seus objetivos. No nosso caso, isso significa criar oportunidades em sala de aula para a discussão de objetivos comuns e das formas de alcançá-los e para a assistência mútua constante no processo de produção de textos e em todas as demais etapas de elaboração do jornal. Tendo por base uma visão dialógica do processo de aprendizagem, é importante que o professor proporcione condições para que seus alunos interajam uns com os outros, interferindo e estimulando-os a interferirem, nos diferentes cenários, problemas, necessidades, potencialidades e limitações que se apresentam na medida em que avançam no processo de aprendizagem. Durante o processo de discussão das idéias e propostas apresentadas pelos integrantes das nossas equipes de escritores (duplas ou grupos de alunos), os integrantes poderão dar a assistência necessária uns aos outros para alcançar os objetivos pretendidos sem perder de vista uma visão mais ampla do quadro, que os ajuda a manter claro o propósito da escrita, o público alvo e as convenções textuais que querem utilizar, indicando o estágio atual em que se encontra o texto, revisando-o periodicamente, e chegando ao texto final satisfatório, tanto para o escritor como para o leitor.

Ainda quanto à forma de trabalho em grupo, de acordo com CASSANY (2000, p.18),

A linguagem é mais repetição do que criatividade. Em qualquer caso, o conceito de autor é difuso e a idéia de que escrevemos sozinhos é falsa. O escritor é alguém que se apodera das idéias dos outros, lendo, escutando e falando. Tomando em conta esse fato, o ensino da escrita deve ser visto como uma atividade social, não temos que isolar o estudante. A melhor forma de escrever é junto com alguém, o que não significa escrever permanentemente com uma pessoa ao lado tendo que negociar com ele todas as preposições ou verbos. O que podemos fazer em grupos é buscar idéias, negociá-las e depois deixar as pessoas sozinhas para que revisem seus textos. Se entendemos que a escrita é complexa, composta por muitos processos, podemos entender que há alguns processos, como a textualização – a redação - que podemos realizar de forma individual porque é muito difícil redigir com outras pessoas. Ao contrário, buscar idéias é muito mais interessante fazê-lo com outras pessoas.

No trabalho com projetos, o espírito de cooperação deve ser uma constante. A troca de idéias é permanente, nossas histórias individuais distintas nos fazem ter uma percepção do mundo também diferente. Podemos contribuir e mostrar outros pontos de vista aos nossos



colegas, permitindo assim que tanto eles quanto nós possamos enriquecer nossos textos, experiências e conhecimentos.

Antes de encerrar este capítulo gostaria de trazer, a questão da proximidade do espanhol e do português como uma especificidade importante para o ensino de PLE no nosso contexto. Segundo JUDICE (2002, p.38-39),

(...) podemos dizer que, ao entrar em nosso país, ao cruzar as fronteiras políticas - bem balizadas- o hispanofalante logo descobre que um outro território limítrofe, aquele situado em sua língua e cultura de origem e a língua e a cultura do Brasil, não está tão claramente delimitado. Percebe ainda, no quadro lingüístico e cultural em que acaba de se inscrever, uma alternância de áreas de luz e sombra, o que lhe dá uma sensação cambiante de segurança/insegurança ao tentar estabelecer comunicação em português, o que faz com maior rapidez que outros estrangeiros.

Essa sensação de insegurança e incertezas parece ser ainda maior quando estamos numa situação de não imersão e os participantes pertencem a uma mesma cultura. Sua própria língua e cultura, pela proximidade, favorecem a compreensão parcial ou total de componentes lingüísticos e extralingüísticos. No espanhol, segundo AMARANTE (1998, p.93), as palavras herdadas do latim constituem 23% do total das palavras: as emprestadas representam 41% e as criações vernáculas, 35%. A autora salienta, no entanto, que, se considerarmos o fato de que a frequência de uso das palavras herdadas do latim é de 81%, de que a frequência das emprestadas é de 10% e que aquela das criações vernáculas é de 8%, veremos que, embora o léxico herdado não seja majoritário, seu emprego é muito mais freqüente que o daquele dos outros tipos. Destaca ainda que, do total dos empréstimos, mais de 80% tem sua origem no latim, o que aumenta o percentual de elementos latinos. A autora prossegue, afirmando que a língua portuguesa apresenta percentuais bem próximos àqueles do espanhol, o que torna a aquisição do léxico do português por falantes de espanhol um processo relativamente fácil.

Acredito, portanto, que essa proximidade entre português e espanhol, o que promove uma certa intercompreensão entre os falantes dessas duas línguas desde o início do processo de aprendizagem, possa ser mais uma justificativa para o trabalho com projetos no intuito de promover um melhor desenvolvimento da produção escrita e oral dos alunos. Através da exposição a um grande número de textos de diferentes gêneros que vão ser trabalhados no decorrer do processo do PCJ, podemos incentivar os alunos a serem melhores leitores, a adquirirem uma maior segurança no uso da língua ao reconhecerem mais conscientemente as semelhanças e diferenças entre sua língua materna e

a língua alvo, e a trabalhar com as quatro habilidades de forma integrada. De acordo com FRIED-BOOTH (1986), uma das maiores vantagens do trabalho com projetos para a aprendizagem de uma língua estrangeira é a oportunidade que propicia ao aluno de desenvolver as quatro habilidades: compreensão auditiva, expressão oral, leitura e escrita de forma conjunta e interrelacionada.

Segundo ROTTAVA (2002), somente oferecendo possibilidades de uso real da língua, os aprendizes ficarão expostos a textos que lhes permitam saber como organizar os recursos lingüísticos e textuais adequados para negociar e construir sentido na língua alvo. Essa exposição ao maior número de textos possíveis, durante o PCJ, auxiliando o aluno a perceber as diferenças entre eles, os propósitos com que são escritos e os interlocutores que terão, deverá contribuir para uma maior autonomia e proficiência no uso da língua alvo.

### **3 METODOLOGIA**

O tema desta pesquisa é a produção textual de alunos do ICBV, através da criação de um jornal concebido e produzido pelos próprios alunos. O trabalho foi realizado em 2005, na sede do ICBV, na cidade de Caracas. O período de realização do trabalho foi de um trimestre (maio a agosto), aproximadamente 60 horas, divididas em 4 horas semanais.

#### **3.1 Objetivos**

No intuito de contribuir para os estudos na área de ensino de Português Língua Estrangeira (PLE) e para a preparação de alunos para a realização do exame Celpe-Bras, este trabalho teve como objetivos:

- Descrever como os alunos desenvolveram o projeto de criação do jornal do ICBV.
- Descrever as oportunidades criadas para a aprendizagem de produção escrita.

Com base na análise do desempenho dos alunos no curso e nos resultados obtidos no Celpe-Bras, busca-se refletir sobre a eficiência dos instrumentos, métodos e estratégias de ensino utilizados para o desenvolvimento da capacidade de expressão escrita, avaliar a possibilidade de trabalho com projetos nos outros níveis do curso oferecido pelo ICBV e oferecer ao corpo docente do ICBV metodologias de ensino contemporâneas com o foco no uso da língua portuguesa.

### 3.2 Participantes

Participaram do curso seis alunas provenientes do último nível (Nível 5) do curso Standard (CS), que é composto por um total de 300 horas, ministrado no ICBV, sendo algumas dessas alunas candidatas à realização do Celpe-Bras.

O grupo era do sexo feminino, com idades compreendidas entre 20 e 40 anos e nível de escolaridade universitário, duas delas com cursos de pós-graduação em Economia e Gerência. Após a realização do PCJ e término do curso, as alunas tiveram um período de dois meses antes da realização do exame de proficiência Celpe-Bras, em outubro de 2005. Todas as participantes atuavam em suas áreas respectivas: duas engenheiras aeronáuticas; duas administradoras, uma delas com especialização em finanças; uma engenheira de som; uma jornalista com pós-graduação em economia. Todas assistiam às aulas no turno da noite devido aos seus compromissos de trabalho. O número de alunas facilitava o trabalho em duplas, e desde o primeiro dia de aula elas próprias escolheram suas companheiras de trabalho, constituindo, assim, três duplas, as quais denominaremos: **Dupla 1 (MN)**, **Dupla 2 (SS)** e **Dupla 3 (CC)**.

A **dupla 1 (MN)** era muito homogênea, tanto no nível de proficiência do idioma português, como de integração. Bastante enfocada e interessada, assistiram a todas as aulas, entregando os trabalhos solicitados e cumprindo com as datas programadas.

A **dupla 2 (SS)** era mais dispersa, faltaram a aproximadamente 25% das aulas. Uma das integrantes apresentava maior proficiência, tanto oral como escrita, do que a outra. Não cumpriam com as datas, mas realizavam os trabalhos.

A **dupla 3 (CC)** demonstrava muito interesse e dinamismo. Tinham muita motivação, uma vez que ambas trabalhavam em empresas relacionadas com o Brasil e mantinham contato freqüente com brasileiros por via telefônica. Também faltaram a 25% das aulas, mas cumpriram rigorosamente com as datas de entrega dos trabalhos.

Posteriormente a **dupla 1** sugeriu que estendêssemos o projeto a todos os alunos do ICBV, para assim obter uma maior participação de todos, porém reservando-se o direito do Nível 5 de coordenar o projeto. Apesar de eu pensar que esse fato dificultaria um pouco o processo de realização do jornal, o projeto era das alunas e elas deveriam tomar as decisões. Decidi, portanto, aceitar mais esse desafio.

Vários alunos quiseram participar e apresentaram sugestões. Através de discussões com o grupo coordenador do PCJ (as alunas do Nível 5) decidimos que os alunos do Nível 1 escreveriam um artigo sobre turismo, uma vez que em seu programa regular de estudos, fazem uma pesquisa sobre as regiões do Brasil. As professoras foram orientadas para escolher os melhores textos produzidos por seus alunos no decorrer do trimestre para que esses então fossem convertidos em uma reportagem para o jornal. Os textos escolhidos foram dois e esses dois alunos realizaram o trabalho conjuntamente com a professora responsável, e com o grupo coordenador do PCJ, que posteriormente revisou o texto.<sup>10</sup>

Tivemos a participação também de uma aluna do Nível 3, que solicitou que publicássemos uma poesia escrita por ela. Orientamos a professora que atuasse como o par leitor-escritor dessa aluna, tentando intervir o menos possível no conteúdo para respeitar o estilo de escrita, uma vez que o gênero poesia admite maior liberdade de expressão lingüística. (Anexo 1, n.1, p.7)

Participaram também os alunos do Nível 2, que decidiram elaborar uma charge.<sup>11</sup>

### **3.3 Planejamento e Implementação do Projeto**

Para o planejamento do projeto foram seguidas as seguintes etapas:

- a. Levantamento bibliográfico e estudo relativo a critérios e metodologias de ensino e avaliação de textos, assim como fatores que incidem no processo de aprendizagem de uma língua estrangeira com o objetivo de obter um embasamento teórico que me permitisse desenvolver o projeto com maior segurança.
- b. Definição de critérios de avaliação a serem adotados para que os alunos habituados às avaliações centradas em conteúdos pudessem saber que teriam outras habilidades sendo avaliadas e quais eram.

---

<sup>10</sup> Não foi realizada nenhuma modificação de conteúdo, apenas de forma.

<sup>11</sup> Este trabalho também ficou sob a orientação da professora da turma, que recebeu as mesmas orientações das demais.. A charge não pôde ser publicada no primeiro número do jornal e foi publicada no segundo (ver Anexo 1, n.2, p.12)..

- c. Preparação dos materiais que seriam utilizados durante o trimestre com o objetivo de proporcionar leituras e tarefas prévias à realização do projeto de criação do jornal.
- d. Elaboração da proposta: o projeto de criação do jornal (PCJ) foi proposto para ser desenvolvido como parte integrante do Curso Standard, paralelamente ao programa estipulado para esse nível, o quinto e último, com 60 horas de duração, de dois encontros semanais de 2 horas, que prevê abordar os temas das lições 9 e 10 do livro Avenida Brasil 2. O projeto faria parte integrante da avaliação, com um peso maior na nota do que as provas baseadas no conteúdo da matéria. As alunas trabalhariam em duplas, escolheriam os temas sobre os quais desejassem escrever e, em um dos encontros semanais, trariam os textos elaborados para serem discutidos com a colega que conformava seu par. Uma vez definida a versão final entre as duas participantes, o texto seria apresentado ao grupo completo, que apresentaria sugestões, as quais, se aceitas pelo par, seriam adotadas. No decorrer das leituras realizadas abordaríamos alguns aspectos gramaticais que precisassem ser reforçados em função das necessidades surgidas.

Posteriormente, à medida que se desenvolveu o projeto, pela complexidade do projeto e pela ausência das alunas em dias alternados, tivemos necessidade de ampliar as discussões coletivas para os dois encontros semanais, para poder cumprir o cronograma e concluir o PCJ.

- e. Orientação e acompanhamento dos professores que mostraram interesse em participar na elaboração de alguns textos e avaliação das produções realizadas pelos seus alunos. Todas as etapas de implementação do projeto serão discutidas e analisadas no Capítulo 4.

### **3.4 Geração e Análise de Dados**

Durante o desenvolvimento das atividades elaborei um diário de campo com anotações sobre as atividades realizadas e sobre as reformulações dos textos que estavam sendo elaborados, observando e avaliando principalmente o progresso realizado pelos alunos na sua capacidade de produção escrita segundo os critérios de adequação discursiva, contextual e lingüística, com ênfase na adequação ao gênero utilizado e à capacidade de tornar mais claro

para os interlocutores (a colega e o grupo todo) as idéias expostas no texto. Foram analisados todos os textos e inseridos aqui os que considere relevantes para a discussão. Para cada texto, foram escritas pelo menos duas versões por dupla. Para alguns foram necessários até seis versões. O total de textos produzidos pelas três duplas foi de 20 textos.

Também foram feitas gravações em áudio de duas aulas, em que o grupo todo discutia os textos e de seis interações das duplas, com a finalidade de captar os momentos e a forma como se negociava a produção de textos. Os dados dessas gravações servirão de apoio às observações feitas por mim no diário, confirmando e/ou trazendo novas perspectivas para descrever o trabalho das alunas,

Foi solicitado também que as alunas gravassem as entrevistas realizadas para elaborarem suas reportagens, a fim de observar seu desempenho no uso da língua portuguesa em uma situação autêntica e poder analisar as alterações que efetuaram ao transformarem a entrevista em uma reportagem.

Por último, também foi feito um levantamento dos resultados obtidos pelos alunos no exame Celpe-Bras.

Todos os dados acima foram reunidos e analisados em conjunto no intuito de construir uma descrição do trabalho coletivo desenvolvido pelas alunas na criação do jornal e de analisar os resultados obtidos em relação às oportunidades de produção escrita que esse projeto propiciou ao grupo. Com base nessa descrição, poderemos avaliar o trabalho realizado e refletir sobre a possibilidade de ampliá-lo no futuro.

#### 4 A CRIAÇÃO DO JORNAL: UMA REFLEXÃO SOBRE A PRÁTICA

No início do curso do Nível 5 do ICBV, o projeto "Criação de um jornal do ICBV" (PCJ) foi apresentado às alunas que, imediatamente, mostraram-se muito entusiasmadas com a idéia. Deveríamos desenvolver o projeto paralelamente ao programa estipulado para esse nível, o quinto e último, como já dissemos, que prevê as lições 9 e 10 do livro Avenida Brasil 2, que é o material didático que utilizamos oficialmente no ICBV, além de alguns materiais adicionais reunidos em apostilas de leitura e exercícios gramaticais. Isso significaria um volume de trabalho extra, o que foi considerado pelas alunas como uma dificuldade, uma vez que todas tinham vários compromissos de trabalho e de estudo além do curso de português. Foi combinado que usaríamos ao máximo o tempo das aulas, a fim de não inviabilizar a realização do trabalho, e mesmo porque o trabalho com um projeto está baseado no trabalho coletivo, que, neste caso, seria feito através da formação de duplas que funcionariam como produtoras - leitoras dos textos a serem elaborados. Já no primeiro dia de aulas, as alunas estabeleceram as duplas de trabalho: **dupla 1 (MN), dupla 2 (SS) e dupla 3 (CC)**.

Além de a carga horária prevista para o Nível 5 — 60 horas, distribuídas em dois encontros semanais — permitir flexibilidade e ajuste do conteúdo às necessidades, preferências e dificuldades do grupo, criando oportunidades para a prática dos conteúdos vistos durante todo o curso, o capítulo 9 trata sobre a Mídia, o que vinha ao encontro do projeto de criação do jornal.

Como foi dito anteriormente, segundo BARBOSA (2004), o projeto foi planejado para seguir as etapas de escolha do tema ou definição do problema, planejamento do trabalho, realização – coleta, organização e registro das informações, comunicação e avaliação. Essas etapas foram ampliadas nos passos descritos a seguir:

##### a. **Práticas de leitura de gêneros textuais do meio jornalístico.**

Em primeiro lugar tentamos sensibilizar os alunos para as diferenças entre os gêneros discursivos em geral e, em particular, os mais usados no meio jornalístico. Para isso utilizamos textos de diferentes gêneros e de diferentes fontes (Jornais: Zero Hora, Folha de São Paulo, o Estadão e Revistas: Veja, Isto É, Êxito) e autores (CEREJA e MAGALHÃES,



2000) e (VERÍSSIMO, 2005 e LEÃO, 2005 entre outros)<sup>12</sup>. Proporcionamos discussões sobre os diferentes gêneros, a partir da leitura por parte de todas as alunas, que deviam escrever as respostas às seguintes perguntas: 1) com que objetivo o texto havia sido escrito? (propósito); 2) a quem poderia estar dirigido? (interlocutor); 3) que formato<sup>13</sup> estava sendo utilizado?; 4) qual seria o veículo mais provável de difusão?; 5) quais eram possíveis de serem encontrados em um jornal? Posteriormente discutiam suas respostas com a colega e em seguida fazíamos uma discussão em grande grupo para avaliar os resultados encontrados e chegar a reconhecer as diferenças de cada um dos gêneros revisados. A seguir, como exemplo, um dos materiais utilizados (CEREJA e MAGALHÃES, 2000, p.9-10), que reunia seis textos de diferentes gêneros que foram discutidos a partir das perguntas acima.

### Texto 1

#### Atrás do espesso véu

Disse adeus aos pais e montada no camelo, partiu com a longa caravana na qual seguiam seus bens e as grandes arcas do dote. Atravessaram montanhas. Chegando, afinal, à terra do futuro esposo, eis que ele saiu de casa e veio andando ao seu encontro. “Esse é aquele com quem viverás para sempre, disse o chefe da caravana à mulher. Então ela pegou a ponta do espesso véu que trazia enrolado na cabeça, e com ele cobriu o rosto, sem que nem se vissem os olhos. Assim permaneceria dali em diante para que jamais soubesse o que havia escolhido, aquele que a escolhera sem conhecê-la.

(Marina Colasanti, *Contos de amor rasgados*, Rio de Janeiro. Rocco, 1986, p.47)

### Texto 2

#### DISTORÇÃO

O salário não poderia ter nome melhor. Palavra que deriva do latim, da Roma antiga, época em que se pagavam com sal alguns serviços. É por causa dele que tantos sofrem desde que nos tornamos uma República. A conversa é sempre a mesma: um aumento no salário (renda) elevará os preços (inflação) no médio ou longo prazo. Será? Economicamente, não há dúvida de que tal fato tende a ser verdadeiro, mas, se houver concorrência também haverá pressão nos preços para baixo. Num primeiro momento, há uma tendência ao aumento, mas o preço cai depois.

Acho que os problemas continuam sendo os mesmos: baixo nível de competitividade, desvios fraudulentos de recursos públicos e "informalidade proposital" de alguns empregadores que não pagam os benefícios. [ . . . ]

Não venham ex-ministros e presidentes de órgãos públicos dizer que aumento de salário gera inflação, e ficar por isso. Vamos procurar mostrar a verdade, vivemos num país onde o poder está acima da lei, portanto, sempre que alguém aparece com uma solução boa, até mesmo óbvia, surgem pessoas distorcendo a essência.

Agostinho Cavalcante da Costa Jr., São Paulo (O Estado de São Paulo, 24/2/2000)

<sup>12</sup> Esses textos foram crônicas publicadas em jornais, revistas e alguns retirados da Internet durante o ano 2005.

<sup>13</sup> Entendemos aqui por “formato” as regularidades formais dos diferentes gêneros. Por exemplo, cartas apresentarem data, destinatário, abertura e fechamento, interlocução ao longo do teto; reportagens de jornal apresentarem título, linhas de apoio, fotos, legendas, boxes, etc.

### Texto 3

#### **GUERRA DO NARCOTRÁFICO CAUSA MAIS CINCO MORTES EM FAVELA**

Cinco pessoas foram mortas ontem numa chacina que deixou também seis feridos, na favela do Paraguai, na Vila Prudente, na zona leste da capital. Os assassinos fugiram e a polícia suspeita que a causa do crime seja a guerra pelo controle do tráfico de drogas, o mesmo motivo de duas outras chacinas ocorridas em favelas da região no ano passado. Houve mais de 30 tiros de pistola 45 e 38 e escopeta calibre 12, por volta das 14 horas. O litoral paulista teve mais uma chacina ontem: três pessoas assassinadas em Mongaguá.

(O Estado de S. Paulo, 26/2/2000)

### Texto 4

**P:** Como tirar manchas do piso de ardósia?

**R:** Em ardósias enceradas, as manchas podem ser causadas por produtos de limpeza que reagem ao contato com a cera, segundo Rudesindo Ferrio, da Pedra Faro. Para limpá-las, retire totalmente a cera com removedor até que a pedra volte ao natural. Depois aplique uma cera especial para ardósia. Produtos usados na dedetização também costumam manchar as pedras. Nesse caso, elas deverão ser polidas por empresas especializadas. Para prevenir manchas, a empresa colocadora deverá limpar o piso dos resíduos de cimento e aplicar uma camada de resina sintética especial para isso, que garante proteção por cinco anos.

(Cláudia, jun.1997)

### Texto 5

#### **Experiência para a hora do banho**

**Por que, quando cai espuma de xampu no chão molhado, a água ao redor dela se afasta e não se mistura?**

Resultado do coquetel de água com detergente, a espuma torna-se uma nova substância e, quando escorre para o chão, se estranha com a água pura. Guardadas as proporções, se pode dizer que é como jogar uma pedra num meio líquido. Ambos vão se repelir. Só que no caso da água e da espuma há como fazer a fusão. Basta que se agitem as duas juntas. "No boxe, elas ficam separadas porque a película do líquido é muito fina e só uma parte das bolhas entra em contato com ela", diz o químico Atílio Vanin, da Universidade de São Paulo. Mas basta esfregar o pé no chão para que tudo vire uma coisa só.

(Superinteressante,dez.1999)

Atividades como essas foram realizadas durante as três primeiras aulas, com o objetivo de sensibilizar as alunas a reconhecerem os diferentes gêneros que íamos empregar no PCJ e para que pudessem entrar em contato com parâmetros de textualização para

construírem seus próprios textos. Para tal, além dos aspectos focalizados nas perguntas acima, discutimos as diferentes formas de organização da informação, recursos lingüísticos para a construção da coesão e coerência dos textos e razões para as escolhas lexicais e gramaticais dos autores.

Esta etapa introdutória do projeto foi importante para seu desenvolvimento, pois permitiu o contato com diferentes textos, a conscientização sobre as características dos diferentes gêneros e sobre a relação entre o propósito e o interlocutor da escrita e a escolha dos recursos lingüísticos. Além disso, criou oportunidades para a discussão de critérios de avaliação dos textos e para a prática de revisão conjunta.

#### **b. Seleção dos temas e das seções do jornal**

Com o intuito de selecionar os temas a serem abordados e escolher o nome do jornal as alunas participantes do projeto decidiram realizar uma enquete com todos os alunos do ICBV, para consultá-los sobre os temas de sua preferência. Cada aluna do Nível 5 sugeriu três nomes, que foram levados ao grupo para sua avaliação e, posteriormente, foram reduzidos a três opções para serem apresentadas aos alunos que responderiam a enquete. Cada aluna também preparou um modelo de enquete e posteriormente, em uma reunião do grande grupo, condensaram as perguntas e fizeram uma enquete única. Como esse gênero não tinha sido analisado anteriormente, foi fornecido em aula um modelo que serviu para a discussão e explicitação de algumas características da enquete: uma pesquisa de opinião que deve ser realizada através de perguntas curtas e diretas; as respostas podem ser dadas de forma dissertativa, ou através da seleção de opções. A extensão da enquete dependerá do número de informações. No nosso caso, ela tinha o propósito de selecionar o nome do jornal e fazer um levantamento de temas de interesse.

Essa foi uma oportunidade para praticar e revisar as características do gênero, mobilizando assim os saberes necessários para realizar a tarefa. Além disso, a tarefa proporcionou várias oportunidades de negociação, pois a partir de três nomes e de três , enquetes, foi produzida uma e para isso as discussões para chegar a um consenso foram muito produtivas. No trabalho com projetos deve-se procurar chegar a decisões consensuais; caso contrário corremos o risco de que os participantes o abandonem por considerarem suas

opiniões preteridas ou pouco valorizadas pelo grupo. Nesse momento, o professor deve assumir o papel de árbitro e tentar levar a discussão em bons termos.

Essa etapa do projeto permitiu que a capacidade de síntese e a abertura para aceitar as sugestões das colegas fossem exercitadas. Uma das alunas, por exemplo, elaborou uma enquete de duas páginas, que depois de uma longa discussão, foi condensada em duas perguntas consideradas fundamentais pelas participantes do grupo. Nesse processo, houve correção de aspectos lingüísticos pelas colegas e também por mim, assim como reformulação de algumas perguntas para reduzi-las. Durante a discussão, foi trabalhado o vocabulário relacionado ao tema e dessa forma íamos realizando atividades escritas e orais. Todas essas ações refletiram a importância do trabalho coletivo, reforçaram a coesão do grupo e o sentimento de compromisso com algo que estava se gestando e do qual todas fazíamos parte. Era o primeiro passo concreto para o nosso objetivo final. A seguir, apresento uma das primeiras versões e o modelo final da enquete produzida pelo grupo para ser respondida pelos alunos do ICBV.

### ENQUETE

Nós somos estudantes do último nível de Português no Instituto Cultural Brasil -Venezuela estamos fazendo um jornal onde se informe aos estudantes, professores, empresas brasileiras que ficam na Venezuela e a todas as pessoas em geral, temas variados, agora nos queremos sua participação para que você ajude a escolher o nome para o nosso jornal.

- Temos três opções. Marque uma

1. Brasil Conosco
2. Gente Brasil
3. Imagem Brasileira

- Se você quer escreva otro de sua preferença:

---



---



---

- Quais assuntoa você gostaria de ler nesse jornal?

---

---

---

- Você gostaria de colaborar com algum artigo?

---

---

---

---

- Você gostaria que este journal fosse grátis?

Si \_\_\_\_\_ Não \_\_\_\_\_

Justifique sua resposta:

---

---

---

---

- Se você tivesse em suas mãos a decisão de fazer uma doação a esta idéia a faria? Em que forma?

---

---

---

---

- Quantos números por ano você pensa que deve de ter? Justifique.

---

---

---

---

- Acha bom ter classificados? Justifique.

---

---

---

---

## Enquete final apresentada aos alunos do ICBV

**ENQUETE**

Antes de tudo queremos agradecer-lhe por sua colaboração e o tempo emprestado. Como atividade final do nível 5, estamos fazendo um jornal do Instituto, por isso lhe pedimos sua ajuda, só tem que responder duas perguntas simples.

1.- Marque com um **X** o nome que mais goste para o jornal. Se gostar de algum nome pode agregá-lo ao final da lista.

a.- **Imagem Brasileira**  
 b.- **Gente Brasil** **X**  
 c.- **Brasil Conosco**

2.- Escolha 3 (três) temas que gostaria de ler neste jornal. Se quiser agregar algum outro tema pode escrevê-lo ao final da lista.

a.- <b>Arte e Cultura</b> <b>X</b>	b.- <b>Política</b>	c.- <b>Saúde</b>
d.- <b>Economia e negócios</b>	e.- <b>Turismo</b> <b>X</b>	f.- <b>Sociais e fofocas</b>
g.- <b>Classificados</b> <b>X</b>	h.- <b>Tecnologia</b>	

---

**Muito obrigada por sua colaboração!**

Como podemos ver, ao comparar ambas as versões, várias foram as alterações feitas e todas elas levaram em conta o propósito do texto e as características do formato desejado. Refletir sobre esses aspectos fez com que as alunas revisassem e aperfeiçoassem as primeiras versões até chegar a um texto mais adequado ao propósito pretendido. Esse processo envolveu a produção de um texto individual e de dois novos textos (primeira versão e versão final) elaborados coletivamente pelo grande grupo.

Uma vez que a enquete final foi produzida, fui designada pelo grupo para visitar as salas de aula para que os alunos respondessem a enquete e para comunicar a todos a idéia do projeto do jornal. A reação dos alunos das outras turmas foi muito positiva, inclusive vários alunos ofereceram-se para escrever artigos, poesias e reportagens para o jornal. Pedi que expressassem sua vontade de participar por escrito na enquete, com seus dados para contactá-los posteriormente com vistas a selecionar as contribuições que fossem de interesse para o jornal.

O resultado da enquete enriqueceu muito os temas que as duplas tinham proposto inicialmente. O grupo decidiu manter alguns dos temas que elas tinham escolhido durante as discussões para a elaboração da enquete (Arte e Cultura, Economia e Negócios, Turismo e Saúde), além de incorporar algumas sugestões dos alunos dos outros níveis, como História, Literatura, Humor, Esporte e Culinária. Quando reunimos as enquetes respondidas por aproximadamente 150 alunos do ICBV, fizemos uma reunião em grande grupo para analisar os resultados. Para economizar tempo, eu fiz o trabalho prévio de classificá-las e lhes apresentei os resultados já codificados para serem discutidos. Esse encontro também foi muito produtivo para fortalecer o grupo e foi, provavelmente, o mais conflitivo em termos de tomadas de posição e, por isso mesmo o mais produtivo em termos de negociações para chegar a um consenso. O assunto mais polêmico foi o título: apesar de o título “*Brasil Conosco*” ser o preferido do grupo, não foi o que obteve maioria na enquete. Surgiu, então, uma discussão ética sobre respeitar o resultado da enquete ou a preferência do grupo coordenador. Uma das alunas defendia a posição de que deveríamos simplesmente acolher o resultado da enquete, enquanto a maioria do grupo preferia usar o título “*Brasil Conosco*” pelo significado da palavra “conosco” (em espanhol, “conozco”, é a primeira pessoa do presente do indicativo do verbo conocer). Aproveitei o momento para proporcionar uma discussão sobre o uso de “conosco” em português, em contraste com as variantes “com nós” ou “com a gente”. Finalmente, após uma longa discussão, as alunas decidiram, por consenso, deixar o título “*Brasil Conosco*”.

As seções do jornal refletiram os temas selecionados, mas foram confirmados somente no momento da diagramação, pois nesta fase inicial ainda não tínhamos muito claro como seria exatamente o jornal. Era uma primeira experiência para todas e demos prioridade aos temas que seriam trabalhados de acordo às preferências das alunas para que estivessem o mais motivadas possível para realizarem seus textos.

A partir desse momento dividiram-se os temas por interesse das duplas e decidiram elaborar um dos temas em dupla e um outro individualmente, mas sempre apresentando-os para a colega desde o momento em que foi exposta a idéia do PCJ e a forma como trabalhariam. Posteriormente, o texto era apresentado ao grande grupo, quando eram feitas observações e correções com o objetivo de que o texto fosse o mais claro possível para o público leitor, tentando intervir minimamente no conteúdo e estilo da escrita, mas atentos ao

formato, propósito e interlocutores, a aspectos de coesão e coerência e também aos recursos lingüísticos utilizados.

### c. A produção dos textos

Durante o processo de escrita, a **dupla 1**, considerada por mim a mais proficiente, apresentou um desenvolvimento harmônico. Pareciam muito integradas e não divergiam muito. Os temas escolhidos por elas foram "*Ronaldinho Gaúcho*" e "*Influência brasileira em Caracas*" e seu objetivo era produzir um texto biográfico sobre o jogador de futebol e um texto informativo e biográfico sobre o paisagista Burle Marx, que criou o paisagismo de um dos parques mais frequentados pelos habitantes de Caracas.

A reportagem "*Influência brasileira em Caracas*" (p. 4 e 5 do jornal-ver anexo 1)<sup>14</sup>, feita em dupla, criou oportunidades para a prática de pesquisa e síntese, uma vez que pesquisaram oito sites de internet e produziram um texto de aproximadamente 5000 palavras, com o objetivo de dar uma visão geral da vida, obra e influência de Burle Marx no paisagismo de Caracas, fato desconhecido para a maioria dos alunos e público em geral.

A idéia desse tema partiu da discussão prévia dos temas que seriam abordados. As alunas insistiram em que, se o objetivo do jornal era que as duas culturas — a brasileira e a venezuelana— se aproximassem através do conhecimento e reconhecimento das diferenças e semelhanças, era importante buscar temas de aproximação, no sentido de mostrar esses pontos em comum. No caso o subtítulo "*Influência brasileira ao nosso redor*" expressa essa aproximação. A foto da capa foi feita por uma das alunas e as outras foram retiradas da Internet.

Quanto à reportagem "*Ronaldinho Gaúcho*" (vol.1, p.10 do jornal), realizada individualmente, a aluna teve como objetivo dar uma visão da dimensão humana do jogador que, segundo a opinião dela, gera muito interesse para o público em geral, pois normalmente as notícias são sobre os feitos do esportista e pouco se sabe sobre sua vida privada. Essa aluna pesquisou em alguns sites da Internet, reunindo informações, mas colocou sua perspectiva no texto ao selecionar o que lhe chamou mais a atenção. O box que aparece nesta página, como

---

<sup>14</sup> Todos os textos criados estão no jornal em anexo.



também o da página 5, foi criado no momento da diagramação, com o objetivo de preencher o espaço, e para ressaltar algumas informações e os sites da Internet que os leitores poderiam visitar, objetivando sempre a busca autônoma por novos conhecimentos e informações.

O texto individual de outra aluna da dupla foi uma crônica humorística (p.15 do jornal) intitulada, antes de ser discutida pelo grupo, "*Os Perigos da Automedicação*". O texto foi lido pela colega da dupla, que propôs algumas correções de aspectos lingüísticos. Posteriormente, se fez uma discussão em grande grupo, e todas opinaram que, em geral, estava bem, mas que o penúltimo parágrafo poderia ser melhorado para dar mais senso de humor à crônica. O grupo, então, fez algumas observações pontuais e deu sugestões de como tornar o texto mais divertido. O grupo observou também que o título parecia muito sério para uma crônica humorística e sugeriu que fosse trocado por outro.

A seguir transcreveremos um dos parágrafos da versão original e o mesmo parágrafo após as alterações e como foi publicado.

- 1 " *Os Perigos da Auto-medicação*"
- 2 "... *O caso de um amigo que foi, de um lado, dramático,*
- 3 *e de outro engraçado. Depois de estar na praia, a pele*
- 4 *dele ficou queimada, e um conhecido lhe recomendou*
- 5 *usar amido. O problema foi que ele combinou o amido*
- 6 *com água, e quando esta pasta se secou, se transformou*
- 7 *em grude, e a coisa ficou muito pior. Aí ele tomou a*
- 8 *decisão de ver um médico, e foi ao Hospital Universitário,*
- 9 *onde lhe disseram que trocasse a roupa toda, por uma*
- 10 *bata, e depois saísse à sala para que fosse visto pelo*
- 11 *médico e pelos estudantes de medicina. Para azar dele,*
- 12 *é um homem muito alto e a bata lhe ficava curta, e quando*
- 13 *saiu em frente das pessoas, o médico, muito aborrecido,*

14 *lhe disse: “Cubra-se, homem!”*

O parágrafo definitivo:

1       “Automedicação? Comigo não!”

2       “... Também posso lhes contar o caso de um amigo que foi,

3       por um lado dramático, e por outro engraçado. Depois de

4       estar na praia, a pele dele ficou queimada, e um conhecido

5       lhe recomendou usar amido. O problema foi que ele combinou

6       o amido com água, e quando esta pasta se secou, se transformou

7       em grude e a coisa ficou muito pior. Aí ele tomou a decisão

8       de ver um médico e foi ao Hospital Universitário, onde lhe

9       disseram que trocasse a roupa toda, inclusive as cuecas,

10      por uma bata, e depois saiu à sala para que fosse visto

11      pelo médico e pelos estudantes de medicina. Para azar dele,

12      é um homem muito alto, de quase dois metros, a bata lhe

13      ficava curta, à altura do umbigo e quando saiu em frente

14      das pessoas, o médico, muito aborrecido, *lhe disse:*

15      “Cubra-se, homem!”

Os trechos sublinhados na segunda versão são as partes que a aluna corrigiu e acrescentou ao texto para torná-lo mais explícito e, conseqüentemente, dar uma melhor idéia da situação em que se encontrava a personagem. Essa experiência proporcionou à aluna, segundo sua auto-avaliação, a possibilidade de exercitar sua criatividade, expondo sua idéia através de um formato bastante veiculado pela mídia impressa, mas que pela primeira vez ela tinha escrito. O suporte oferecido pelo grupo, tentando, através da discussão coletiva, adequar melhor o conteúdo ao gênero que estava sendo utilizado, permitiu a essa aluna a oportunidade de reformular seu texto e crescer no sentido de exercer, com competência, uma atividade nova para ela e para a qual não se sentia capacitada. Nesse caso, a aluna escreveu/reescreveu o texto três vezes.

Situações como essa ocorreram ao longo de todo o processo, e isso nos faz refletir sobre a importância da avaliação e auto-avaliação constante dos alunos no trabalho com projetos. Não podemos simplesmente observar o resultado final e dizer que ficou bom, ótimo, ruim ou péssimo. Nenhum desses adjetivos (ou notas equivalentes) reflete, por exemplo, o grau de participação de cada indivíduo, as etapas de construção do texto, o que aprendeu nesse processo; nem pode diferenciá-lo do coletivo no processo de produção de um texto ou do jornal, já que cada percurso é diferente e único. Manter o foco não só no produto final, mas em todas as etapas do processo de realização do projeto, levando em conta a participação constante do aluno em busca das soluções para o problema a ser resolvido é a forma de manter uma coerência entre os critérios de avaliação e o trabalho proposto.

A **dupla 2** escolheu escrever duas reportagens. Uma delas, "*O Culto ao Corpo*", (vol.1, p.8 e 9 do jornal) foi baseada em informações retiradas de diferentes fontes e organizadas pelas alunas. A escolha desse tema foi em função da grande preocupação que tem o povo venezuelano com o cuidado corporal e a beleza física, e elas queriam tratar desse assunto em ambas as culturas, tanto a brasileira quanto a venezuelana, cumprindo assim um dos objetivos do jornal, que é conhecer-se mutuamente.

Este trabalho foi, talvez, o mais exigente em volume de leitura, pela grande quantidade de material que se encontra na mídia e na Internet sobre o tema "Beleza e Saúde". O propósito desse texto foi dar dicas sobre os cuidados pessoais que podemos lançar mão para manter nosso corpo em boa forma, abarcando vários aspectos desse tema, o que as obrigou a exercitar sua capacidade de pesquisa e de síntese. Acreditamos também que o fato de terem de ler tantos artigos permitiu que pudessem adquirir mais vocabulário e uma maior fluência na língua. Quanto ao gênero, observamos que houve um híbrido entre apresentação de informações e de conselhos ou dicas a serem seguidas. O texto ora se torna impessoal, quando apresenta a informação, ora se dirige diretamente ao leitor, quando sugere a dica ou conselho. Essa possibilidade existe dentro do gênero reportagem e isso foi discutido pelo grupo. A escolha do título ficou a cargo da dupla, que queria, outra vez, tentar relacionar seu texto com o conhecimento que tinham das culturas envolvidas. Os venezuelanos são reconhecidos como pessoas muito preocupadas com sua aparência pessoal e essa era a idéia que elas queriam deixar explícita em seu texto. Os subtítulos também foram elaborados pelas autoras e reorganizados no momento da diagramação para aproveitar melhor os espaços.

Em relação a aspectos lingüísticos locais, nessa etapa do curso, os alunos ainda apresentam, normalmente, muitos problemas com o uso das contrações, pronomes demonstrativos e certa interferência de sua língua materna, o espanhol. Isso pode ser observado no parágrafo aqui reproduzido extraído do texto inicial "*Culto ao Corpo*":

1 " *Faça exercícios regularmente...*  
 2 *Por o menos 45 minutos ao dia, três vezes por semana, este*  
 3 *não só lhe vai ajudar a emagrecer, se não também, a prevenir*  
 4 *algumas doenças e a ter mais energia no dia.*  
 5 *Seguindo todos estes conselhos vai garantir, sem dúvida,*  
 6 *uma melhor quantidade de vida, e pouco a pouco vai mudar*  
 7 *seu jeito de pensar, até que cada uma de estas coisas lhe*  
 8 *resultem algo natural."*

Depois da discussão em grupo, seguindo a orientação de seus colegas, as alunas refizeram o texto que ficou com esta forma definitiva:

1 "*Faça exercícios regularmente...*  
 2 *Pelo menos 45 minutos ao dia, três vezes por semana,*  
 3 *isto não só vai lhe ajudar a emagrecer, mas também,*  
 4 *a prevenir algumas doenças e a ter mais energia*  
 5 *durante o dia.*  
 6 *Pouco a pouco, você vai condicionar sua mente, até que*  
 7 *cada uma destas coisas lhe resulte natural."*

Ao contrastar ambas as versões, podemos observar que as alunas optaram por eliminar parte da última frase, deixando o que lhe pareceu mais importante, e solucionaram os problemas relacionados ao uso de contrações, pronomes demonstrativos e colocação pronominal. O processo de elaboração desse texto foi um dos mais longos e trabalhosos, devido à quantidade de informações as quais as alunas tiveram acesso e que tiveram que ler e, também, às decisões que tiveram de tomar sobre qual enfoque dar para selecionar as informações. O texto foi feito e refeito pela dupla aproximadamente seis vezes e após ter sido apresentado ao grupo, duas vezes mais.

A outra reportagem realizada pela mesma dupla foi "*O Chimarrão: Tradição além das fronteiras gaúchas*" (vol. 1, p.16 do jornal) baseada numa entrevista com uma professora gaúcha que mantém o hábito de tomar chimarrão, levando-o freqüentemente à sala de aula, fato que chama muito a atenção dos alunos.

Cabe observar que uma das integrantes desse grupo participou muito menos do que a outra, tanto na freqüência às aulas, quanto na produção dos textos. Esse fato prejudicou muito o trabalho de releitura pela colega e pelo grande grupo, uma vez que não traziam os textos para serem discutidos nas datas determinadas. Assim que, praticamente, os artigos foram feitos por somente uma das participantes e com pouca discussão da dupla. Aqui cabe trazer à reflexão o tema da motivação que possa ter cada indivíduo na realização de uma atividade. Segundo NOGUEIRA (2005), a capacidade de projetar presente nos seres humanos ó ocorre em função de uma motivação que os leva a agir para alcançarem seus objetivos. O trabalho com projetos não escapa a essa premissa, nem todos os alunos terão a mesma motivação e interesse pelos temas ou problemas propostos. Os alunos são indivíduos com particularidades, histórias, personalidades e interesses distintos e, se o tema ou problema não estiver ligado a eles, por razões pessoais ou do contexto no qual se inserem, não obteremos a motivação necessária para que participem do projeto seja ele qual for. O fato de que o envolvimento dos alunos não se produz da mesma forma é freqüentemente levantado como um dos problemas de trabalhar com projetos, mas entendo que esse desinteresse também acontece nas aulas mais tradicionais, mas muitas vezes não fica tão evidente.

Para elaborar a reportagem sobre o chimarrão, as alunas realizaram, em um primeiro momento, uma entrevista com a professora antes mencionada na qual ela descrevia todos os passos para fazer o chimarrão. As alunas registraram esses momentos com fotos, porém, no momento de transformar a entrevista em reportagem, apresentaram as orientações dadas pela

professora no sentido do preparo do chimarrão sem mencioná-la, o que produz uma falta de contextualização que pode confundir o leitor. A não menção da entrevistada deveu-se à falta de discussão posterior à elaboração do texto, oportunidade em que se poderia ter trabalhado as formas de discurso reportado, os verbos *dicendi*, e a reordenação dos conteúdos, por exemplo. Foi possível constatar aqui a importância e, neste caso, a falta que fez o trabalho coletivo para criar mais oportunidades de aprendizagem e de revisão e polimento do texto produzido. Segundo as alunas esse texto passou por três versões até a final que, como foi dito, não foi discutida e analisada pelo grupo.

Para a confecção do box, as alunas incluíram algumas informações adicionais que encontraram na Internet durante a pesquisa realizada.

A **dupla 3** foi bastante polêmica: havia muita divergência, tanto em relação ao gênero a ser utilizado, como na produção escrita do texto "*Agora fazer negócios com o Brasil é possível*" (vol.1, p.3 do jornal). Uma das alunas queria apresentá-lo em forma de reportagem, enquanto a outra queria simplesmente publicar a entrevista, tal como a realizaram. Ao final, depois de muitas discussões, conseguiram chegar a um acordo e optaram pela reportagem.

O fato de as duas integrantes do grupo serem especialistas em economia tornava as discussões mais radicalizadas, pois tinham pontos de vista e opiniões muito bem formados sobre o assunto, além de serem muito voluntárias. Na verdade, foram essas as alunas que deram maior impulso à realização do jornal, o que foi fundamental para que ele acontecesse.

O interessante na elaboração deste texto foi a mudança da fala (entrevista) para a escrita (reportagem apresentando as informações fornecidas pelo entrevistado). Primeiramente, as alunas elaboraram as perguntas que fariam ao entrevistado, priorizaram os aspectos que, de acordo aos interesses que tinham (ambas trabalhavam em empresas de importação – exportação), eram importantes para as pessoas ou empresas que desejassem fazer negócios com o Brasil. A entrevista foi gravada e uma das alunas transcreveu a mesma, pois esse seria o subsídio com que contavam para elaborar o texto da reportagem com as informações dadas pelo entrevistado. O segundo passo era transformar a entrevista em um texto escrito. Segundo MARCHUSCHI (2004, p.46), “o que fazemos nesse momento é uma retextualização, “traduzir” de uma modalidade para outra, permanecendo, no entanto, na mesma língua”. Essa operação é complexa e exige do produtor do texto clareza com respeito

ao gênero que está utilizando, o propósito do texto e o veículo no qual será inserido o texto (o jornal). Aqui agem algumas estratégias de regularização lingüística relacionadas à norma lingüística padrão. A seguir se realizam outras operações que afetam as estruturas discursivas, o léxico, o estilo, a ordenação tópica, a argumentatividade, produzindo a transformação na forma e na organização do conteúdo. Como podemos observar, as alunas para produzir o texto tiveram de realizar ações bastante complexas e que, uma vez mais, proporcionaram a possibilidade de trabalhar as habilidades integradas desejáveis no processo de aprendizagem da língua alvo.

Segundo MARCHUSCHI (2004, p.94), no referente aos aspectos gerais de reestilização e relexicalização, um texto falado, ao passar para um texto escrito, diminui em volume e extensão. No caso da entrevista para a reportagem "Agora fazer negócios com o Brasil é possível", foi o que aconteceu: o volume da entrevista era muito maior e a retextualização para o gênero reportagem exigiu um enxugamento, como podemos ver na transcrição de parte da entrevista e o parágrafo correspondente da reportagem, a seguir:

- 1 *P: E quais são os setores mais favorecidos agora*
- 2 *com os códigos alfandegários?*
- 3 *R: É...alfandegários. Quais são os setores mais favorecidos...*
- 4 *Aí, varia de país a país e varia de...por exemplo, a Venezuela*
- 5 *com o*
- 6 *Brasil tem uma tabela e a Venezuela com já*
- 7 *a Argentina já tem outra.*
- 8 *Então é variável de país a país. Por que é variável? Aí é difícil,*
- 9 *a gente tem de analisar porque é variável e comparar um com*
- 10 *o outro. Porque cada país teve a oportunidade de proteger*
- 11 *algum setor que fosse mais sensível.*
- 12 *E o Brasil, por exemplo, ele tá diminuindo as tarifas para*
- 13 *o acesso ao mercado brasileiro em até 8 anos, ou seja,*

13 *daqui a 8 anos todas as tarifas vão estar zeradas.*  
14 *Já os países da CAM, incluindo a Venezuela*  
15 *estão para 15 anos. Por quê? Porque para dar*  
16 *um prazo maior pras empresas venezuelanas,*  
17 *para se adaptarem a um comércio aberto, né? Agora, a idéia*  
18 *minha, inclusive, do ponto de vista prático foi essa, ou seja, se*  
19 *a gente quer comprar, então vamos diminuir os impostos que*  
20 *nós cobramos daqueles produtos, então, os produtos*  
21 *venezuelanos vão estar entre 4 e 8 anos completamente*  
22 *livres de impostos para estimular exatamente o aumento*  
23 *do comércio.*

Esse extrato da entrevista foi retextualizado pelas alunas no seguinte parágrafo da reportagem "*Agora fazer negócios com o Brasil é possível*":

#### ACORDOS BILATERAIS

Incentivando o intercâmbio industrial e comercial entre o Brasil e a Venezuela.

##### 1.- ACE 59 (Acordo de complementação econômica)

Foi assinado pelos países da Comunidade Andina e os países do MERCOSUL. Entrou em vigência no 2005 no âmbito da ALADI. Com este acordo se fez um a programação do que se chama redução tarifária. A idéia é ir diminuindo pouco a pouco as tarifas de importação de modo que entre 8 e 15 anos as tarifas de todos os produtos sejam 0, entre todos os países do Mercosul, procurando o livre comércio.

[www.seniat.com/aduanas](http://www.seniat.com/aduanas)



O número de palavras contidas no extrato da entrevista era de 225 que, ao serem, retextualizadas na reportagem, foram reduzidas a 95. Isso significa uma redução de aproximadamente 57% do texto original, o que exige do aluno uma boa capacidade de síntese e de seleção de informações, para não perder os aspectos mais importantes apresentados pelo entrevistado na definição do acordo em questão. Esse texto, também, exigiu muitas versões, as alunas o escreveram/reescreveram aproximadamente quatro vezes e, após ser apresentado ao grupo, foram necessárias duas versões mais até a final.

Segundo MARCHUSCHI (2004, p.77-89), no modelo proposto por ele, temos 9 operações textuais-discursivas na passagem do texto oral para o texto escrito: a eliminação de marcas estritamente interacionais; introdução da pontuação com base na intuição fornecida pela entoação das falas; retirada de repetições, redundâncias, paráfrases; introdução da paragrafação e pontuação detalhada, sem modificar os tópicos discursivos; reformulação objetivando explicitude; reconstrução de estruturas truncadas, reordenação sintática; substituição visando maior formalidade; reordenação tópica do texto e da estrutura argumentativa. Além dessas operações, o autor propõe mais 3 operações especiais envolvidas no tratamento dos turnos de fala nas atividades de retextualização, a saber:

**Técnica I:** manutenção dos turnos. É a transposição dos turnos tal como são produzidos, abolindo as sobreposições, mas com uma seqüenciação por falantes, introduzindo segmentos encadeadores a título de contextualização, podendo haver fusão de turnos, sobretudo os repetidos.

**Técnica II:** transformação dos turnos em citação de fala. É a eliminação dos turnos com acentuada manutenção das falas num texto sem a estrutura dialógica geral, mas com indicação precisa de autoria das falas.

**Técnica III:** transformação dos turnos em citação de conteúdo. É a eliminação dos turnos e introdução generalizada das formas do discurso indireto, com criação de conteúdos através dos verbos dicendi e surgimento de um texto totalmente monologado, com reordenação dos conteúdos e do léxico.

No caso das minhas alunas, o texto foi totalmente modificado mantendo apenas as idéias que elas consideraram mais importantes. Portanto, utilizaram a terceira técnica, eliminando completamente os turnos, reordenando os conteúdos e o léxico. Consideramos

essa transformação bastante complexa: esse processo na busca de outros itens lexicais, sem perder a informação considerada mais importante para o propósito de informar sobre as possibilidades de negócios entre a Venezuela e o Brasil, obrigou-as a trabalhar em conjunto para buscar as melhores soluções para a produção do texto.

Além disso, a entrevista criou uma oportunidade de comunicação direta com um falante de português diferente do professor, em uma situação na qual deveriam elaborar e expor uma série de perguntas ao entrevistado, interagir com ele adaptando-se a sua variedade de fala e as suas respostas— uma oportunidade de praticar as quatro habilidades de forma integrada: ouvir e falar com o entrevistado e, depois, escrever o texto baseado na entrevista, lendo-o para os ajustes necessários.

As alunas estavam realmente entusiasmadas e referiram ter se sentido gratificadas ao poderem realizar a entrevista sem terem sentido nenhum tipo de interferência ou rompimento na compreensão bilateral (entrevistado - entrevistadoras). Oportunizar aos alunos essas experiências contribui para um aumento da auto-estima e lhes dá maior segurança no uso da língua alvo. Esses fatores vão incidir diretamente na motivação que aluno possa ter para a realização de um projeto seja ele qual for. Voltamos aqui ao papel do professor na Pedagogia de Projetos: o professor como facilitador deve estar muito atento para proporcionar oportunidades aos seus alunos e monitorar as expectativas, ansiedades e problemas que os alunos possam vir a ter durante as etapas de realização dos projetos, no sentido de não permitir que níveis baixos de auto-estima levem à desmotivação.

A avaliação final do curso feita por uma dessas alunas que realizou a entrevista, apresentada a seguir, revela seu entusiasmo por ter tido a oportunidade de poder interagir, com sucesso, com um falante nativo, numa situação bastante formal, uma vez que o entrevistado pertence ao corpo diplomático brasileiro em Caracas. No item II, a aluna explicita o que a realização da entrevista lhe proporcionou, e no item 2 menciona o aproveitamento que teve durante o curso através da possibilidade de aplicar o conhecimento adquirido. Essa oportunidade foi possibilitada pela realização do projeto, pois na vida do estudante de língua estrangeira, quando ele não tem a facilidade ou oportunidade de visitar o país da língua que está aprendendo, as possibilidades de usar a língua em uma interação com falantes daquela língua fora da sala de aula são bastante raras e limitadas.

INSTITUTO CULTURAL BRASIL - VENEZUELA (ICBV)

## I - AVALIAÇÃO DO CURSO

1. Dê sua opinião sobre:

**Programa:** Eu achei muito interessante sobretudo a informação que nos deu sobre gêneros noticiosos, Também acho bem importante o material que vimos sobre as conjunções.

**Metodologia:** Com certeza a metodologia foi muito acertada, é uma boa forma de aprender o português ~~e~~ ~~isso~~ enquanto conhece um pouco mais a cultura brasileira.

**Validade** A única coisa que foi difícil pra mim foi trabalhar com uma companheira e acho não aproveitei o ~~pe~~ suficiente essa ~~interação~~ interação.

2 - Em resumo e sob um ângulo pessoal, continue a frase abaixo:

Com esta disciplina, o que eu aprendi foi... a aprender um pouco mais português. Os níveis anteriores foram muito gramaticais, mais no nível B nos tivemos a oportunidade de aplicar toda essa teoria na prática.

## II - SUGESTÕES, CRÍTICAS E OUTROS COMENTÁRIOS

Para mim esta foi ~~uma~~ uma experiência muito interessante, sobretudo porque pude fazer uma entrevista a um brasileiro tão importante como o Sr. João Dos Anjos e o melhor foi que o fiz em português, ... meu deus !!!

Uma sugestão pode ser que começasse a trabalhar desde o princípio das aulas com o jornal e no caminho vão aclarando as dúvidas que tenha o grupo.

Retomando os papéis desempenhados, tanto pelos professores como pelos alunos no trabalho com projetos, dissemos acima que essa participação deve ser ativa. O professor deve

abandonar seu papel tradicional de possuidor do conhecimento e indicador de erros, por outro papel, bem mais flexível e poderíamos dizer vulnerável, no qual deverá reconhecer que ele também continua em seu caminho na busca do conhecimento e que nessa via de duas mãos— ensino-aprendizagem— o aluno pode também ensinar, pois o foco que estamos trabalhando é o indivíduo como um todo, dando-lhe o espaço para mostrar o conjunto de suas habilidades e essas podem ser inesperadas e inusitadas até para ele mesmo. Cabe, uma vez mais, ao professor permitir-lhe e permitir-se descobri-las.

Como professora orientadora do projeto, responsável pelo Nível 5 e para ser coerente com minha proposta, correspondeu-me a elaboração do editorial (vol.1. p.2 do jornal), que também foi exposto à consideração e discussão do grupo. As alunas observaram a falta de clareza do editorial no aspecto de quem elaboraria o jornal e dos objetivos que perseguia, assim como do esclarecimento de que as seguintes edições seguiriam visitando as outras regiões do Brasil. Após essa discussão, o texto foi reformulado com a introdução dos seguintes parágrafos:

(...)

*Acreditamos que o fato de ser criado, elaborado e desenvolvido por venezuelanos e brasileiros para venezuelanos e brasileiros nos dará a exata dimensão de nossas coincidências e diferenças, assim como co-construiremos no caminho o conhecimento necessário para que nossas relações sejam bem-sucedidas e se desenvolvam em harmonia.”.*

(...)

*Porém, teríamos que começar esse re-conhecimento em forma organizada, "didática" por assim dizer, e foi seguindo um fio condutor que decidimos partir do mais longe ao mais próximo, razão pela qual fomos ao extremo sul do Brasil, trazendo fragmentos da Região Sul, para que entrem em contato com seus costumes, personagens, pensamentos, suas paisagens e assim possamos nos conhecer melhor (...)*

Após a introdução desses parágrafos, não foram feitas outras modificações. Porém, essa simples necessidade de incluir esses esclarecimentos foi tomada como positiva para a construção de sentido conjunta dos indivíduos pertencentes ao grupo que, nesse momento, eram os leitores do texto e que, através dessa participação, possibilitaram ao leitor final do jornal uma idéia mais clara do propósito do mesmo. Esse texto foi escrito/reescrito duas vezes individualmente e após a apresentação ao grupo, uma vez mais.

As contribuições dos alunos dos outros níveis foram aceitas, algumas individuais outras de um grupo todo, com a orientação de que, antes de enviarem os textos às responsáveis do PCJ (alunas do Nível 5), deveriam ser apresentados e discutidos com os colegas, sempre perseguindo o objetivo da co-construção de sentido, de forma a que o maior número de pessoas se sentisse envolvido na elaboração do jornal e tivesse a oportunidade de envolver-se em uma atividade autêntica de uso do português que seria compartilhada com muitas outras pessoas. Uma das turmas do Nível 3, por exemplo, decidiu elaborar coletivamente uma charge com uma crítica à dificuldade dos alunos para estacionarem os carros quando vinham ao ICBV e ao gramatiquês usado pelos professores.

Como a idéia do jornal era proporcionar uma maior oportunidade aos alunos de visitarem diferentes gêneros textuais passíveis de serem publicados em um jornal, a charge foi muito bem-vinda. O desenvolvimento da mesma, segundo a professora responsável pelo grupo, possibilitou muita participação dos alunos com suas contribuições com respeito à adequação da linguagem a ser utilizada em charges (orações curtas, vocabulário informal). A busca pelo impacto e codificação da idéia produziu uma ampla discussão, com a participação de todos os alunos e da professora, que possui habilidades para o desenho e confeccionou-o a partir das sugestões dos alunos. A idéia clara do interlocutor, nesse caso, os alunos do ICBV, esteve muito presente no grupo que elaborou a charge. Buscaram um tema que diz respeito a toda a coletividade de alunos do ICBV. Por questões de diagramação, a charge não pôde ser incluída no primeiro número do jornal, mas a publicamos no segundo (vol.2, p.12, anexo 1).



Como dito anteriormente, a reportagem sobre turismo foi solicitada aos alunos do Nível 1, uma vez que o programa desse nível contempla a pesquisa das diferentes regiões do Brasil. A tarefa serviu como uma forma de avaliação escrita de seus conhecimentos sobre a região pesquisada e de avaliação oral quando apresentaram sua pesquisa oralmente aos colegas em sala de aula. As professoras foram orientadas a promover a leitura pelos alunos, em sala, dos textos produzidos por eles para que o grupo decidisse qual dos textos deveria ser publicado no jornal.

A seguir temos os dois textos que foram selecionados pelos alunos do Nível 1 e que foram, então, revisados em conjunto para dar forma à reportagem final. Nessa atividade foi oportunizado aos alunos a identificação e desenvolvimento dos gêneros e-mail e reportagem,

observando os propósitos, interlocutores e os formatos foi também trabalhada a textualidade, com seus aspectos de coesão, coerência e intertextualidade, assim como os recursos lingüísticos: léxico e gramática envolvidos nas operações realizadas. Puderam também exercitar os processos de planejamento, escrita, reescrita e revisão de forma colaborativa. Essa oportunidade de participação do PCJ já no Nível 1 motivou os alunos e ultrapassou a simples realização de uma tarefa escrita solicitada pelo professor, que seria apenas lida e corrigida com vistas a uma nota.

Como podemos observar no principio do texto, o aluno tinha bem claras as características do gênero a ser utilizado numa primeira etapa (e-mail), assim como o interlocutor, trazendo-o constantemente ao seu texto. No segundo texto (e-mail) podemos ver que o aluno tenta, através de uma narração pormenorizada, demonstrar todo o conhecimento que havia adquirido através da pesquisa realizada, perdendo de vista, no entanto, o interlocutor. Essas observações foram realizadas e ao converter os textos (e-mails) em reportagem, os alunos mantiveram mais o estilo do segundo texto, mais adequado ao gênero proposto. Foi necessária uma ampliação da informação, uma vez que a reportagem ocuparia uma página completa do jornal, mudando do gênero textual e-mail para o gênero reportagem, utilizando uma linguagem impessoal conforme exige o gênero, e fazendo uma série de modificações a partir dos textos originais, tais como, mudança do interlocutor, busca de dados estatísticos, inclusão de fotos, citações e aprofundamento de fatos que pudessem interessar ao público alvo. Como a reportagem devia também provocar no leitor o desejo de visitar a região, os alunos fazem um apelo nos últimos dois parágrafos que atende ao propósito da reportagem. (vol.1, p.12, anexo 1) Esse processo, além de integrar as habilidades de comunicação oral, escrita e leitora, permitiu-lhes um conhecimento mais aprofundado da região e da cultura pesquisada. De acordo com a professora orientadora dessa dupla, foi necessária a elaboração/reelaboração de quatro textos até poderem apresentar o texto à professora para discussão e, posteriormente, duas vezes até alcançar o texto final que, segundo eles e a professora, satisfazia suas expectativas como adequado aos objetivos da reportagem: dar informações variadas sobre a região sul e ao mesmo tempo influenciar o leitor para desejar conhecê-la.

PARTE I - "SE SUA PAIXÃO É VIAJAR, O BRASIL É SEU DESTINO"

Imagine que você tem uma família de amigos estrangeiros e eles desejam visitar uma determinada parte do Brasil. Escreva um e-mail para eles sugerindo a região que você pesquisou, abordando: turismo, economia, cultura, geografia, clima, etc.

De : Zhaybel  
 Para : Minha querida família de amigos  
 Assunto : A terra encantada pela Erva mate.

Queridos amigos:  
 Vocês têm que conhecer esta beleza! Eu acho a Região do Sul <sup>tu</sup> e perto da amizade, perto da vida mesma. A prova disso é o costume de beber o chimarrão (erva mate). Quando Curitiba, Florianopolitana e Porto-Alegrenses bebem a erva mate, eles compartilham suas vidas e o ouro <sup>que</sup> eles têm nos seus corações. Nestas terras onde 25.107.616 pessoas moram, vocês podem fazer os seus sonhos, viagens ~~para~~ pessoais. Se vocês vão pra Paracaná, vocês podem assistir ao parque de Iguaçu, se vocês vão pra Santa Catarina podem se divertir nas belas praias deste estado. Vocês também podem ir pra Porto Alegre, no Rio grande do Sul, uma cidade muito bonita, com um mercado público grande, onde vocês podem comer um gostoso frango e suco de laranja.

Vocês também podem ir pra Curitiba, a Capital da América no ano 2033. Curitiba é conhecida

por suas soluções urbanas e por suas grandes áreas verdes. Vocês têm que assistir esta beleza gaúcha, compartilhar um chimarrão e dizer "Só penso em vocês!!!"

Rubrica do aluno:  
 Zhaybel



## PARTE I – “ SE SUA PAIXÃO É VIAJAR, O BRASIL É SEU DESTINO”

Imagine que você tem uma família de amigos estrangeiros e eles desejam visitar uma determinada parte do Brasil. Escreva um e-mail para eles sugerindo a região que você pesquisou, abordando: turismo, economia, cultura, geografia, clima, etc.

De : Elias A. Sequeira Mutozabal  
 Para : Henry e Ana Carolina  
 Assunto : O que vocês precisam saber da região sul do Brasil.

Oi amigos! Eu escrevo tudo o que pesquisei da melhor região do Brasil. A Região Sul do país.

Primeiro a região sul é conhecida como a Europa brasileira por todas as nacionalidades que podem encontrar ali. Desde o século XVI até o século XIX esta região recebeu muitos imigrantes de distintas partes da Europa: alemães, italianos, ucranianos, poloneses, franceses e sobre todo <sup>os povos</sup> a gente das Ilhas Açores. Também influenciou esta população o povo das bandeirantes, tropeiros e a sua <sup>miscelânea</sup> com o <sup>brasileiro</sup> Brasilíndio e os negros <sup>traídos</sup> da África. ~~Por~~ Mas nesta região há poucos negros se você comparar com as outras regiões.

É por isso que a maior influência é europeia.

Nesta região vocês podem viajar ~~por~~ <sup>pelos</sup> três estados maravilhosos que a compõem: Paraná ao norte, leop. Santa Catarina e ao sul Rio Grande do Sul. Também porque a região tem excelente sistema rodoviário.

Se vocês adoram as praias, vão ~~de~~ encontrar muitas e bonitas para todo tipo de gosto. Desde Curitiba a cidade capital do Paraná, que é a cidade modelo em educação, meio ambiente, Sistema de transporte, etc. a nível mundial, passando pelas <sup>incríveis</sup> praias de Santa Catarina, cuja cidade capital é Florianópolis, situada numa ilha frente à Costa até as praias de Porto Alegre, a capital do Rio Grande do Sul.

Rubrica do aluno:

Outra coisa bastante importante é o clima. No Brasil predomina o clima tropical mas na região Sul vocês podem encontrar clima tropical só ao norte do Paraná. O resto da região tem clima subtropical pela sua localização perto do trópico de Capricórnio.

É por isto que é possível encontrar todas as estações bem definidas em Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Um exemplo é o povo chamado Gramado com grandes influências alemãs por <sup>seus</sup> costumes mas também curioso pelo clima frio. E assim muitas partes do estado.

A comida é muito misturada mas a especialidade é churrasco em Porto Alegre pela cercania da Pampa. Também porque há muito gado. A gadoeira é a principal fonte de riqueza na região.

Em Florianópolis o mais comum é a comida do mar camarão, lulas, etc. É compreensível porque é uma ilha y o mar abraça toda a costa e se encontra a natureza.

Os portugueses marcaram a necessidade de todo o agropecudário por seu trabalho, proveniente de ~~os~~ Açores.

A região Sul é magnífica pela sua variedade de paisagens, praias, montanhas, rios (O Guaiabá) e outros com grandes <sup>quantidades</sup> ~~quantidades~~ de peixes. O sol que faz um cenário fantástico em Porto Alegre. Ainda todo o que <sup>você</sup> ~~no~~ posso lembrar de dizer a

A região tem 25 milhões de habitantes (15% da população do Brasil) e tem a melhor qualidade de vida do país. Também muitos recursos hidroelétricos, pelas lagoas (Lagoa do Patos, <sup>a maior</sup> a mais grande do mundo) A represa de Itaipu etc. e também as Cataratas de Iguazú no norte de Paraná que é fronteira natural com o Paraguai e a Argentina.



**d. Reescrita dos textos**

Com a finalidade de que as alunas entendessem bem o trabalho colaborativo que seria utilizado durante o processo de realização do projeto de criação do jornal, propus que elas fizessem algumas atividades prévias para que ficasse mais explícita a forma como trabalhariam. Passaremos a analisar uma das atividades realizadas, previamente ao início das atividades de produção textual para o jornal, pelas alunas da **dupla 3** que, de acordo a minha apreciação, eram as que apresentavam maior disparidade na proficiência da língua alvo, tanto oral quanto escrita. Os critérios de avaliação que elas utilizariam na correção dos respectivos textos foram discutidos posteriormente à realização da tarefa. O objetivo era chamar a atenção das alunas para os aspectos que elas deveriam analisar e em que ordem de prioridade. ao lerem os textos das colegas.

A atividade era assistir a um vídeo sobre um projeto chamado “Projeto Coronga” e, posteriormente, produzir um artigo para um jornal divulgando as metas e os objetivos alcançados pelo projeto e estimulando outros estados a desenvolver projetos semelhantes. Também deveriam tomar como exemplo o cidadão Cosme e a mensagem que ele transmite.

O texto produzido foi corrigido pela colega, de acordo às seguintes orientações: em primeiro lugar deveriam observar se o texto obedecia ao gênero “artigo para um jornal”, com um texto, não só informativo, mas também argumentativo (propósito) quando convida outros estados a desenvolverem projetos semelhantes. Deveria ter um título e poderia ter um subtítulo (formato). O corretor deveria também observar os aspectos de coesão e coerência, assim como os recursos lingüísticos utilizados (linguagem impessoal, direta, objetiva de acordo ao padrão culto da língua, função referencial).

A seguir a primeira e a segunda versão dos textos produzidos.

## Versão I

Depois de assistir a reportagem sobre "Lição de Cidadania", escreva um artigo para um jornal em que você divulgará os objetivos e metas alcançados pelo "Projeto Coronga", estimulando os demais estados a desenvolver projetos similares, tomando como exemplo o cidadão Cosme e a mensagem que ele transmite a sua comunidade. (Mínimo de 20 linhas)

O PROJETO CORONDA

O PROGRAMA DE ESTUDO PRODIZIDO PELO EDO  
ACRE DO ROSENTO MANINHA MÃ ALCANÇADO  
A META (PROPOSTA) MAS (DO) 90% DOS ALUNOS  
QUE COMEÇARAM O PROGRAMA DE ESTUDO  
RECEBERAM DIPLOMA. O PROGRAMA TROUXE  
AOS ALUNOS QUE DEIXARAM SUA EDU-  
CAÇÃO FUNDAMENTAL. E A MUITAS PESSOAS  
QUE PENSAVAM ALCANÇAR UM MAIOR  
NÍVEL SOCIO-ECONÔMICO. O PROGRAMA  
DEMOSTROU QUE OS ALUNOS QUE FI-  
CARAM REPETENDO NÃO ERAM CAPAZES  
DE APRENDER E DE OBTER UM DIPLOMA,  
AGORA ELES PODERÃO CONTINUAR OUTRO  
NÍVEL E FAZER UMA FORMAÇÃO UNIVER-  
SITÁRIA. É PRECISO QUE OUTROS ESTADOS  
ACOMPANHEM AO ESTADO ACRE EM ESTA INI-  
CIATIVA, PARA AJUDAR AS PESSOAS A TER  
UM NOVA CHANCE, A DEMOSTRAR QUE TODAS  
AS PESSOAS SÃO CAPAZES DE APRENDER PORQUE  
O DESAFIO DO NOVO SÉCULO É INDOUBI-  
TAVELMENTE "O ~~CONTEÚDO~~ CONTINUAMENTO!"

Autora: CARME RODRIGUES.

**Versão II****O Projeto Coronga**

O programa de estudo produzido pelo edo Acre do Roberto Marinho, alcançou a meta proposta, mais do 90% dos alunos que começaram o programa de estudo receberam diploma. O programa trouxe aos alunos que deixaram sua educação fundamental e a muitas pessoas que perseguem alcançar um mayor nível sócio-económico. O programa demonstrou que os alunos que ficavam repetindo o ano eram capazes de aprender e de obter um diploma, agora eles poderão continuar outro nível e fazer uma formatura universitaria. É preciso que outros estados acompanhem ao estado Acre nesta iniciativa, para ajudar ás pessoas a ter uma nova chance, a demostrar que todas as pessoas são capazes de aprender porque o desafio do novo século é indubitavelmente "o conhecimento".

Carmen Rodríguez

Faltou citar o exemplo do Sr. Cosme. Houve certa confusão em relação à fundação que propicia o projeto.

Ao comparar as duas versões, podemos observar que, ao refazer o texto, a aluna realizou a tarefa parcialmente, pois não entendeu as exigências da tarefa (colocar como exemplo o cidadão Cosme e a mensagem que ele transmite à comunidade). Manteve uma série de interferências da língua materna quanto ao léxico, principalmente ortografia (producido, reciberam, mayor, ficabam) e ignorou algumas das correções feitas pela colega. Não houve correções por parte da colega em relação à falta de coerência do parágrafo “*o programa trouxe aos alunos que deixaram seu ensino fundamental e a muitas pessoas que perseguem alcançar um mayor nível sócio-econômico*” (Trouxe o quê? A idéia não foi completada). Além disso, não houve compreensão por parte da aluna sobre quem propiciava o Projeto Coronga e esse fato também não foi apontado pela colega que, nesse momento, era a corretora do texto.

Agora, passemos a considerar a mesma tarefa realizada pela outra aluna da dupla, cujas versões são apresentadas a seguir. Como podemos ver na primeira versão, o texto elaborado por essa aluna está enquadrado no gênero artigo de jornal: apresenta título, linha de apoio, linguagem impessoal, formal e objetiva; usa a função referencial e tem um propósito e interlocutores claros. Apresenta boa argumentação, assim como é eficiente nos aspectos de coesão e coerência. Atende às exigências da tarefa, cita o Sr. Cosme como exemplo e se apóia nele para argumentar. O problema que apresenta mais freqüente é a interferência da língua materna no aspecto lexical que, após as observações feitas pela colega (circulando as palavras que apresentavam problemas com a ortografia), foram corrigidas, como podemos observar na segunda versão do texto.

## Versão I

Depois de assistir a reportagem sobre "Lição de Cidadania", escreva um artigo para um jornal em que você divulgará os objetivos e metas alcançados pelo "Projeto Coronga", estimulando os demais estados a desenvolver projetos similares, tomando como exemplo o cidadão Cosme e a mensagem que ele transmite a sua comunidade. (Mínimo de 20 linhas)

O Desafio é conhecer.

Nunca é tarde para ~~aprender~~ <sup>de um</sup> ~~estudar~~

O Governo do Acre em nova chance de  
~~estudar~~ Estudar

Obrigado

~~Gracias~~ a uma iniciativa do Governo do Acre e a Fundação Roberto Marinho, os jovens e adultos das zonas rurais do Estado têm uma nova oportunidade de estudar e culminar sua formação educacional fundamental.

Mais de 2400 pessoas, <sup>de varias edades,</sup> conseguiram terminar sua educação fundamental, obrigado a este projeto de inclusão. O coordenador de educação do Governo disse, que esta é uma forma de que as pessoas acreditam que "eles são são capazes."

~~Neste~~ Neste projeto há uma pessoa muito especial, Cosme, um dos estudantes, <sup>quem se</sup> ~~se~~ converteu em um exemplo de seus colegas. Ele junto a sua esposa caminham perto de uma hora pela floresta enfrentando seus perigos só para chegar a escola e enfrentar outro desafio muito melhor "Aprender".

Ele deixou de estudar muito jovem porque é teve que trabalhar, mas agora ele junto a sua esposa ~~tem~~ ela compartem aula e o desafio de conhecer.

Cosme faz um chamado a toda a gente para que com ela deumam também este desafio.

E nos fazemos um chamado aos demais Estados a desenvolver os projetos similares q' ajudem a criar a seus cidadãos.

## Versão II

		Fecha / Date:
<p>O DESAFIO É CONHECER</p> <p>O Governo da Acre dá uma nova chance de estudar</p> <p>Graças a uma iniciativa do Governo da Acre e a Fundação Roberto Marinho, os jovens e adultos das zonas rurais do Estado têm uma nova oportunidade de estudar e culminar sua formação educacional fundamental.</p> <p>Mais de 2400 pessoas, de diferentes idades, conseguiram terminar sua educação fundamental graças a este projeto de inclusão.</p> <p>O Coordenador de Educação do Governo disse que o "Projeto Coronga" procura e é uma forma de que as pessoas acreditem que "Eles sim são capazes".</p> <p>Neste projeto há uma pessoa muito especial, quem se convertiu em exemplo para todo o país, ele se chama Cosme e junto a sua esposa caminham perto de uma harpa pela floresta enfrentando seus perigos só para chegar à escola e enfrentar outro desafio muito melhor "Aprender". Ele deixou de estudar muito jovem porque tinha que trabalhar, mas agora ele junto a sua esposa compartilham aula e o desafio de conhecer.</p> <p>Cosme faz um chamado a toda população para que como ele assumam também este desafio, e nos desde aqui fazemos um chamado aos demais Estados a desenvolver projetos similares que ajudem a crescer a seus cidadãos</p>		



A interferência da língua materna na segunda versão é consideravelmente menor do que na primeira, o que nos mostra que ela atendeu às observações realizadas pela colega. O problema do uso da palavra "obrigada" ao invés de "graças" provocou uma discussão de quase dez minutos em sala de aula, na qual se pôde esclarecer os diferentes significados e formas de utilizar essa palavra. Oportunizar ao aluno a possibilidade de uma correção ou revisão colaborativa, apoiada na dupla ou no grupo, propicia momentos de negociação de significado e construção do conhecimento mais ricos, pois o aluno socializa suas dúvidas, que podem ser as de outros, mas não são verbalizadas, seja por timidez, seja por falta de oportunidade. Nessa oportunidade somente foram realizadas duas produções textuais, pois tratava-se de uma tarefa introdutória ao processo que desenvolveríamos e, depois de apresentado ao grupo, não foi solicitado às alunas que refizessem o texto; somente pontualizamos os passos que poderiam ser seguidos a partir desse momento

O procedimento de revisão colaborativa ocorreu durante todo o processo de elaboração do jornal e foi extremamente valioso, criando várias oportunidades de discussão e aprendizagem não só de aspectos lingüísticos, mas também de conhecimentos sobre os temas tratados, o que sistematicamente refletiu a natureza inter e transdisciplinar do trabalho desenvolvido. A revisão foi sempre desenvolvida pela dupla e pelo grupo. Minha participação como professora foi a de promover a discussão e contribuir com sugestões e explicações, quando necessário, no intuito de chegar a um produto que refletisse todo o trabalho feito. Nesse sentido, as interferências quanto à correção priorizaram, como já vimos, aspectos que poderiam interferir na comunicação, inadequações ao gênero proposto, inadequações discursivas e lingüísticas. Coerentemente com a proposta de trabalho e de avaliação da Pedagogia de Projetos, é importante salientar que, como o foco principal do trabalho foi o processo da escrita, o produto final (os textos publicados no jornal) espelha esse enfoque. Isso quer dizer que as inadequações que ainda ocorrem nos textos (e em relação às quais não houve mais interferência das colegas e da professora) devem ser compreendidas a partir de uma perspectiva de processo de aprendizagem, que prioriza a trajetória percorrida: um intenso trabalho de escrita e reescrita de textos, uma produção de um grande número de textos e a aprendizagem de vários aspectos da língua portuguesa.

#### **e. Diagramação e impressão do jornal**

No capítulo 2 desse trabalho, mencionamos a importância de obter-se um produto final no trabalho com projetos. Esse produto final é fundamental: ver materializado o esforço

individual e o do grupo ao longo do processo estimula, faz com que os alunos sintam que esse esforço se traduziu em um produto concreto, dando-lhes a consciência de que suas colaborações, sugestões, enfim, que suas participações ativas foram importantes na concretização da meta que se haviam traçado e fazendo-os refletir sobre o seu papel ativo na busca do conhecimento. Durante o processo, se propicia a aprendizagem do diálogo, do debate, da argumentação, do aprender a ouvir os outros, do cotejar diferentes pontos de vista, do confrontar opiniões, do negociar significados, da construção coletiva do conhecimento, do desenvolver novas habilidades e aperfeiçoar aquelas já dominadas, do prazer de expor o seu saber, do ver e sentir as controvérsias e do construir uma visão coletiva (BARBOSA, 2004: p.2). O produto final espelha todas essas atividades que foram realizadas durante o processo dando aos alunos a verdadeira dimensão do que aconteceu. O produto final também servirá de modelador e exemplo para outros alunos que venham se inspirar nos trabalhos realizados e queiram dar continuidade ao mesmo ou criarem novos projetos.

O PCJ foi totalmente novo para todas as participantes, alunas e professora. Tivemos que descobrir juntas os riscos, "as pedras" que teríamos no caminho e estávamos conscientes de que deveríamos afastá-las juntas. Nesse sentido a primeira preocupação de todas as participantes foi em relação à impressão do jornal. Ninguém queria realizar o esforço e não ver seu trabalho publicado, assim que pensamos que essa dificuldade devia ser resolvida de imediato. Depois de uma reunião do grande grupo para discutir essa questão foram propostas algumas idéias, inclusive a de vender os exemplares para custear a impressão. Essa idéia não foi muito bem-vinda, pois um dos objetivos era oportunizar a todos os alunos a possibilidade de acesso fácil à leitura, assim como aos professores para uso em suas aulas. A cobrança do exemplar ia de encontro a esse objetivo.

Finalmente, a **dupla 3** sugeriu que solicitássemos ajuda às empresas brasileiras estabelecidas na Venezuela em troca de publicidade. Para isso teríamos de bater em algumas portas e sempre a limitação tempo era um fator complicador. Após várias discussões, me ofereci para realizar os contatos, uma vez que o ICBV possui essas informações atualizadas. Depois de algumas ligações telefônicas e trocas de e-mails, obtivemos uma resposta positiva e pudemos resolver esse problema. Uma das empresas se mostrou interessada, mas com a condição de que não usássemos publicidade, pois era contra a política da empresa. Aceitamos a proposta imediatamente e todas ficamos mais tranqüilas e começamos a trabalhar com mais disposição.

Uma vez decididos e desenvolvidos os temas e textos que seriam publicados, em discussões no grande grupo, pensamos em como se poderiam chamar as seções e as denominamos: Negócios, Reportagem, Letras, Vida, Esporte, Horóscopo, Turismo, Culinária, História, Crônica e Cultura. Talvez o trabalho devesse ter sido feito ao contrário, começando pelas seções, mas era a primeira experiência e eu queria manter alta a motivação do grupo, portanto me pareceu prudente permitir que elas decidissem primeiro os temas que queriam desenvolver e depois resolveríamos o assunto das seções. Inclusive as seções poderiam ser modificadas nos próximos exemplares, como efetivamente foram, porque seriam realizados por outros grupos de pessoas e a flexibilidade deve ser uma constante no trabalho com projetos.

Surgiu, então, o problema de diagramação. Buscamos informação a respeito com outras instituições e alunos de escolas que tinham realizado projetos de criação de jornais. Os informantes coincidiram em que o programa de computação a ser utilizado era o *Publisher*. No nosso grupo ninguém sabia usar essa ferramenta; a solução foi buscar uma pessoa do nosso círculo de relações que estivesse disposta a ajudar na diagramação. Devia ser uma pessoa próxima, com a qual nos sentíssemos à vontade, pois uma das alunas da **dupla 3**, que era jornalista, e eu nos oferecemos para acompanhar e supervisionar o processo de diagramação. Não seria um trabalho profissional que nos apresentariam já pronto, nós participaríamos ativamente do processo. Nesse momento foram tomadas muitas decisões por nós duas sobre o preenchimento dos espaços, textos de outros autores além dos produzidos pelas alunas. Essas decisões foram tomadas em função do objetivo último, exposto no editorial, de que o jornal seria um espaço de encontro entre as culturas venezuelana e brasileira e, para que isso acontecesse, proporcionaríamos informações principalmente do Brasil. Conhecer nossos autores, nossa literatura faz parte desse objetivo. Essa decisão foi comunicada ao grupo e a aluna que ajudou na diagramação foi minha dupla na seleção de textos e onde incluí-los.

Decidimos também incluir informação sobre o ICBV, os cursos e as atividades culturais que oferece, para que o jornal também funcionasse como um meio de divulgação do Instituto. Essa informação deveria estar na página imediatamente depois da capa, junto ao editorial (vol.1, p.2 do jornal). Uma vez que tínhamos uma poesia (vol.1, p.7, do jornal), contribuição de uma aluna do Nível 3, pensamos completar o espaço da página com informações sobre um poeta brasileiro, da região sul. Eu sugeri Mario Quintana por sua

importância e por termos muito material sobre ele. O Horóscopo (vol.1, p.11, do jornal) foi elaborado por uma das alunas da **dupla 3**, que decidiu trabalhar sobre as características dos signos, uma vez que a previsão de publicação que tínhamos, se conseguíssemos dar seguimento ao projeto, seria trimestral. A colega revisora dessa dupla exercitou a capacidade de síntese, pois o texto ficou demasiado longo. Como era a mesma aluna com a qual realizei a tarefa de edição para a diagramação, nesse momento, ela se deu conta de que ainda estava longo e teve de reduzi-lo ainda mais. Na seção de Culinária (vol.1, p.13, do jornal), tínhamos a receita do Arroz de Carreteiro, mas o texto não preenchia o espaço da página e, portanto, decidimos buscar na Internet dois temas relacionados: uma sobremesa e o artigo sobre os benefícios do vinho (vol.1, p.13, do jornal). Para a seção História (vol.1, p.14, do jornal), apresentei às alunas alguns fatos históricos mais representativos da região Sul e decidimos, após uma discussão em grupo, colocar algum artigo da Internet sobre o tema. No momento da diagramação, minha colega de dupla e eu realizamos uma síntese com os aspectos que consideramos mais relevantes. Na seção Crônica (vol.1, p.15, do jornal), inicialmente tínhamos pensado que teríamos outras crônicas realizadas pelas alunas, mas somente uma delas quis elaborar esse tipo de texto, assim que também tivemos de preencher o espaço, e eu sugeri que fosse com um cronista da região sul, familiar para as alunas e expressivo no meio literário brasileiro, Luis Fernando Veríssimo. Além disso, esse cronista descreve muito bem aspectos do comportamento do brasileiro, fato que reforça o objetivo de promover o conhecimento da cultura da língua alvo. Como já disse anteriormente, o PCJ, por decisão e necessidade do próprio grupo, passou de um projeto de um pequeno grupo, que por decisão e necessidade do próprio grupo, transformou-se num projeto mais amplo. Como ainda havia um espaço por preencher nessa seção, decidimos colocar uma colaboração da nossa recepcionista, muito popular entre os alunos, e que gosta muito dessas mensagens positivas e de auto-ajuda. Dessa forma, demos por terminada a tarefa de edição e diagramação.

Após concluirmos a diagramação, o jornal foi levado ao grupo para que opinassem e sugerissem alguma modificação que julgassem necessária. Foram feitas observações sobre as fotos escolhidas, algumas mudanças na capa, selecionaram para a capa a foto e o tema que lhes pareceu reunia a concepção mais importante do PCJ, que é a união das duas culturas envolvidas nesse processo, e sobre a ordem em que estavam dispostos os temas, mas em geral gostaram do resultado. O passo seguinte foi enviá-lo à impressão.

## f. Avaliação do projeto e avaliação do aluno

Nossos estudantes exigem, esperam e se afligem por realizar as avaliações formais, com notas e em datas previamente determinadas. Decidi realizar uma prova parcial e a nota final seria dada em função dessa prova que teria um peso de 30% da nota, mais 70% dos trabalhos realizados para o jornal, que foram avaliados continuamente à medida que foram sendo entregues os trabalhos retextualizados. Essa decisão gerou angústia em duas alunas, pois acreditavam que não seriam adequadamente avaliadas e expressaram sentir necessidade de fazer exercícios do tipo preencher lacunas: com verbos flexionados, conjunções e demais elementos gramaticais. Os alunos habituados a essa forma de aprender e avaliar sentem mais dificuldade em aceitar outras formas de aprendizagem e isso pode gerar certo grau de frustração em alguns deles. O professor deve estar atento a essa situação e reforçar permanentemente os avanços realizados pelos alunos para que se sintam mais seguros. Lembremos que esse método de trabalho é novo para muitos de nós, tanto professores como alunos e temos que juntos adaptar-nos a essas mudanças. Para deixar mais explicitado às alunas como seriam avaliadas lhes expus os critérios nos quais nos basearíamos conforme o quadro a seguir:

### Quadro 6. Aspectos a serem avaliados durante a execução do projeto.

	A	B	C	D
O aluno realizou todos os trabalhos solicitados				
O aluno cumpriu com o cronograma				
O aluno contribuiu com informação relevante para o projeto				
O aluno participou ativamente das discussões				
O aluno participou ativamente em forma escrita				
O aluno reescreveu os textos que foram solicitados				
O aluno demonstrou crescimento de sua produção textual durante o projeto nos aspectos de coesão e coerência e adaptação ao gênero				
O aluno demonstrou espírito de colaboração com seus colegas				
O aluno demonstrou crescimento de sua produção textual durante o projeto no reconhecimento e aplicação dos gêneros textuais desenvolvidos				

Os critérios apresentados no quadro resumem as habilidades que buscamos desenvolver nos alunos. Queremos um aluno que tenha uma participação ativa na busca do conhecimento, responsável pelo desenvolvimento de suas habilidades e competências, e que saiba, através do trabalho coletivo, compartilhar informações, trazer experiências relevantes para o grupo. Em resumo, um indivíduo consciente do seu papel de autor do seu processo de aprendizagem e da importância de pertencer e contribuir com o coletivo onde está inserido. Além disso, o aluno deverá mostrar progresso nas habilidades focalizadas e priorizadas no projeto em questão: capacidades relacionadas à produção de texto. O conceito A deveria refletir progresso em todos os aspectos mencionados; B refletiria alguns objetivos ainda em construção; C, vários objetivos em construção; e D, aproveitamento insuficiente. Nesta turma, as duas alunas da **dupla 1** obtiveram conceito A. Essa avaliação deveu-se ao crescimento delas no desenvolvimento das habilidades de produção de textos escritos, tanto no aspecto dos conhecimentos envolvidos na produção escrita (adequação ao gênero, coesão, coerência e recursos lingüísticos) quanto no comprometimento com a forma de trabalho (escrita/revisão/reescrita), pontualidade na entrega dos textos e atitudes abertas ao diálogo e aceitação das demais participantes. Na **dupla 2**, ambas alunas obtiveram conceito B, não tanto por problemas com a produção dos textos, mas pelo pouco comprometimento com o grupo, no sentido do não cumprimento das datas de entrega dos trabalhos, o que dificultava as discussões e comprometia a qualidade dos textos produzidos. Na **dupla 3**, uma das alunas obteve A, pelas mesmas razões descritas acima para a dupla 1, enquanto a outra obteve B, devido ao seu pouco progresso nos aspectos relacionados à produção de textos.

Além da avaliação feita por mim, as alunas foram solicitadas a se auto-avaliarem e a fazerem uma avaliação do trabalho desenvolvido. A seguir apresento as demais avaliações das alunas sobre a experiência do PCJ.

1.) a) O programa é fácil de compreender, tem muitos exemplos, mas eu acho que ainda precisa de mais ~~de~~ exercícios na gramática. O programa ~~tem~~ muitos conceitos para gramática básica que acho que não ser ~~de~~ úteis no futuro.

b) A metodologia ~~tem~~ troca de professora em professora, ~~mas~~ mas todas elas ~~conseguiram~~ conseguiram explicar e adiar as dúvidas que saíam durante o curso.

c) No pessoal foi muito ~~agradável~~ agradável e satisfatório estar neste curso, que ~~além~~ não só estudamos o português, também da gente e cultura do Brasil.

d) Realmente foi um prazer compartilhar ~~o~~ todo o curso com meu grupo de ~~amigos~~ amigos, que embora todas somos diferentes, ~~conseguimos~~ conseguimos fazer coisas muito produtivas.

e) Não há maneira de descrever a aprendizagem, ~~que~~ que inteiramente simples ajudará em minha vida não só profissional também na pessoal.

## 2.) Outros comentários.

O instituto tem um bom ~~o~~ lugar mas eu acho que muitas pessoas estão ~~sempre~~ interessada e cada dia são mais as pessoas que estão estudando no instituto, ~~e~~ ~~que~~ ~~é~~ ~~o~~ ~~que~~ ~~motiva~~ a dificuldade para encontrar o carro.

~~mas~~ mas eu acredito que em tudo o resto estão legal, com as professoras, pessoal administrativo e outras pessoas que trabalham no ~~instituto~~ instituto.

Acho que foi uma atividade diferente e original que através da elaboração dum jornal, fez que nós ~~alunos~~ melhorássemos nossa redação. Mas também penso, que neste último nível se deveria pôr atenção nas deficiências que têm os alunos como por exemplo: ~~na~~ ~~aceo~~ no uso das conjunções, da acentuação e na ~~conjugação~~ <sup>conjugação</sup> de alguns verbos porque isto é importante para o uso correto da língua.

É necessário que as aulas não só se centrem na elaboração dum jornal, se não também, em esclarecer as dúvidas que surgiram <sup>nos alunos</sup> em outros níveis e que não foram esclarecidas naquele momento, isto é; neste último nível se deveria fazer um repaso da matéria vista nos outros ~~alunos~~ níveis, mas fazendo hiocapé ~~nas~~ <sup>nos</sup> naqueles temas nos quais, o professor acha que os alunos do curso têm mais problemas como é ⇒



EU ACHO QUE O PROGRAMA DO CURSO DEVEU SER FEITO COMPLETANDO AS LECÕES DO LIVRO DO TEXTO E DEPOIS COMEÇAR O PROGRAMA DO JORNAL, PELA MANEIRA A GENTE FICARIA FELIZ POR HOUVER TERMINADO O LIVRO.

A METODOLOGIA NESTE NÍVEL NÃO FOI ANTES DOS NÍVEIS ANTERIORES, TAMBÉM ACHO ACHO QUE O ÚLTIMO NÍVEL TEM QUE SER PMA QUE A GENTE PROCURE SUA MANEIRA DE CONTINUAR COM SEU APRENDIZAGEM.

EM RELAÇÃO AO CRIATIVIDADE PESSOAL. PRA MIM FOI UMA BOA EXPERIÊNCIA JÁ QUE PESQUISEI MUITAS COISAS QUE NÃO CONHECIA.

A NÍVEL DO GRUPO TAMBÉM FOI BOA COMPARTILHOS E FISSAMOS COISAS PRA A SUSTENTABILIDADE.

- 48 a) Programa. Foi dinâmico e entretenido. Misturado com atividades complementares fica melhor: vídeos, fitas, tarefas de investigação, conferências.
- b) Metodologia: Os últimos níveis são um pouco chatos pelo conteúdo gramático long. Acho que muitos tempos verbais para dois níveis. Se vocês pudessem estender ou distribuir melhor...
- c) Crescimento pessoal: Eu aprendi da cultura do Poronip. Agora é outra coisa para mim. Gosto mais daquele povo. Minhas próximas férias é vou para lá. Quando começou o curso achava que ia conhecer melhor o Poronip. Hoje não só conheço, quero também.
- d) Crescimento do grupo: Lembro muito com quem comecei, já não há muito daquele grupo, mas o último trabalho do jornal fez uma integração interessante.
- e) Xomedizagew: Não somente a língua, - que ainda falta muito caminho por ~~ser~~ ir - também aquelas coisas das professoras brasileiras, o jeito de falar, sempre com boa cara e alguma coisa que dizer.

**INSTITUTO CULTURAL BRASIL VENEZUELA****CURSO: Nivel 5****Profa. Beatriz Demoly****Avaliação do Curso:****1.- Dê sua opinião sobre:**

- a) Programa
- b) Metodologia
- c) Crescimento pessoal
- d) Crescimento do grupo
- e) Aprendizagem

**2.- Sugestões, críticas e outros comentários**

Este curso que fecha nossa Travesia pelo Instituto, mas não nossa aprendizagem da língua portuguesa, foi diferente aos outros cursos que fizemos porque tivemos este projeto de realizar um jornal para ser compartilhado pelos venezuelanos e os brasileiros que moram na Venezuela. Para atingir este logo, trabalhamos em duplas e tivemos que procurar informações por diferentes meios, na Internet, em livros, revistas etc, e também foram feitas entrevistas. Para conhecer quais eram os temas preferidos pelos leitores foi feita uma enquete entre os companheiros estudantes dos outros níveis do Instituto, e nos repartimos esses temas por equipes para realizar nossos artigos. Foi interessante ver como os artigos foram adquirindo forma, e mais ainda vê-los já terminados no jornal.

Mariza de Veliz

## Sugestões

Aquelas atividades pedagógicas onde todo mundo vai e participa foram ótimas.

Temos que fazer um grupo de amarrão ainda que não são todos quíscos.

## Críticas

Esse cheiro da cozinha quando a gente está no regime...

## Comentários:

acho melhor incluir outro nível no curso - esse da conversação que vai começar pode ser - para ir melhor.

Sephair Roz.

Como podemos observar pelas avaliações realizadas pelas alunas do grupo, ainda permanece forte a concepção tradicional de ensino de língua. Observações do tipo: *“eu acho que esse nível deveu completar as lições do livro texto e depois começar o projeto do jornal”* refletem esse fato. Alguns alunos acreditam que as aulas tradicionais centralizadas no professor, que deve dizer o que é certo e errado, é o ensino que lhes garantirá a aquisição do conhecimento que eles querem alcançar. O fator em que todas concordaram, e é característico do trabalho com projetos, foi o crescimento do grupo, o valor das trocas que ocorreram durante o processo, o acesso a grande quantidade de informações e a consciência de como poderia ser seu processo de aprendizagem a partir desse momento.

É importante, portanto, retomar o fator motivação que perpassou todo o processo do PCJ. Apesar de ainda acreditarem na cultura de aprender tradicional, puderam perceber o crescimento que obtiveram através do processo na busca de soluções, informações e tomadas de decisão, aplicando os conceitos de inter e transdisciplinaridade que, em última análise foi o que lhes permitiu realizar, com sucesso, o PCJ.

Por último, mas não menos importante, a maioria ressalta a importância e o significado para elas de conhecerem os aspectos culturais da língua alvo e estão conscientes de que os assimilaram durante o PCJ. No trabalho com projetos, o aluno tem mais oportunidades, e assim as alunas o expressaram, através de distintas atividades (leituras variadas, discussões, contato com falantes nativos com finalidades concretas, vivências e convivências de hábitos pertencentes à cultura da língua alvo), de interagir com interlocutores que são representantes da língua e da cultura alvo, objetos do estudo que as ocupa.

#### **g. Dificuldades encontradas na execução do projeto**

Acreditamos que a maior dificuldade para desenvolver esse tipo de projeto com adultos, profissionais vinculados ao difícil mercado de trabalho em nossas economias com problemas de recessão e altos índices de desemprego, foi realmente o tempo que os indivíduos estão dispostos a utilizar na consecução do mesmo. A pressão a que estão submetidos para desempenharem, com sucesso, suas responsabilidades para com seus trabalhos, limita-os para se dedicarem às exigências de elaborações de textos que devem ser discutidos, relidos e refeitos.

Essa dificuldade pode ser reduzida com um trabalho prévio de motivação com os alunos. Essa motivação deve ser mantida ao longo do tempo de realização do projeto, animando-os permanentemente, dando uma retroalimentação positiva a cada passo dado, a cada texto elaborado, assim como ser firme com as datas de entrega para permitir que as discussões sejam realizadas.

Implementar novas metodologias é um processo lento e gradual que encontra, em geral, resistência das pessoas envolvidas que já tem um longo trajeto em determinadas culturas de aprendizagem. Nesse momento, o professor deve estar atento para fornecer a esses alunos algumas alternativas que minimizem essa sensação de frustração, indicando-lhes, através de discussões, explicações e uma avaliação contínua e permanente, os resultados alcançados em cada etapa do processo.

O trabalho socializado, em conjunto, é outra dificuldade a qual devemos, como facilitadores, estar atentos. Como vimos no item anterior, alguns alunos ainda vêm a aula tradicional como a melhor forma de adquirir o conhecimento. Cabe a nós, promotores dessa nova forma de aprender, o papel de construir e analisar o cenário, planejar os passos que depois os alunos deverão seguir em uma forma autônoma, mas corrigindo as rotas, orientando, incluindo conceitos, ajustando hipóteses, pois como membros ativos do processo também investigamos, descobrimos e buscamos solução para os problemas (NOGUEIRA, 2005, p.69).

#### **h. Para além da sala de aula**

Além do trabalho desenvolvido no projeto em si, através de distintas atividades, tais como: pesquisas na Internet, jornais e revistas, uso da biblioteca, realização de entrevistas, elaboração de artigos e reportagens, discussões, troca de idéias e tomadas de decisão, realizado pelas alunas envolvidas no processo, observamos que a repercussão do trabalho havia transcendido as nossas expectativas iniciais. O objetivo do projeto era oportunizar aos alunos do Nível 5 a possibilidade de desenvolver sua competência escrita, através da elaboração e reelaboração de textos, baseando-se no conhecimento dos gêneros textuais, exercitando os aspectos de textualidade e recursos lingüísticos e, nesse caminho, permitir aos alunos conhecerem mais a cultura brasileira. Também pensei que o interesse inicial mostrado

por todos os alunos pela idéia favoreceria a leitura, aumentaria sua curiosidade por buscar informações, colaborando assim para o nosso objetivo maior como Instituição, que é a formação de indivíduos proficientes em Português do Brasil, com uma posição não idealizada da nossa cultura (samba, futebol, carnaval), mas sim analítica e crítica, podendo reconhecer nossas semelhanças e diferenças. Como foi relatado, isso realmente aconteceu.

Ao termos o produto final, o jornal *Brasil Conosco*, que foi distribuído entre todos os alunos, professores e membros da comunidade do ICBV, da Embaixada do Brasil e de algumas empresas brasileiras que operam em Caracas, começamos a ouvir os comentários, críticas, observações, quase sempre construtivas. A partir desse momento, os professores decidiram trabalhar com o jornal usando-o como fonte de leitura e produção de novos textos, fazendo avaliações críticas sobre a leitura realizada. (ver exemplos de textos no Anexo 2)

Em uma reunião com os professores, comentei-lhes como havíamos desenvolvido o trabalho e os passos a seguir para o trabalho com projetos. Alguns deles, principalmente os que trabalhariam com os próximos Níveis 5, uma vez que o número de alunos, como foi explicitado na introdução, tem aumentado significativamente, se interessaram muito por essa forma de trabalho. Passamos de ter um Nível 5 com 6 alunas a 3 Níveis 5 com uma média de 10 alunos por sala de aula.

A pergunta desses professores era: Tinham, obrigatoriamente, que realizar o mesmo projeto? Minha opinião foi de que um dos grupos mantivesse o projeto do jornal, mas os outros buscassem, conjuntamente com os indivíduos – participantes, um projeto que fosse significativo para o grupo, de acordo com seus interesses e habilidades que quisessem desenvolver. Aqui nos baseamos na primeira etapa necessária para desenvolver um projeto: a importância e a pertinência do projeto para o indivíduo e seu contexto, o que leva à motivação para realizá-lo. Vale a pena retomar o conceito de transdisciplinaridade, característico do trabalho com projetos. Segundo os autores consultados (NOGUEIRA, 2004, HERNANDEZ, 1998 e BARBOSA, 2004), as pessoas com seus projetos, e não os objetos ou os objetivos disciplinares são os que devem estar no centro das atenções. É necessário transcender as disciplinas, colocando os conhecimentos a serviço dos projetos das pessoas. O conhecimento não deve ser um fim em si mesmo; o que conta são as pessoas com seus desejos, expectativas, interesses e a diversidade dos seus projetos. Isso é o que justifica a busca por certos e determinados conhecimentos, desenvolvendo a capacidade de estabelecer relações entre as informações recebidas ou necessárias para a realização dos seus projetos pessoais ou coletivos

no exercício de sua cidadania. Portanto, a motivação dos professores e alunos, mediada pelo consenso será o fator determinante na decisão do caminho a seguir.

#### **i. O exame Celpe-Bras**

Como foi dito na introdução deste trabalho, o exame Celpe-Bras produziu um efeito retroativo no sentido de repensarmos, como professores e instituição, o quê e o como ensinar, visando uma melhor preparação dos nossos alunos para aumentar sua proficiência, na produção tanto escrita como oral no uso do Português do Brasil que lhes permitisse, cada vez mais, um melhor desempenho no exame e em suas vidas profissionais. O objetivo dessa reflexão seria adequar melhor nosso currículo, conteúdos e métodos para esse fim.

Do grupo participante conformado por seis alunas, somente duas fizeram o exame de Proficiência Celpe-Bras, no segundo semestre de 2005 (mês de outubro). Uma delas obteve o nível Avançado e a outra o nível Intermediário Superior. Acreditamos que o resultado foi satisfatório, uma vez que, até este momento, no ICBV, os alunos que fizeram o exame e obtiveram o nível Avançado tinham tido uma vivência e experiência, ou de trabalho, ou de estudos no Brasil, permanecendo imersos na língua alvo por um período de, pelo menos, seis meses. As duas alunas citadas somente realizaram o nosso curso regular e não tiveram nenhuma experiência de imersão na língua alvo.

Contudo, não podemos atribuir somente à realização do projeto esses resultados positivos, pois as alunas realmente levaram muito a sério o desafio que tiveram de enfrentar para a realização da prova e se dedicaram muito durante todo o curso para obterem esse resultado.

Retomando as perguntas deste trabalho, a saber, como os alunos desenvolvem um projeto de criação de jornal e que oportunidades de aprendizagem são criadas através do trabalho com projetos, a descrição das atividades desenvolvidas pelos alunos durante todo o processo de criação do jornal, como também a avaliação que fizeram do trabalho, revela que houve um constante envolvimento das alunas em busca de soluções para os problemas e necessidades que foram surgindo ao longo do processo e que, através dessa busca, as alunas puderam fornecer a assistência necessária umas às outras no intuito de resolver os desafios da criação do jornal propriamente dito e, a partir disso, desenvolver as habilidades lingüísticas de



forma integrada. Nesse percurso, engajar-se em situações autênticas de uso da língua portuguesa foi um fator altamente motivador para alcançar os objetivos de ensino propostos: a) a consciência e o desenvolvimento dos fatores envolvidos no processo de produção textual – adequação dos textos ao gênero textual proposto (propósito, interlocutor e formato), adequação discursiva (textualidade: coesão, coerência e intertextualidade) e adequação dos recursos lingüísticos (léxico e gramática); b) a consciência e o desenvolvimento dos processos envolvidos na escrita (planejar, escrever, reescrever e revisar); e c) a prática de trabalho colaborativo para alcançar os objetivos propostos, através de tarefas socializadas e compartilhadas.

Com base nesses dados, entendo que o trabalho com o PCJ criou várias oportunidades de aprendizagem da língua portuguesa e de letramento, ou seja, de não só saber ler, mas de exercer as práticas sociais de leitura e de escrita que circulam na sociedade em que vivemos, conjugando-as com as práticas sociais de interação oral (SOARES, 1999, p. 3) e de criação de condições para que “(...) o indivíduo ou o grupo possa exercer a leitura e a escrita de maneira a se inserir do modo mais pleno e participativo na sociedade tipicamente letrada que é a nossa (...)” (BAGNO e RANGEL, 2005, p. 69 – o que os autores denominam de “educação lingüística”). Nesse sentido, os resultados obtidos através dessa experiência sugerem que a metodologia de projetos é uma prática desejável para o ensino de língua estrangeira neste e em outros contextos em que se quer promover a inter-relação entre conhecimentos e a busca coletiva por respostas e soluções a questões que nos interessam.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Procurei, ao longo deste trabalho, relatar as atividades realizadas durante o processo de criação do jornal *Brasil Conosco*, de maneira a permitir-nos refletir sobre o papel da Pedagogia de Projetos no ensino de Língua Estrangeira. Posso dizer que o processo de realização do projeto transcendeu todas as expectativas que tínhamos ou esperávamos em termos de flexibilidade, autonomia por parte dos alunos, necessidade de buscar informação e indicar os rumos a seguir por parte do professor. Por si mesmos, só esses fatores já justificariam o uso da pedagogia de projetos, pois a prática dessas ações redundava em crescimento individual e coletivo. Porém, a adesão e entusiasmo demonstrados por todos os indivíduos que conformam a Instituição – diretora, funcionários, professores e os mais importantes: os alunos, fim último dos nossos esforços, foram, provavelmente, os fatores mais determinantes para pensar que essa forma de trabalho tem muitas possibilidades de mostrar-nos novos caminhos. Quase sempre insuspeitados, cheios de surpresas e trazendo novas dificuldades, que nos fazem reformular e recomeçar tentando buscar novas alternativas.

Muitos professores argumentam que o trabalho com projetos toma muito tempo e dedicação e que os conteúdos curriculares, da forma como estão organizados, não propiciam o uso dessa metodologia. Eu estou de acordo em parte: posso dizer que o PCJ exigiu, sim, mais tempo e dedicação, tanto de minha parte quanto dos alunos envolvidos, e que o volume de trabalho foi muito maior do que teria sido se houvesse mantido o curso nos parâmetros que ele costumava ser dado. Os ganhos em oportunidades de aprendizagem, no entanto, para todos os envolvidos, podem compensar esse aumento no volume de trabalho. Também pude detectar que a partir de uma primeira experiência, os projetos que a seguem são mais fluídos, como se a trilha se transformasse em estrada. Atualmente temos cinco projetos em andamento que estão sendo realizados pelos alunos dos Níveis 5 do ICBV: redação de uma peça de teatro para sua posterior encenação; criação de um livro de receitas em português e espanhol com receitas dos dois países (Brasil e Venezuela); elaboração e manutenção de um mural que será feito pelos alunos levando em consideração datas importantes no Brasil, temas de seu interesse e do interesse da comunidade do ICBV; elaboração de um show de música sertaneja apresentado por alunos que possuem habilidades para música, canto e dança e o jornal “*Brasil Conosco*”, em sua terceira edição.

A *chispa virou fogueira*, sonhar é permitido e se nos aventurarmos a colocar os nossos sonhos em prática de forma ordenada, perseguindo objetivos concretos, utilizando nossos conhecimentos prévios, estabelecendo relações através das diferentes disciplinas e usando os conhecimentos que elas nos proporcionam para a resolução de problemas, podemos ter surpresas muito agradáveis.

Trabalhar com projetos significa não ter receio de reconhecer os erros, mudar o rumo quando for necessário, exercitar a tolerância com e entre os participantes, aprender a (co) responsabilizar-se pelos sucessos e fracassos, enfim, ter consciência da forma como se vai construindo o conhecimento, o quanto contribuímos individualmente e em grupo para a realização dos objetivos aos quais nos propusemos ao iniciar o/os projetos dos quais participemos.

As avaliações das alunas sobre o trabalho, em linhas gerais, expressam uma apreciação positiva da aprendizagem através da aplicação do projeto de criação do jornal, percebendo-o como diferente à metodologia usada até então pelo ICBV. Isso nos dá a exata dimensão do alcance que obtivemos, os alunos e os professores, assim como a pauta a seguir, incorporando a metodologia de projetos a nosso programa acadêmico regular.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMARANTE, E. *Ensino do léxico português para hispanofalantes*. In: PINTO, P.F.: JUDICE, N. Para acabar de uma vez com Tordesilhas. Lisboa: Colibri, 1998.

BAGNO, M. e RANGEL, Egon de Oliveira. *Tarefas da Educação Lingüística no Brasil*. Revista Brasileira de Lingüística Aplicada, v.5 (1). p.63-81, 2005.

BAKHTIN, M. Voloshinov. *Estética da Criação Verbal*. 1ª.ed 1992. Trad. Paulo Bezerra. 4ta. Ed.São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BARBOSA, Maria C. *Por que voltamos a falar e a trabalhar com a Pedagogia de Projetos?* Projeto – Revista de Educação: Projetos de trabalho. Porto Alegre, v.3, n.4, 2004.

BRONCKART, Jean P. *Atividades de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sócio-discursivo*. São Paulo: EDUC, 2003.

BROWN et al. *Situated cognition and the culture of learning*. Educational Researcher, 18(1), 32-42, 1989.

CALSAMIGLIA T., H. e TUSON, A. *Las cosas del decir. Manual de análisis del discurso*. Barcelona: Ariel, 1999.

CASSANY, Daniel. *Describir el escribir*. Barcelona: Paidós, 1999.

\_\_\_\_\_ *Construir la escritura*. Lectura e Vida, 21, 4, 6-15, 2000.

CEREJA, W. e MAGALHÃES, T. *Texto e Interação — Uma proposta de produção textual a partir de gêneros e projetos*. São Paulo: Saraiva, 2000.

EBERLEIN, Emma. et al. *Avenida Brasil 2*. São Paulo: EPU, 1998.

FLOWER, Linda. *The Construction of Negotiated Meaning: A Social Cognitive Theory of Writing*. Carbondale, Il: Southern Illinois Press, 1994.

FLOWER, L. and Hayes, J. *A cognitive process theory of writing*. College Composition and Communication, 32, 365-387, 1981.

FRIED-BOOTH, Diana. *Project Work*. Oxford: Oxford University Press, 1986.

GALLI, Joice. *O Sistema de avaliação de Proficiência em leitura em francês como LE em três universidades do Rio Grande do Sul: a prova, os candidatos e o produto de leitura*. Tese de Doutorado. Porto Alegre. UFRGS, 2005.

GIBBONS, Pauline. *Scaffolding Language, scaffolding learning: Teaching Second Language Learners in the Mainstream Classroom*. Portsmouth, USA: Heinemann, 2002.

HAYES, J. and FLOWER, L. *Identifying the organization of writing processes*. In Gregg, L.W. and Steinberg, E.R. (comps.) (1980). *Cognitive Processes in Writing* (pp. 3-30). New Jersey: Erlbaum.

HALLIDAY, M.A.K. *Learning How to M. Explorations in the Development of Language*. Londres: Edward Arnold, 1989.

HERNÁNDEZ, Fernando, VENTURA, M. *A organização do currículo por projetos de trabalho*. 5ta. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998

\_\_\_\_\_ *Transgressão e mudança na educação - os projetos de trabalho*. Ed. Artes Médicas, 1998.

\_\_\_\_\_ *Os projetos de trabalho: um mapa para navegantes em mares de incertezas*. Projeto – Revista de Educação: projetos de trabalho. Porto Alegre, v.3, n.4, 2004.

JUDICE, Norimar. *Ensino de Português para Hispanofalantes: transparências e opacidades*. In. JUDICE, N. (Org. Português para Estrangeiros: perspectivas de quem ensina. Niterói, RJ: Intertexto, 2002.

MACHADO, Nilson. *Educação: projetos e valores*. 5.ed. São Paulo: Escrituras, 2004.

MARCUSCHI, Luis A. *Da fala para a escrita: Atividades de retextualização*. São Paulo: Cortez, 2004.

\_\_\_\_\_ *Gêneros textuais: definição e funcionalidade*. In. DIONISIO, Ângela et ali. *Gêneros textuais e ensino*. Rio de Janeiro. Ed. Lucerna, 2002

MEURER, Jose L. & MOTTA, Roth, D (orgs.). *Gêneros textuais e práticas discursivas: subsídios para o ensino da linguagem*. Bauru, S.P.: EDUSC, 2002.

MEURER, José Luis. *Esboço de um modelo de produção de textos*. In: Meurer, J.L.& Motta-Roth, D. (orgs.) Parâmetros de Textualização. Santa Maria:UFSM, 1997, p.13-28.

NOGUEIRA, Nilbo. *Pedagogia de Projetos: etapas, papéis e atores*. São Paulo: Érica, 2005.

ROTTAVA, Lucia. *Operacionalização e implementação de material didático para o ensino/aprendizagem da leitura e da escrita em contexto de português como L2 para hispanofalantes*. Línguas e Letras. Cascavel. V.5, n.1, p.99-120, 2002.

\_\_\_\_\_ *A leitura e a escrita como processos inter-relacionados de construção de sentido em contexto de ensino/aprendizagem de Português como L2 para hispanofalantes*. Tese de Doutorado. Campinas. UNICAMP, 2004.

SCARAMUCCI, Matilde. *O Projeto CELPE-BRÁS no âmbito do Mercosul contribuições para uma definição de proficiência comunicativa*. In: ALMEIDA, J. SCARAMUCCI, M.. *Proficiência em LE: considerações terminológicas e conceituais*. Trabalhos em Lingüística Aplicada, n 36, jul/dez. 2000.

\_\_\_\_\_ *Vestibular e ensino de Língua Estrangeira (inglês) em uma escola pública*. Trabalhos em Lingüística Aplicada, n.34, p.7-20, jul./dez.1999.

SCHLATTER, Margarete. *CELPE-BRAS: Certificado de Língua Portuguesa para Estrangeiros - breve histórico*. In: CUNHA, Maria; SANTOS, Percília. *Ensino e pesquisa em português para estrangeiros*. Brasília: UnB, 1998.

SCHLATTER, Margarete et al. *Manual do Exame CELPE-Bras*. Brasília: Pallotti, 2002.

SCHNEUWLY, Bernard. *Gêneros e Tipos de Discurso: Considerações Psicológicas e Ontogenéticas*, In. ROJO, R. e CORDEIRO,G. (Org.). *Gêneros Orais e Escritos na Escola*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004.

SOARES, Magda. *Letramento: um tema em três gêneros*. Belo Horizonte: Autentica/CEALE,1998.

\_\_\_\_\_ *Português: uma proposta para o letramento*. Manual do Professor. São Paulo: Moderna, 1999.

VAN DIJK, Teun. *Análisis del discurso*. Santiago de Cali, Colombia: Facultad de Humanidades, Universidad del Valle, 1994.

\_\_\_\_\_ *Questões em análise funcional do discurso*. In.– *Cognição, Discurso e Interação*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 1999.

VYGOTSKY, Lev S. *A Formação Social da Mente*. São Paulo: Martins Fontes, 1986.

**ANEXO 1**



# Brasil Conosco

*Uma janela de entendimento entre  
nossas duas nações*

Agosto - Novembro 2005



Falemos  
sobre o  
Sul  
Brasileiro

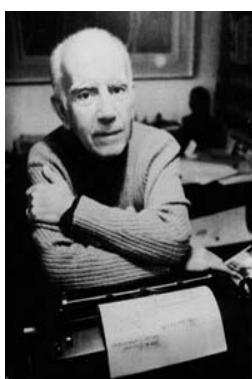


## Influência brasileira ao nosso redor.

*O paisagismo brasileiro faz parte da cotidianidade do venezuelano*

Os venezuelanos, sem perceber, temos ao nosso redor influências brasileiras, como é o caso do paisagismo representado pelo arquiteto brasileiro "Roberto Burle Marx", considerado um dos principais artífices do paisagismo em nosso país. Suas obras paisagistas misturadas com nosso clima, flora e fauna em espaços abertos e em áreas verdes têm deixado uma profunda marca na vida cotidiana do venezuelano...

*Continua página 4*



### Comemoração 100 anos do nasci- mento de Erico Veríssimo.

Ao longo de 2005 se estenderá uma série de eventos culturais em homenagem à vida y à obra de Erico Veríssimo

Pág. 6

## Agora fazer negócios com o Brasil é possível.

*Um guia para ajudá-lo a ingressar no concorrido mundo do mercado brasileiro*



Para ninguém é um segredo que nos últimos anos as relações entre o Governo Venezuelano e o Brasileiro têm se fortalecido. São muitos os convênios e acordos assinados entre ambos países, em diferentes áreas...

*Continua página 3*



## Culto ao Corpo.

*Dicas para o cuidado do seu corpo e  
para aumentar seu charme*

Pág. 8

## Neste número:

**ATIVIDADES DO ICBV** Pág. 2

**LETRAS** Pág. 7  
*Mário Quintana*

**TALENTO ICBV** Pág. 7

**ESPORTE** Pág. 10  
*Ronaldinho Gaúcho*

**HORÓSCOPO** Pág. 11  
*Conheça seu signo*

**TURISMO** Pág. 12  
*A Região Sul*

**CULINÁRIA** Pág. 13  
*Arroz Carreteiro*

**HISTÓRIA** Pág. 14  
*A Revolução Farroupilha*

**CRÔNICA** Pág. 15  
*Automedicação?  
Comigo não!*

## CULTURA



### O Chimarrão

O chimarrão é uma tradição, quase uma instituição, que acompanha o gaúcho diariamente. Pode ser tomada, tanto no inverno como no verão, a qualquer hora.

Pág. 16

# Editorial

Aqui estamos...gostaríamos de apresentar-lhes nossa tentativa, em forma impressa, de uma aproximação maior ao *re*-conhecimento desse país do samba, das mulatas e do futebol. Sem esquecer que em todos esses quesitos é o "maior do mundo". Mas será, apenas isso, "*o todo*"? Pensamos que não. Gostaríamos de mostrar aos nossos alunos, professores, compatriotas, conhecidos, amigos e simpatizantes um pouco mais desse país, tão próximo, e ao mesmo tempo distante, pelas muitas facetas que apresenta devido a sua extensão e diversidade que, às vezes, conhecemos algumas partes, mas não *o todo*.

Diferentes realidades, culturas, raças, gente de todas partes, bastante misturados, apresentando uma aparente homogeneidade é verdade, mas que também guardam sua diversidade que nos enriquece. Essa diversidade é a que vamos compartilhar através desse jornal.

Ele nasce como um projeto de fim de curso, mas queremos que seja um primeiro passo para uma longa caminhada que devemos empreender buscando a necessária aproximação entre nossos povos, nossos países, o Brasil e a Venezuela.

Acreditamos que o fato de ser criado, elaborado e desenvolvido por venezuelanos e brasileiros para venezuelanos e brasileiros nos dará a exata dimensão de nossas coincidências e diferenças, assim como *co*-construiremos no caminho o conhecimento necessário para que nossas relações sejam bem-sucedidas e se desenvolvam em harmonia.

Não podemos contribuir para a construção de algo que desconhecemos. Para processar uma informação precisamos desvendar os contextos em que se produz. Caso contrário correremos o risco de tergiversar, confundir e fracassar.

Pensamos que é um ótimo pretexto para, além de nos familiarizarmos com as palavras, a escrita, a leitura, todos

esses objetivos acadêmicos que perseguimos ao longo do tempo que dura nosso curso, enquanto nos descobrimos mutuamente através da convivência quase diária porque, quando os alunos não vêm ao Instituto, nos levam a suas casas em forma de trabalhos a serem realizados, sempre tão exaltados e cobrados. Pelos professores, é claro! E, muitas vezes, feitos na ante-sala da aula sendo perturbados pelo cheiro de coxinhas e empadinhas feitos com carinho pela Tere.

Quando conhecemos o "outro" aprendemos mais sobre nós mesmos e essa é a maravilhosa aventura que empreendemos ao aprender uma nova língua, porque essas palavras e textos, aos quais chamamos código, não poderemos decifrá-los se não conhecermos o aspecto, tanto ou mais importante, que é a cultura à qual pertence essa língua. É impossível dissociá-los quando queremos nos aproximar realmente.

Porém, teríamos que começar esse *re*-conhecimento em forma organizada, "didática" por assim dizer, e foi seguindo um fio condutor que decidimos partir do mais longínquo ao mais próximo, razão pela qual fomos ao extremo sul do Brasil, trazendo fragmentos da Região Sul, para que entrem em contato com seus costumes, pensamentos, suas personagens, paisagens e assim possamos nos conhecer melhor. Nos próximos números, que confiamos sairão, seguiremos nossa viagem em direção ao norte quando nos encontraremos em nossas fronteiras.

Desejamos muita paz, amor, paciência e perseverança para todos os que nos acompanharem nessa caminhada. Axé para vocês! Como diria nossa baianíssima Tatiene Ellen.

Professora  
Beatriz Demoly  
Para comentários e sugestões: [bdemoly@yahoo.com.br](mailto:bdemoly@yahoo.com.br)

## O que é o I.B.C.V.?

É um centro de promoção da cultura brasileira na Venezuela, que estimula e promove iniciativas que contribuam à sua difusão.

Com mais de 10 anos no meio cultural venezuelano, o ICBV se centra no fortalecimento das relações entre ambos países, através da ação e cooperação cultural no campo das artes, da ciência e no ensino da língua. Por essas razões se apresenta como um espaço de encontro das comunidades brasileira e venezuelana que permite o intercâmbio de conhecimentos e vivências

## O ICBV lhes oferece cursos de:

- Português do Brasil
- Espanhol para estrangeiros
- Redação em Português
- Conversação
- Preparação para a prova do CELPE-Bras e aplicação da prova de Proficiência em Língua Portuguesa CELPE-Bras

## Atividades Culturais

- Aulas de dança com diferentes ritmos (samba, forró, maxixe etc.)
- Capoeira
- Cursos de Cultura e História da Música Brasileira
- Apresentação de filmes brasileiros às 4<sup>as</sup> feiras às 18 hs 45 cada 15 dias.

## Editor

Beatriz Demoly

## Diagramação e montagem

Carlos Briceño

## Colaboradores

Carmen Rodríguez

Carla Marcano

Mireya de Véliz

Natalie de Caires

Susana Jo

Syhail Ruz

# Negócios

## AGORA FAZER NEGÓCIOS COM O BRASIL É POSSÍVEL

Para ninguém é um segredo que nos últimos anos as relações entre o Governo Venezuelano e o Brasileiro têm se fortalecido. São muitos os convênios e acordos assinados entre ambos países, em diferentes áreas, como: o setor petrolífero, mineiro, energético, de infra-estrutura etc.

O que não é tão conhecido, por venezuelanos e brasileiros, é o grande e importante que resulta para nossos povos as relações comerciais entre ambos países. De acordo com o Sr. João Alfredo Dos Anjos, Agregado Comercial e Turístico da Embaixada do Brasil na Venezuela, no ano 2004 o intercâmbio comercial foi de 1 bilhão e 600 milhões de dólares, e acredita que para o 2005 esta cifra aumentará a 2 bilhões. Porém, há atualmente um superávit, em relação à importação de produtos brasileiros pela Venezuela.

Neste contexto, este artigo procura dar a conhecer quais são as possibilidades e facilidades que há para fazer negócios bilaterais, e especificamente, quais são as possibilidades reais que têm os venezuelanos de colocar seus produtos no mercado brasileiro.

### ACORDOS BILATERAIS Incentivando o intercâmbio industrial e comercial entre o Brasil e a Venezuela.

#### 1.- ACE 59 ( Acordo de complementação econômica)

Foi assinado pelos países da Comunidade Andina e os países do MERCOSUL. Entrou em vigência em 2005 no âmbito da ALADI. Com este acordo se fez uma programação do que se chama redução tarifária. A idéia é ir diminuindo pouco a pouco as tarifas de importação de modo que entre 8 e 15 anos as tarifas de todos os produtos sejam 0, entre todos os países do



Sr. João A. Dos Anjos, Agregado Comercial e Turístico da Embaixada do BR.

Mercosul, procurando o livre comércio.

[www.seniat.com/aduanas](http://www.seniat.com/aduanas)

#### 2.- Programa de substituições competitivas de importações

Com o fim de que o Brasil compre mais a seus vizinhos sul-americanos, o Governo Brasileiro aprovou este programa, cujo objetivo é substituir importações a terceiros, por importações de mercados vizinhos. Segundo Dos Anjos, este programa "representa um fator que aproxima mais aos povos, pelo menos na área comercial".

Como vão fazer isto? Há muitos projetos, um deles é a Revista de Integração Sul-americana, que vai circular só no Brasil, e que vai ser distribuída gratuitamente a mais de 20.000 importadores brasileiros. Com esta revista vão se abrir espaços para que os diversos países, incluindo a Venezuela, possam mostrar e dar a conhecer suas ofertas exportáveis.

Este projeto já está em curso, e o primeiro número sai no mês de setembro. Conforme Dos Anjos, "a idéia é mostrar o que os países podem oferecer ao mercado brasileiro, que é um mercado muito grande e que compra bastante, o ano passado comprou 50 bilhões de dólares, mas muitas vezes falta informação. Os brasileiros, por exemplo, não sabem que o chocolate venezuelano

está entre os melhores do mundo ou que o vinho é tão bom quanto o argentino, esse tipo de coisas é o que queremos mostrar".

#### Financiamentos

Existem linhas de crédito que facilitam os negócios. O Banco do Brasil, por exemplo, tem linhas de crédito para exportadores e importadores, inclusive, tem linhas de crédito conjuntas com Bancoex (Banco de Comercio Exterior da Venezuela) e com a CAF (Corporação Andina de Fomento), a idéia é estimular as empresas pequenas e médias, por isso, os juros que oferece o Banco do Brasil são muito competitivos.

[www.bb.com.br](http://www.bb.com.br)

#### Produtos venezuelanos de qualidade exportável

A Venezuela é um país com muitas riquezas naturais e é muito competitiva em toda a linha de produtos derivados do petróleo, por razões conhecidas. Mas existem também outros produtos de qualidade exportável, por exemplo, o cacau. No Brasil há cacau, mas o cacau venezuelano é de qualidade superior. Portanto, a Venezuela poderia exportar ao Brasil, não só cacau, mas também o próprio chocolate.

Outro exemplo é o Rum, o qual é talvez o melhor Rum do mundo, porquanto, pode ter facilmente um espaço no mercado brasileiro.

Na parte de alimentos, se pode falar da farinha de milho branco. O brasileiro ainda não conhece a *arepa*, embora goste muito das comidas feitas com milho. Por conseguinte, tanto a farinha, como a *arepa* e todos os equipamentos e linha branca para fazê-la pode ser exportável.

Por último, o turismo. Esta é uma indústria muito importante porque cria muitos empregos (restaurantes, hotéis, transporte etc.). Todo o norte do Brasil, quando pensa em praia pensa em Margarita e isso se deve aproveitar.

#### Conselhos úteis

O Sr. João dos Anjos diz que é muito importante:

##### 1.- Conhecer o mercado:

O Brasil é um país muito grande, na verdade é como se fossem vários países, já que tem muita diversidade de mercados. O que se vende no Sul há vezes que se tem que modificar para poder vendê-lo no Norte, porque os gostos são diferentes. Acontece o mesmo na Venezuela, este país tem de tudo: montanha, praia, floresta amazônica etc.

##### 2.- Deve conhecer o idioma

**3.- Procure informação das organizações adequadas:** você deve conhecer os bancos comerciais.

**4.- Utilize a Internet:** este é um instrumento importantíssimo, com um custo praticamente zero e aí você tem uma base bem grande de informação, só tem que saber onde procurar.

Carmem Rodriguez e Carla Marciano

#### Páginas de interesse

- 1.- Embaixada do Brasil: [www.braziltradenet.gov.br](http://www.braziltradenet.gov.br)
- 2.- Banco do Brasil: [www.bb.com.br](http://www.bb.com.br)
- 3.- CAVENBRA (Câmara de ComercioIndústriaVen-Bras): [cavenbra@ifxmw.com.ve](mailto:cavenbra@ifxmw.com.ve)
- 4.- CONAPRI ( Consejo Nacional de Promoção): [www.conapri.org](http://www.conapri.org)
- 5.- Bancoex: [www.bancoex.gov.ve](http://www.bancoex.gov.ve)

# Reportagem



## Influência brasileira ao nosso redor

*O paisagismo brasileiro forma parte da cotidianidade do venezuelano*

Os venezuelanos, sem perceber, temos ao nosso redor influências brasileiras, como é o caso do paisagismo representado pelo arquiteto brasileiro “Roberto Burle Marx”, considerado um dos principais artifices do paisagismo em nosso país. Suas obras paisagistas misturadas com nosso clima, flora e fauna em espaços abertos e em áreas verdes têm deixado uma profunda marca na vida cotidiana do venezuelano.

Burle Marx nasceu em São Paulo (Brasil) o dia 4 de agosto de 1909, filho do alemão Guilherme Marx e da pernambucana Cecília Burle. Tornou-se conhecido em seu país por dar às criações uma orientação ecológica. Ainda criança, transferiu-se com a família para o Rio de Janeiro onde estudou pintura e arquitetura na Escola Nacional de Belas Artes. Aos 19 anos, viaja para a Alemanha para se aperfeiçoar como desenhista, e é lá que, casualmente, descobre a beleza das plantas tropicais, numa visita ao Jardim Botânico de Dahlen. De volta ao Brasil, Burle Marx começa a classificar plantas num jardim na encosta do morro, atrás da sua casa.

Seu primeiro trabalho como paisagista é feito a pedido do arquiteto e amigo Lúcio Costa, no início dos anos 30. Burle Marx projeta um jardim revolucionário, usando plantas tropicais e a estética

da pintura abstrata.

O começo é difícil. Os jardins brasileiros obedecem o modelo europeu: predominam azaléias, camélias, magnólias e nogueiras. A elite conservadora da época estranha o estilo abstrato e tropical de Burle Marx. Mas a renovação nas artes e na arquitetura é uma tendência mundial e irresistível nos anos 30. Burle Marx torna-se adepto da escola alemã Bauhaus, com seu estilo humanista e integrador de todas as artes.

Foi diretor de parques em Recife (1934 - 1938), onde em seus projetos procurou aproveitar as espécies tropicais, como a vitória-régia, e a flora típica da caatinga. Sua primeira obra relevante

foi o jardim do prédio do Ministério da Educação e Saúde em 1938, atual palácio Gustavo Capanema, no Rio de Janeiro, um marco de arquitetura moderna no país.

Em 1943 Burle Marx se encarrega de fazer o projeto do jardim da casa de Juscelino Kubitschek em Belo Horizonte, mas na realização deste trabalho acontece um problema com os honorários profissionais de Burle Marx que afetaria de maneira negativa a relação entre ambos; e trouxe como consequência que Burle Marx não pudesse participar desde o começo nos projetos dos jardins de Brasília que se fizeram desde 1956 até 1961 durante o governo presidencial de Juscelino Kubitschek.

Burle Marx não podendo trabalhar na área pública durante o governo de Kubitschek, decide se estabelecer na Venezuela para o ano 1956 “o estúdio Burle Marx de Caracas” com uma sociedade constituída por Maurício Monte, Júlio Pessolani, Fernando Tábora e John Stoddart. Essa equipe, que por desentendimentos foi relegada ao esquecimento por Burle Marx, teve um papel fundamental no conjunto das suas obras, tanto na Venezuela como no estrangeiro. De 1955 até 1964, foi responsável por todos



## Influência brasileira ao nosso redor... (continuação)

seus projetos, exposições e publicações da sua obra.

Em 61 anos de carreira, Burle Marx assina mais de dois mil projetos e recebe inúmeras honrarias. Em 1972, muda-se para o sítio Santo Antônio da Bica, nos arredores do Rio de Janeiro. Dedicou-se à pintura, colecionava obras de arte e cultivava, ao longo de mais de vinte anos, três mil e quinhentas espécies de plantas do mundo inteiro, criando um verdadeiro Éden Tropical.

Em 1985, doa a propriedade ao governo federal. Seu grande sonho é criar ali uma escola para jardineiros e botânicos, e abrir o sítio à visitação pública. Mas é somente após a sua morte, ocorrida em 1994, aos 84 anos de idade, que os seus últimos projetos florescem. Graças ao empenho de sua equipe, o sítio, agora batizado com o seu nome, recebe visitantes do Brasil e do mundo.

O estúdio Burle Marx de Caracas fez mais de 30 projetos paisagistas entre jardins públicos e privados, sobressaindo o "Parque del Este" onde seus jardins foram desenhados por Burle Marx misturando a flora e fauna com beleza e equilíbrio através da conexão dos espaços com formas curvas, lagos, estanques e painéis escultóricos.

Outros projetos de importância foram: o Hotel Humboldt, o Helicoide, o complexo turístico Los Canales, o Parque del Oeste e o Jardim Botânico de Maracaibo. Também, colaborou no ano 1957 com o arquiteto venezuelano Walter James Alcock no desenho interior do Penthouse Puncelles, no Club Praia Azul no Litoral Central.



As intervenções artísticas de Burle Marx em espaços abertos e nas áreas verdes dos diferentes projetos paisagísticos desenvolvidos em nosso país contribuíram mais tarde, com a fundação da Sociedade Venezuelana de Arquitetos Paisagistas no ano 1964, onde o

arquiteto inglês John Stoddart (quem formou parte do Estúdio Burle Marx em Caracas) foi um dos fundadores e ao mesmo tempo, foi nomeado professor na Universidade Central da Venezuela.

Todas estas influências permitiram que para o ano de 1987 se criasse o Mestrado em Arquitetura Paisagista da Universidade Central da Venezuela, que atualmente conta com numerosos alunos já formados, como é o caso da arquiteta Diana Henriquez de Fernández (atual presidenta da Sociedade Venezuelana de Arquitetos Paisagistas) quem participou na proposta paisagista dos jardins da Universidade Simón Bolívar.

Por Mireya de Véliz e Natali de Caires

### Referências na Internet:

- [www.burlemarx.com.br](http://www.burlemarx.com.br)
- [www.sobiografias.hpg.ig.com.br](http://www.sobiografias.hpg.ig.com.br)
- [www.bolsadearte.com](http://www.bolsadearte.com)
- [www.el-nacional.com](http://www.el-nacional.com)
- [www.vitruvius.com.br](http://www.vitruvius.com.br)
- [www.arquitectosvenezolanos.com](http://www.arquitectosvenezolanos.com)
- [www.sampa.art.br](http://www.sampa.art.br)
- [www.todoarquitectura.com](http://www.todoarquitectura.com)
- [www.tucultura.com.br](http://www.tucultura.com.br)



Planetário Humboldt desenhado pelo arquiteto Carlos Guinand

# Letras

## Ano Centenário do escritor Érico Veríssimo

Ao longo de 2005 se estenderá uma série de eventos culturais em homenagem à vida e à obra de Érico Veríssimo, quando este escritor, o mais importante do Rio Grande do Sul, cumpriria cem anos.

A homenagem, o "Ano do Centenário de Érico Veríssimo", foi instituída pelo Governo do Estado, e mobiliza diversas áreas da administração pública e universidades, para fazer que os gaúchos conheçam um pouco mais de si mesmos através das idéias de um homem que conhecia seu povo.

A tarefa de aproximar os leitores à história de Érico Veríssimo e a de seus personagens foi confiada à Comissão Oficial do Centenário, presidida entre outros pelo governador do Rio Grande do Sul, Germano Rigotto, quem afirma que "quem ainda não leu Érico Veríssimo será estimulado a fazê-lo, e quem já o leu terá motivação para resgatar um pouco mais do que ele foi para o Rio Grande e para o Brasil". Os personagens de Érico Veríssimo, na concepção do governador, são "essencialmente gaúchos e identificados com a história Rio-grandense". Rigotto pretende que a iniciativa de prestigiar autores locais sirva de apoio e incentivo ao hábito da leitura.

### Dados Biográficos de Érico Veríssimo

Érico Veríssimo nasceu em Cruz Alta, Rio Grande do Sul, em 1905, numa família rica, arruinada no início do século. A biblioteca paterna lhe deu oportunidade de tomar contato com as melhores obras literárias.

Começou os estudos em Cruz Alta, fez o ginásio em Porto Alegre, mas teve que abandonar os estudos aos 18 anos para trabalhar. Aos 25 anos, mudou-se para Porto Alegre para tentar carreira literária. Conheceu Augusto Meyer, escritor modernista, que o encaminhou para o jornalismo literário. Em 1932 estreou com o livro de contos *Fantoches*. Em 1933 publicou seu primeiro romance, *Clarissa*, que foi muito bem recebido pelo público.

Foi Conselheiro Editori-

al e tradutor da Editora Globo. Tornou-se conhecido no exterior, especialmente nos Estados Unidos da América do Norte e Portugal.

Lecionou literatura brasileira nos Estados Unidos da América do Norte e, em 1953, dirigiu o Departamento de Assuntos Culturais da União Pan-Americana, em Washington.

O ambiente que Érico Veríssimo usava para escrever era esse: uma sala escura e praticamente



vazia, onde havia apenas uma velha máquina de escrever numa escrivaninha quase vazia, um cabide para pendurar chapéu, bengala e guardachuva e uma escarradeira.

Veríssimo testava seus livros infantis da melhor maneira possível: contava as histórias aos filhos de Henrique Bertaso e, se eles gostavam, então era porque a história era boa. E a história era publicado pelo próprio Bertaso, que era seu editor.

Suas obras foram traduzidas para as principais línguas modernas. Segundo Wilson Martins, Érico Veríssimo "é um dos escritores fundamentais do movimento por haver feito, fora de São Paulo, o que nenhum dos revolucionários de 22 conseguiu fazer: o romance urbano moderno, mais interessado em interpretar o homem com fidelidade".

Sua obra de ficção se divide em dois grandes ciclos: o primeiro, o ciclo urbano, incluindo os romances e novelas voltados à luta pela sobrevivência na cidade grande no mundo em desagregação do pós-guerra. O segundo, o ciclo político,

se refere aos romances ligados a temas internacionais e nacionais, contendo crítica mais severa às ideologias dominantes no período.

Em 1936 nasceu seu filho Luís Fernando Veríssimo, que além de ser um dos escritores mais populares do Brasil, é cartunista, jornalista, publicitário y humorista. Nos últimos anos da sua vida Érico Veríssimo era apresentado como o pai de Luís Fernando Veríssimo fato que o deixava, segundo ele, cheio de orgulho.

### Suas obras principais são:

Romances e novelas

*Clarissa* (1933); *Caminhos Cruzados* (1935); *Música ao Longe* (1935); *Um Lugar ao Sol* (1936); *Olhai os Lírios do Campo* (1938); *Saga* (1940); *O Resto é Silêncio* (1942); *Noite* (1954); *O Tempo e o Vento: O Continente* (1949), *O Retrato* (1951), *O Arquipélago* (1961/2); *O Senhor Embaixador* (1965); *O Prisioneiro* (1967); *Incidente em Antares* (1971).

Contos

*Fantoches* (1932); *As Mãos de Meu Filho* (1942); *O Ataque* (1959); *Galeria Fosca* (1987).

**Na Biblioteca do Instituto Cultural Brasil Venezuela podemos encontrar os seguintes livros do escritor:**

*O Continente*, *O Retrato*, *O Arquipélago*, *O Resto é Silêncio*, *Saga*, *O Senhor Embaixador*, *O Prisioneiro*, *Incidente em Antares*, *Solo de Clarineta*, *Israel em Abril*, *Música ao Longe*, *Um Certo Capitão Rodrigo*, *o Jardim do Diabo*.

Fontes: [estado.rs.gov.br/erico/](http://estado.rs.gov.br/erico/) e NILC – Núcleo Interinstitucional de Lingüística Computacional [Unicruz.edu.br/verissimo/principal.htm](http://Unicruz.edu.br/verissimo/principal.htm)

Sfs

Colaboração de Mireya de Véliz



# Letras

## Gente de Palavras...As palavras da gente



### Mário Quintana, o poeta

Mário Quintana, nas palavras de Fausto Cunha "soube manter-se fiel ao seu gênio poético, à sua vocação lírica, quando tantos em torno dele se esgotavam em caminhos equivocados". E poetando suas emoções, seus sentimentos, ele faz de si um espelho do mundo que o cerca, não raro abrindo mão de sua face dita angelical para refletir imagens da vida com fina ironia e, às vezes, com ácido sarcasmo.

*"Em mim convivem um anjo e um demônio que não brigam entre si, convivem quase que harmoniosamente".*

*Mario Quintana*

#### Canção da primavera Para Érico Veríssimo

Primavera cruza o rio  
Cruza o sonho que tu sonhas.  
Na cidade adormecida  
Primavera vem chegando.

Catavento enlouqueceu,  
Ficou girando, girando.  
Em torno do catavento  
Dancemos todos em bando.

Dancemos todos, dancemos,  
Amadas, Mortos, Amigos,  
Dancemos todos até  
Não mais saber-se o motivo...

Até que as paineiras tenham  
Por sobre os muros florido!

#### O auto-retrato

No retrato que me faço  
- traço a traço -  
às vezes me pinto nuvem,  
às vezes me pinto árvore...

às vezes me pinto coisas  
De que nem há mais lembrança...  
ou coisas que não existem  
Mas que um dia existirão...

e, desta lida, em que busco  
- pouco a pouco -  
minha eterna semelhança,

No final, que restará?  
Um desenho de criança...  
Corrigido por um louco!

#### Talento ICBV É TUDO...

Por Devi Anna Chacón - Aluna Nível 3

Nem todos os beijos dos lábios esquecidos,  
nem meu olhar perdido dentro da escuridão...é tudo.

Na mão de uma criança guardo uma lágrima de rocío,  
nela, uma borboleta brinca de fugir da tristeza e lhe  
ensina  
que o sorriso dela... é tudo.

Quem pode se resistir aos braços dos seus encantos,  
quem pode não perceber o calor do latejo do seu  
coração...Isso!  
Isso é tudo.

Meus olhos não podem dormir,  
as palavras da solidão batem nos sonhos de uma vida  
que vem  
de uma vida que vai...  
Quero ir ao céu pra encontrar você de novo.  
Vir...e me apaixonar como sempre faço...é tudo

Cheirar seu aroma de viajante e beijar seu andar...é  
tudo

Tão triste que o vento dança sem a música do seu  
olhar  
Suas palavras fazem chover folhas de paixão e sauda-  
des...é tudo

E seu riso quebrou-se em mil pedaços...foi quando  
nasceram  
as fadas e as ninfas... é tudo

Uma melodia de coisas bem lindas me fala de você  
a harmonia faz o resto...é tudo

Ao sentir saudades...um abraço apaga todas as dores  
ao chorar...as folhas caem do meu coração...é tudo

O silêncio das mãos cansadas de se abrir para serem  
feridas,  
a insensatez dos seus olhos ao me olharem de novo  
Uma ilusão alimentada de luzes das estrelas do céu  
tristes sentindo sua falta  
Uma lua aguardando pela aparição do sol...é tudo

Fale, apenas fale tudo o que quero ouvir...que é tudo e  
nada  
é uma natureza feita em aromas de paixão,  
é um chorar de folhas caídas das árvores velhas que-  
rendo esquecer  
é o vento que traz cheiros de sonhos envoltos em você  
e você apagou o meu chorar para me levar aos seus  
braços  
onde...nada é tudo  
e tudo é você...

### Ora bolas!...Coisas do Mário

*O humor cotidiano do poeta por Juares Fonseca*

#### Esquina perigosa

Depois do almoço, Mário Quintana e o jornalista J. Prado Magalhães, da *Folha da Tarde*, fazem a digestão caminhando pela Rua da Praia. Ao chegarem à Rua da Ladeira, que até hoje ninguém entende por que foi rebatizada de General Câmara, Mário tem sua atenção despertada por uma nova placa de trânsito colocada ali: "Esquina perigosa". Num tom irônico, quase distante, observa: Veja só. Como se a esquina pudesse ser perigosa. Perigosos são os motoristas, ora bolas...

#### Inflação

Comia alguma coisa no balcão de uma lancheria da Rua da Praia, nas imediações do *Correio do Povo*. Estava Sentado em um daqueles bancos altos e desconfortáveis e, como todo mundo faz, tinha as pernas trançadas nas pernas do banco.

Na hora de pagar, ao tirar o dinheiro do bolso do paletó, uma nota cai no chão. Lá em cima o poeta a olha desconsolado e isso é o bastante para que um rapaz, sentado em uma mesa próxima, se abaixe, pegando a nota e alcançando-a a Quintana, que agradece:

- Muito obrigado! No tempo que eu levaria para desenroscar as pernas e descer deste banco, o dinheiro já teria perdido metade do valor.

# Vida

## Culto ao corpo



Nos últimos 100 anos nosso corpo tem se libertado gradualmente de camadas e camadas de roupa. Homens e mulheres –as últimas principalmente- deixaram de usar roupas que se arrastavam pelo chão e iam até o pescoço, passando a usar roupas mais justas e saias mais curtas para conseguir uma aparência mais jovem pelo modo de vestir. Entretanto, é necessário ter

o corpo em forma para poder exibi-lo.

Hoje trataremos de fazer um resumo daqueles rituais que nós fazemos para sermos mais belos e atrativos.

### O PESO IDEAL – FAZER REGIMES

Geralmente conhecemos pessoas: amigas, vizinhas ou algum familiar que já fizeram alguma dieta que prometeu uma redução de peso num curto espaço de tempo. Nós temos a esperança de eliminar peso rapidamente, e seguimos dietas tão exóticas como perigosas ou, até fazer restrições de alimentos por conta própria. Além disso, cada dia surge uma infinidade de dietas mágicas com a promessa de conseguir o corpo perfeito.

Algumas dessas dietas de moda são:

- **A dieta de South Beach:** Foi feita para pacientes com problemas cardíacos para perder peso sem risco. Na fase inicial, se restringe severamente o consumo de carboidratos; depois dessa fase, o consumo de alimentos a base de cereais e frutas é gradualmente retomado em menor quantidade e com ênfase em grãos integrais no lugar da farinha.
- **A dieta da lua:** é mais uma forma milagrosa para perder peso que não tem o apoio da maior parte dos nutricionistas. Nessa dieta, a pessoa deve ingerir somente líquidos por 24 horas durante cada mudança da fase da lua. Esta dieta é desbalanceada e pode causar fraqueza e mal-estar.
- **A dieta do tipo sanguíneo:** esta dieta se baseia na teoria de que o tipo sanguíneo determina as funções digestivas, as estruturas imunológicas e que alguns alimentos podem causar emagrecimento ou aumento do peso. As pessoas com sangue do tipo "O" seriam "caçadoras carnívoras", os indivíduos de sangue tipo "A" seriam vegetarianas dóceis e os de sangue tipo "B" seriam onívoros, consumidores de laticínios.

*A continuação 4 dicas que lhe garantirão o peso ideal e uma vida saudável, sem necessidade de dietas chatas que ponham em risco sua boa nutrição:*



### 1.- Coma um pouco de tudo... esse é o lance...

Uma boa alimentação deve ser variada, suficiente e equilibrada. Você não deve eliminar nenhum grupo de alimento do cardápio, a chave é aprender a dosar as porcentagens e evitar exageros.

Cada tipo de alimento tem uma função específica na manutenção do corpo. As gorduras, por exemplo, tem efeito laxativo, pois lubrificam o organismo; por sua parte, os carboidratos aceleram o metabolismo; finalmente, as proteínas, têm o papel de afirmar os tecidos e enrijecer a pele. Portanto, é importante que escolha alimentos de cada grupo: grãos e cereais, legumes e verduras, carnes, frutas, açúcares, azeites e lácteos.

### 2.- Coma pelo menos 4 vezes ao dia...

Muitas pessoas acham que para "manter a linha" o melhor é eliminar uma das comidas do dia, geralmente acreditam que ao deixar de jantar ou tomar o café da manhã vão poder baixar de peso mais rápido.

É muito freqüente, que ao saltar alguma comida, na seguinte você coma mais e esse excedente é armazenado e depositado em seu organismo em forma de gordura.

Você deve fazer 3 refeições fortes e um ou dois lanches ao dia, os quais podem ser, um a meia manhã e o outro a meia tarde, já que estes lanches lhe ajudarão a acelerar seu metabolismo.

Há um dito popular muito certo, você deve "tomar o café da manhã como um rei, almoçar como um príncipe e jantar como um mendigo. Isto quer dizer que no café da manhã você pode comer o que quiser, pois, esta vai ser a gasolina que vai utilizar para se manter o dia inteiro. No almoço deve fazer uma boa combinação entre proteínas, carboidratos e legumes, no entanto, no jantar é recomendável só comer legumes.

Nos lanches pode comer todo tipo de frutas secas, as quais, além de matar sua ansiedade, lhe oferecem inúmeros benefícios para sua saúde.

### 3.- Beba muita água...

Você precisa de água pura, pelo menos 2 litros por dia, com isto, você vai fazer uma faxina nas células e vai eliminar as toxinas.

### 4.- Faça exercícios regularmente...

Pelo menos 45 minutos ao dia, três vezes por semana, isto não só vai lhe ajudar a emagrecer, se não também, a prevenir algumas doenças e a ter mais energia durante o dia.

Pouco a pouco, você vai condicionar sua mente, até que cada uma destas coisas lhe resulte natural.

## CIRURGIAS

### Lipo-aspiração

É um procedimento cirúrgico destinado a extrair os depósitos desagradáveis e indesejáveis de gordura, localizados em determinadas áreas do corpo, sem deixar cicatrizes visíveis. Na atualidade, é um dos tipos de procedimento que vêm apresentando maior procura nos consultórios de cirurgia plástica.

### Agora história...

A eliminação daquela gordurinha que não sai com ginástica nem com dieta, até certo tempo, parecia algo extremamente dramático. Nos 70', o tratamento da gordura localizada era feito com limitações, como curetagem, onde os resultados eram quase sempre insatisfatórios e com grandes cicatrizes no local da cirurgia. Além disso, as regiões abdominal e dorsal eram consideradas áreas proibidas. Desde então, métodos tradicionais foram evoluindo, originando as lipos modernas, que hoje conhecemos.

Um salto à frente conquistado pela lipo na evolução tecnológica foi o uso da energia ultra-sônica (UAL) e vibratória, facilitando a aspiração e o manuseio do tecido adiposo, proporcionando maior remoção de gordura no mesmo movimento de cânula, diminuindo assim o sangramento e a dor do paciente – facilitando o pós-operatório.



## Culto ao Corpo (continuação)

### Redefinindo o contorno corporal.....

Quando se faz a lipo, uma cânula é inserida dentro da camada gordurosa sob a pele extrai depósitos de gordura numa incisão de alguns milímetros, feita em um ponto estratégico, como dobras naturais da pele ou em sulcos como os existentes abaixo das nádegas, ou na parte inferior do abdômen. No Brasil, os limites de extração da gordura são de até 7% do peso corporal que podem ser retirados com a técnica infiltrativa e 5% para não infiltrativa. Em ambas as técnicas, a lipo ainda não pode ser feita em mais de 40% da área do corpo. Por outro lado, é normal a ocorrência de uma flacidez após o procedimento, sendo necessário o uso de uma cinta cirúrgica compressiva de 1 a 2 meses, até que a pele modele o contorno do corpo.

Vale ressaltar que este método não é uma forma de emagrecer. Visite vários médicos. Analise opiniões e condutas. A segurança que sentirá no profissional é o mais importante para sua decisão final.

### OUTRA CIRURGIA – conquistando curvas perfeitas

Há uma procura pelas próteses de silicone em busca de seios perfeitos e curvas sensuais. Hoje em dia as cirurgias de mama ocupam o segundo lugar das cirurgias plásticas mais realizadas. Além dos motivos estéticos, também existem indicações médicas para algumas mamoplastias, como a redução de mamas de grande tamanho que pudessem trazer prejuízo para saúde. As pacientes devem ter consciência de que as próteses são corpos estranhos e que a resposta imunológica do corpo é envolver as próteses por um tecido firme, isolando-as do resto do organismo. Elas podem ser de gel de silicone ou de solução salina com bolsa de tecido liso, rugoso ou texturizado, que devem ser trocadas cada dez anos, pois com o tempo podem apresentar pequenas perfurações.

### TRATAMENTOS ESPECIAIS

#### Depilação laser

Conhecido como um ritual de tortura para as mulheres e de um tempo para cá os homens, livra dos pêlos indesejáveis, mesmo utilizando cremes depilatórios a técnica laser é trabalhosa e irritante. A principal vantagem é que dá fim aos pêlos de modo mais rápido, eficiente e, muitas vezes, definitivo após quatro ou cinco sessões..



Qualquer pessoa pode fazer depilação a laser exceto mulheres grávidas e pessoas que tenham vitiligo, quelóides ou outra doença que impeça o tratamento. O cliente não deve estar bronzeado para maior eficácia e segurança.

Depois das sessões, é recomendado não tomar sol e usar um filtro solar 30 durante tratamento. Também não use pinça ou cera nesse período.

### ESPORTES DA “NOVA ERA”.

#### Yoga – Ciência do oriente conquistando o Ocidente

Sendo uma prática de origem oriental, a Yoga vem conquistando o mundo ocidental com um método de integração capaz de proporcionar aos praticantes incontáveis benefícios, e até o alcance da saúde plena. A Yoga pode ser realizada por qualquer pessoa, inclusive mulheres grávidas desde que sejam observadas por seus médicos. Existem algumas exigências para a prática da disciplina: uso de roupas leves para dar mais liberdade e conforto aos movimentos do cor-

po, e o horário, porque o ideal é esperar completar o processo digestivo. Sempre é necessária a presença de um professor no início, no entanto depois com a prática pode fazer uma rotina em casa.

#### Spinning, uma saudável mania.

Nem todo mundo pode dar suas pedaladas por uma paisagem agradável nas grandes cidades. Como resposta, o ciclismo *indoor* veio como uma tempestade para a indústria de *Fitness*. Indivíduos de várias idades e níveis de condicionamento estão participando de aulas de ciclismo e o mercado continua crescendo.

Por que o ciclismo *indoor* tornou-se tão popular? Talvez porque não tenha passos complicados como as aulas de exercícios em grupo na maioria das academias. Talvez porque queima muitas calorias (em média de 600 a 800 calorias por hora aula). Um dos fatores de motivação no *Spinning*, senão o maior, são as músicas tocadas nas aulas. Além de incentivar os praticantes, determinam a cadência dos movimentos. Experimente! Você vai adorar.



#### O último: Pilates.

Ultimamente, têm-se falado muito em aulas de Pilates. Mas afinal, o que há de especial nestas aulas?

Com a certeza de que os músculos devem ser fortes e flexíveis para se manterem bonitos e saudáveis, o Pilates

através dos seus exercícios, fortalece os músculos fracos, alonga os músculos que estão encurtados e aumenta a mobilidade das articulações. Movimentos fluentes são feitos sem pressa e com muito controle para evitar o estresse. O alinhamento postural é importante em cada exercício, ajudando na melhora da postura global do indivíduo.

As aulas apresentam exercícios suaves, poucas repetições de cada movimento, grande repertório de exercícios, uso de aparelhos e acessórios criados especialmente para os exercícios, resultados rápidos e duradouros e o mais importante: não há desgaste físico.

Nos benefícios encontrados, alongamento e maior controle corporal, correção postural, alívio das tensões, estresse e dores crônicas, facilita drenagem linfática e eliminação das toxinas, fortalecimento dos órgãos internos.

#### A FOGUEIRA DA VAIDADE

Numa oportunidade, a fundadora da casa Revlon expressou que seu negócio não era vender batons, e sim ilusões. Acertou: a venda de maquiagens e produtos de beleza baseia seu negócio numa ilusão de beleza e eterna juventude.

Na Venezuela, os homens e as mulheres são os mais vaidosos do continente, alguns se atrevem a afirmar que até do mundo. Na verdade, não é para menos. Contudo, é o único país que faz dos concursos de beleza (Miss Venezuela) um negócio muito lucrativo e acertado. “Essa imagem, esse desejo de identificar-se com a *top* de beleza nacional está presente em todas as mulheres. A garota do Miss Venezuela é a imagem que procuram alcançar e por isto se investe grandes quantidades de dinheiro no cuidado da pele, do cabelo e da maquiagem. Assim como em perfumes, cremes e sabonetes, “as venezuelanas e os venezuelanos são os mais perfumados do continente”, segundo Juan Eduardo Gomez, gerente Geral da EBEL International Venezuela.

Susana Jo, Syhail Ruz e Carla Marcano - Nível 5

# Esporte



## Ronaldinho Gaúcho

*O craque do "jogo bonito"*

Por Natali de Caire - Nível 5

*O menino do Rio Grande do Sul encanta a todos com seu grande talento e simpatia. Só não dá para chamá-lo de gato, mas sua paixão pelo futebol dá para chamá-lo "o embaixador do jogo bonito".*

*Campeão do Mundo com Brasil, imagem da Nike na terra e herdeiro na cancha do grande Pelé; Ronaldinho tem demonstrado ser todo um virtuoso da bola que entretém e se diverte fazendo o que mais gosta: "jogar futebol".*

*Ronaldo Assis Moreira, melhor conhecido como "Ronaldinho Gaúcho", nasceu em 21 de março de 1980 numa modesta favela de Porto Alegre, capital do Estado de Rio Grande do Sul, onde mora com sua mãe, Miguelina, sua irmã Deise e seu irmão Roberto (quando está no Brasil).*

Se pode dizer que a Ronaldinho o futebol corre por suas veias. Seu pai, João da Silva Moreira já era um apaixonado pelo futebol que se converteu num profissional quando ainda morava numa favela. Logo, veio a vez de a seu irmão Roberto quem foi um sucesso no Grêmio de Porto Alegre, chegando a ser conhecido internacionalmente, entretanto, seu pai trabalhava parqueando automóveis. Depois, veio a vez de Ronaldinho quem começou sua carreira muito cedo. Aos seis anos, já jogava nos infantis do Grêmio de Porto Alegre (o único time que conheceu da mão de seu pai). Aos sete anos, ele já encantava a todos que olhavam os treinos

Aos oito anos Ronaldinho perde seu pai, quem morre afogado na piscina da casa onde moravam e que tinha sido doada pelo Grêmio a Roberto. Desde então, ninguém voltou a usá-la.

Este acontecimento trágico na vida de Ronaldinho, sendo tão jovem, fez com que ele se dedicasse mais ao futebol para esquecer a falta de seu pai e com o apoio de seus irmãos e sua mãe conseguiu superar. Ronaldinho jogava a todas horas, disposto a demonstrar que seu pai tinha razão quando dizia com orgulho que ele "seria o melhor"

Com 15 anos começou a ser convocado para as seleções de base do Brasil e todos já esperavam que daquele menino franzino nasceria um craque. Seu talento era evidente, se diferenciava dos outros garotos e não demorou para se profissionalizar.

Desde sua presença na Seleção Brasileira Sub-17 onde foi Campeão Sul Americano e Campeão Mundial no Egito em 1997, todos já sabiam que um dia o pequeno craque ia se tornar "o Grande Craque". Após a volta do Egito com o título de Campeão Mundial, Ronaldinho se torna profissional no Grêmio. Com a sus-

penção do Edilson na Seleção, Ronaldinho Gaúcho foi o mais novo dono da posição. Na sua estreia em junho de 1999 contra a Letônia, Ronaldinho não fez feio, e deixou o mundo inteiro de olho na fera. Mas foi na Copa América desse mesmo ano contra a Venezuela que Ronaldinho se consagrou quando fez um dos gols com mais categoria, que até hoje é lembrado como um dos mais bonitos da seleção brasileira. A partir disso, a torcida brasileira começa a se apaixonar pelo menino gaúcho que logo se converteria no novo craque do futebol brasileiro.

Mas em 2001 o caso de amor com a torcida gremista se desfez. Numa das transferências mais conturbadas do futebol brasileiro, Ronaldinho foi para o Paris Saint-Germain da França, sem nenhuma recompensa financeira para o tricolor gaúcho.

Na França, o craque continuou a desfilando o seu talento e habilidade, encantando a todos. Em 2002, Ronaldinho é convocado para a Copa do Mundo e juntamente com Ronaldo e Rivaldo, formaram um trio infernal, que levou o Brasil a conquistar o pentacampeonato mundial, que foi a sua consagração total.

Após o término da Copa, as propostas astronômicas pelo seu talento dentro do campo de jogo começaram a ser constantes. O Barcelona da Espanha não poupou esforços, nem dinheiro e pagou aproximadamente 28 milhões de dólares ao Paris Saint-Germain e levou o craque para a terra das touradas.

Na Espanha, Ronaldinho "gastou a bola". Cada partida no clube catalão era um espetáculo. Dribles desconcertantes, lançamentos perfeitos, gols, tudo isso era comum para Ronaldinho, mas seus gols e malabarismos encantaram a torcida catalã. Em menos de um ano na Catalunha,

Ronaldinho se tornou o principal ídolo da fanática torcida azul-grená, ajudando o Barça a alcançar a série de 9 vitórias seguidas.

Para o ano 2004, o craque é eleito pelo colegiado da Fifa como o melhor jogador do mundo. Também, é escolhido nesse mesmo ano como um dos 125 melhores jogadores vivos; e é considerado pelo jornal sueco Aftonbladet o melhor do mundo.

No ano seguinte, mais uma vez, com lances de pura magia, Ronaldinho leva o Barça ao título espanhol, e se firma como um dos maiores ídolos do clube catalão, ajudando o Barça a alcançar a série de nove vitórias seguidas; ao ponto que o próprio Diego Armando Maradona o proclama "o seu digno sucessor e um grande acerto da diretoria do Barça por se tratar do maior talento que há atualmente no mundo do futebol".

Assim, a destreza e o talento de Ronaldinho no campo e sua postura simples e acessível tem permitido que conquiste fãs por onde passa e seja admirado como jogador e como pessoa. Um futebolista diferente que desfruta na cancha como desfruta fora dançando samba. Um atacante imprevisível, rápido de pensamento que antes da bola chegar já sabe o que tem que fazer sem perder nunca o seu sorriso, assim é Ronaldinho Gaúcho o craque brasileiro do "jogo bonito".

### TRAJETÓRIA

(2000) Brillou nas eliminatórias e J.O.O. de Sidney, com 10 gols.

(2001-2003) Paris Saint-Germain, 53 jogos, 17 gols

(2002) Figura do Mundial 2002, onde o Brasil ganhou o pentacampeonato, participou em 5 jogos e fez 2 gols

(2003 até hoje) Jogador do FC Barcelona

# Horóscopo

por Carmen Rodríguez - Nível 5



## ÁRIES (21/03 A 20/04)

Planeta regente Marte. **Pioneiro, vai por um caminho que ninguém pisou.** Respondem aos impulsos, são genuínos, intuitivos, árevidos, espontâneos, dinâmicos, independentes e tem capacidade de luta. Se você quer começar um negócio Áries, é o signo ideal. **Palavras-chaves:** Vitalidade, prazer de viver, empreender coisas novas, não reflexão do que deve fazer, ação rápida e decidida. Auto-afirmação. Fortes desejos.

**Maneira de funcionar:** Tomar uma direção. Estar ativo



## TOURO (21/04 A 20/05)

Planeta regente Vênus. **Lento, mas seguro.** Como todos os signos de terra está interessado no mundo do tangível, Touro compreende o valor das coisas, é conservador, leal, sensual, resistente, realista e perseverante. Se você tem uma empresa Touro é o trabalhador ideal. **Palavras-chaves:** Finaliza o começado. Bem-estar material, intelectual e emocional. Criar uma base sólida. Desenvolver talentos e utilizá-los. Busca a perfeição. **Maneira de funcionar:** condensação para alcançar a compreensão



## GÊMEOS (21/05 A 20/06)

Planeta regente Mercúrio. **Um mar de conhecimento com um centímetro de profundidade.** Signo de ar, aberto ao mundo, inovador, grande comunicador, versátil, flexível, indeciso, dual e social. Aprende por associação.

Uma vez encontrada a verdadeira sabedoria, que não só é acumulação de informação, terá capacidade de julgamento para uma avaliação correta das coisas. **Palavras-chaves:** Adaptar-se às circunstâncias mutantes. Desenvolvimento intelectual. Reação espontânea. Compreensão rápida. Pensamento. Movimento. **Maneira de funcionar:** tomar, combinar e transmitir.



## CÂNCER (21/06 A 21/07)

Planeta regente, a Lua. **Minha família e eu.** Câncer, signo de água, está em contato com a origem, a fonte, as raízes, a natureza de tudo. É sensível, monopolizador, protetor e de coração aberto. Necessitam o amor. A necessidade da família pode levá-lo a sucumbir na dependência emocional. Por outro lado, também tem a capacidade de nutrir e proteger aos que o rodeiam. **Palavras-chaves:** desejo de amor e segurança. Dar e aceitar ternura. Isolamento por auto-proteção. Formar parte do meio. **Maneira de funcionar:** proteger e ser protegido.



## LEÃO (22/07 A 22/08)

Planeta regente, o Sol. **Olhe! Eu sou o rei.** Leão, como signo de fogo, põe ênfase no desenvolvimento do ego. Sente-se preparado para exercer poder e influir irradiando força. Acredita nele mesmo. Busca ser o rei de seu próprio reino.

É autêntico, sincero, corajoso, egoísta e exibicionista. Eles sentem que são o centro do mundo, mas, quando controla o orgulho, ele não se comporta de uma maneira arrogante para impressionar a seus semelhantes. **Palavras-chaves:** força, autoestima, cordialidade, iniciativa. Faz o que pensa. Poderes internos. **Maneira de funcionar:** força ao centro, ao núcleo: concentração



## VIRGEM (23/08 A 22/09)

Planeta regente, Mercúrio. **Isto pode ser melhorado.** Este signo, de terra, aborda o universo físico e por sua qualidade mutável deseja adaptar-se a ele. Em seu esforço por ser efetivo no mundo real, sobre o que quer influir, analisa tudo o que observa. Necessita resolver os problemas de procedimento que requerem um sentido da ordem. Seus objetivos são sensatos e a maneira de chegar a eles também é. Valoriza todos os passos a seguir, é detalhista, paciente, prático, rotineiro, trabalhador, realista, pulcro, perfeccionista preserva sua saúde. **Palavras-chaves:** ajustar, servir. Melhora e refinamento das coisas. No trabalho buscam conhecer o propósito da vida e seu lugar no mundo. Aceitação da responsabilidade. Corrigem os erros. **Maneira de funcionar:** Discriminar, ajustar.



## LIBRA (23/09 A 22/10)

Planeta regente Vênus. **Ouçã, parece muito equilibrado.** Representa a polaridade. Libra busca um sentido de justiça e tenta fazê-lo com elegância e diplomacia. Libra há de centrar-se na qualidade e não na quantidade. O medo a equivocar-se pode ser um obstáculo neste signo. Necessita harmonia a qualquer preço, não se submete, nem se deixa levar pela lei do menor esforço. Libra é comprometido, equilibrado, pacífico, harmonioso, valente e corajoso. Profundo envolvimento emocional com o que você faz. **Palavras-chaves:** Prevenção de conflitos. Indecisão. Busca pela sua outra metade. Encontro com o outro. Relação igualitária. **Maneira de funcionar:** Buscar o equilíbrio. Valorizar.



## ESCORPIÃO (23/10 A 21/11)

Planeta regente Plutão. **A energia emerge para destruir o que está construído.** Este signo recolhe a essência do drama da encarnação, o ciclo: Vida, Morte e Ressurreição.

Os escorpianos estarão envolvidos com o desejo de ampliar conhe-

cimentos, de viajar, de manter contato com outras culturas, crenças e valores. Possibilidade de voltar a encontrar pessoas que estavam distantes. **Palavras-chaves:** Estimulo aos sonhos, ideais e desenvolvimento espiritual. **Maneira de funcionar:** Busca do oculto, fofoqueiros por natureza.



## SAGITÁRIO (22/11 A 21/12)

Planeta regente Júpiter. **O mestre que quer ser livre.** Suas principais qualidades são suas visões de futuro, metas e verdades que podem aportar ao mundo. Como é um signo de fogo, terá a auto-expressão e respeito por sua própria liberdade. Tenta impor sua verdade aos demais. São individualistas, positivos, justicheiros, criativos, conservador, defensores de verdade e da liberdade. **Palavras-chaves:** Capacidades pedagógicas. Entregar o coração a uma causa. Há questões familiares e emocionais que precisam ser resolvidas. **Maneira de funcionar:** Busca de uma direção. Fé.



## CAPRICÓRNIO (22/12 A 20/01)

O planeta Regente Saturno. **Se alguém conseguiu, eu também posso.** Este signo, de terra. É enérgico, tenaz, perseverante, auto-suficiente, eficaz, profissional, responsável, egoísta, austero, voluntarioso, autoritário e perfeccionista. Capricórnio vai escalando, pouco a pouco, sua posição na sociedade. Uma vez alcançada uma posição social, tenta conservá-la por todos os meios. Mas, a verdadeira finalidade de Capricórnio, é a da pessoa madura que se interessa em compartilhar suas vitórias com seus semelhantes. Não lhes interessa ser reconhecidos, não precisam estar por cima de ninguém, internamente estão seguros do que fazem e por que o fazem.

**Palavras-chaves:** personalidade madura. Avance lento, mas seguro. Autodisciplina. Altos níveis de perfeição. Crescer ante as dificuldades. Poder. Planificação. **Maneira de funcionar:** Alcançar as metas previstas.



## ÁQUARIO (21/01 A 19/02)

Planeta regente Urano. **Inventor e sonhador.** Os aquarianos buscam a evolução, tentam impor suas idéias, mas sabem que se estas não são compartilhadas pelo resto da humanidade, não terão sentido.

Aquário é o signo que transmite os altos ideais humanitários, paradoxalmente tem dificuldades para amar a um ser humano concreto. Também sabe que para preservar a vida se há de unir a seu contínuo ritmo ou fluxo. É responsável, solidário, ativo, altruísta, idealista, intuitivo, criativo e adaptável.

Aquário pode chegar a trabalhar pelos outros perdendo de vista seu próprio sentido do eu. Mas para ser útil, o indivíduo há de aprender a sentir-se também reconhecido como um ser especial e original.

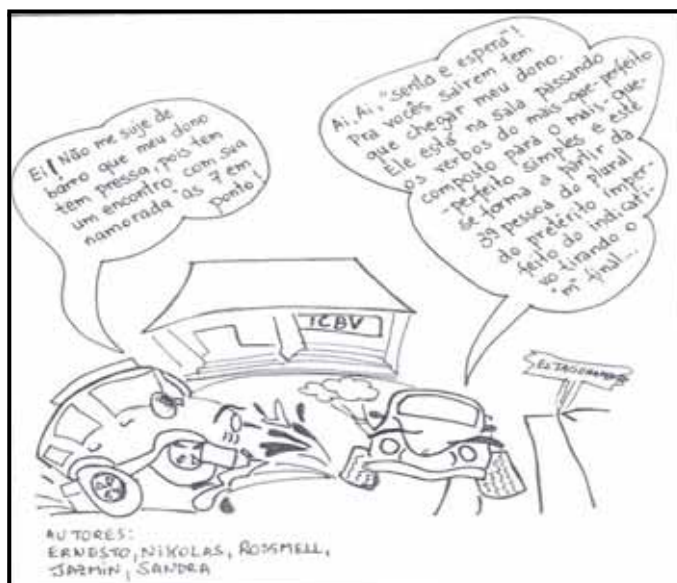
Trabalho e saúde são as áreas evidenciadas.

**Palavras-chaves:** Individualidade. Liberdade. Independência. Igualdade de direitos. Conexão entre intuição e conhecimento acadêmico. Espírito de fraternidade. Valores humanos. Solidão e isolamento. **Maneira de funcionar:** estabelecer os ideais, renovar.



## PEIXES (20/02 A 20/03)

Planeta regente Netuno. **O incompreendido.** Vive o externo através das emoções e sentimentos, e por suas idéias pouco convencionais, muitas vezes se sentem incompreendidos. São sensíveis, criativos, familiares e pouco realistas. Representam o laço de união entre o velho e o novo, a união entre o final e o começo, a superação do abismo entre a vida e a morte. Os piscianos podem eleger entre viver seus sonhos como uma forma de evasão o convertê-los na esperança dos adormecidos. **Palavras-chaves:** Fantasia. Inspiração. Empatia. Identificação. Anelo de união



# Turismo

## A REGIÃO DO SUL, TERRA ENCANTADA DO BRASIL



Esta região apresenta a menor área do país, ocupando apenas 6,75% do território brasileiro. Formada pelos Estados do **Paraná**, **Santa Catarina** e **Rio Grande do Sul**, tem clima subtropical e tropical na região Norte do Estado do Paraná. Caracteriza-se pela diversidade de temperaturas nas diferentes áreas que a compõem além do encanto dos gaúchos e sua hospitalidade.

Há muito tempo, imigrantes alemães, italianos, ucranianos, e das Ilhas Açorianas, chegaram para ficar, convertendo a Região do Sul numa mistura de culturas. Vários municípios foram fundados por italianos, inúmeras festas são realizadas para comemorar suas origens como a Festa do Vinho e o Ritorno Alle Origini em [Urussanga](#). É praticado o turismo de aldeia com roteiros de atrações históricas e boas opções de compra de produtos coloniais.

Atualmente a população desta região totaliza 25.107.616 habitantes, o que representa 14,95% da população do país. 80,93 destas pessoas mora no meio urbano.



O estado do Paraná tem **Curitiba** como a cidade modelo para o Brasil. Tem desenvolvido políticas exemplares de urbanismo, educação e meio ambiente. [Curitiba](#) foi eleita Capital Americana da Cultura 2003, junto com a cidade do Panamá. Uma iniciativa promovida pela Organização Capital Americana da Cultura, criada em 1997, e dirigida aos países membros da Organização dos Estados Americanos – OEA. É uma Cidade de cultura eclética e fortemente influenciada por imigrantes italianos, alemães, poloneses e ucranianos, dos quais descende

a maioria da população de Curitiba. Esse fato é logo percebido por quem chega e nota a arquitetura, gastronomia e costumes locais.

O pinheiro, típico do Paraná, também tem a propriedade de encantar os turistas que visitam estas terras de sincretismo e magia.



Desde os tempos pré-colombianos, esta árvore esteve vinculado à história desta província. Assim, os índios Tupi-Guaranis usavam a expressão *coré=pinhão*, *etuba=* muito para nomear a atual cidade Curitiba.

O estado de Santa Catarina, além de possuir algumas das praias mais bonitas do Brasil, e onde a natureza é preservada quase em sua plenitude, destaca-se como forte polo industrial, turístico e cultural. Cidades como [Criciúma](#), [Tubarão](#) e [Araranguá](#) estão entre as mais importantes. Com seus 561 km de costa, tem um litoral entrecortado, cheio de enseadas, costões e muitas praias. Devido ao relevo, existe um grande número de praias de difícil acesso, mas que guardam raras belezas naturais.



Além das praias de **Florianópolis**, a capital, várias outras são imperdíveis: Garopaba, Praia do Rosa, Guarda do Embaú, Laguna, Imbituba, Balneário Camboriú, Bombinhas, São Francisco do Sul e muito mais.

O estado do Rio Grande do Sul, cuja capital é Porto Alegre é influenciado pela vida na fronteira e por todo o universo dos pampas, o gaúcho não tem apenas um linguajar próprio; tem um jeito de viver completamente diferente do resto do país. Mais politizado, mais cioso de sua terra, seus costumes e sua cultura, é um defensor ferrenho das tradi-

ções. E demonstra isso a todo instante, em uma simples conversa.

Qualquer frase de um gaúcho de boa cepa vem repleta de interjeições, especialmente o “bah” ou o “tché”. Pode ser morador da capital, Porto Alegre – o mais importante pólo de negócios da rota do Mercosul –, ou das serras gaúchas. Na metrópole de 1,5 milhão de habitantes é muito comum encontrar pelas ruas moradores carre-



gando uma garrafa térmica com água quente e a cuia de chimarrão. Com a maior naturalidade preparam, ao ar livre mesmo, o chá de erva-mate e continuam a caminhar, de chimarrão fumegante em punho.

Fora o chimarrão, outro dos hábitos mais comuns é o churrasco. Em todo o Brasil, churrasco gaúcho é sinônimo de boa carne – temperada com generosa porção de sal grosso –, mesa farta e muita conversa. A capital Porto Alegre concentra o comércio mais sofisticado, a infra-estrutura de serviços, uma rede hoteleira de categoria internacional, além de efervescente vida cultural. É cidade estratégica para o Mercosul, bloco econômico que reúne Brasil, Argentina, Paraguai e Uruguai, e se encontra quase à mesma distância de São Paulo e Buenos Aires. Nela ocorrem eventos importantes, como a Expo-inter (Exposição Internacional de Animais), uma das maiores feiras agropecuárias e de maquinária da América Latina, ou a feira de livros ao ar livre na praça da Alfândega, realizada há 40 anos.



Definitivamente, a Região do Sul é muito mais que um lugar para visitar. Estas três irmãs, unidas num paraíso, representam a oportunidade de aprender, desfrutar, e compartilhar o amor pelas nossas terras.

Se você quiser ficar apaixonado pela Região Sul, somente tem que vir, e beber um desses mates com mel que sussurram no ouvido dos recém chegados: “quero casar contigo”.

Zhaybel Cárdenas e Elias Alejandro Sequera Mutiozabal - Nível 1

Fonte: [www.turismo.gov.br](http://www.turismo.gov.br)

# Culinária

## ARROZ DE CARRETEIRO

*Um prato para reunir amigos*

O Rio Grande do Sul é um estado hospitaleiro e de terra muito fértil, habitada por Gaúchos, os quais têm duas paixões irremediáveis: comer e compartilhar com seus amigos, por isso muitos de seus pratos têm o dom de reunir a muitas pessoas em grandes festas.

A comida gaúcha é símbolo de hospitalidade, vida comunitária, uma cozinha de campo e coração aberto, mas, sobretudo é símbolo de tradição, como é o caso do Arroz Carreiro.

Os Carreiros são os peões que percorriam os pampas e os caminhos gaúchos conduzindo cargas do que fosse preciso. Como alimentos eles levavam o charque por ser de fácil conservação. Nas paragens agrupavam-se para fazer um arroz, produto sempre farto na região, e o charque era o par perfeito.

Até hoje o arroz de carreiro é prato para reunir amigos, porém cada pessoa tem sua própria receita e seu toque pessoal, mas a receita que lhe damos a continuação pode-lhe ajudar a dar seus primeiros passos nesta arte:

### Ingredientes:

- 1 kg de charque bem escolhido
- 250 g de arroz
- 1 cebola média picadinha
- 1 tomate

1 maço pequeno de salsinha

### Confecção:

Dessalgue o charque de véspera em várias águas.

Corte-o em cubinhos, separando a gordura.

Dessalgue novamente por umas duas horas.

Em panela de fundo grosso derreta a gordura separada e frite o charque com a cebola por uma hora aproximadamente, mexendo sempre.

Acrescente o arroz e continue a fritar e mexer por mais meia hora.

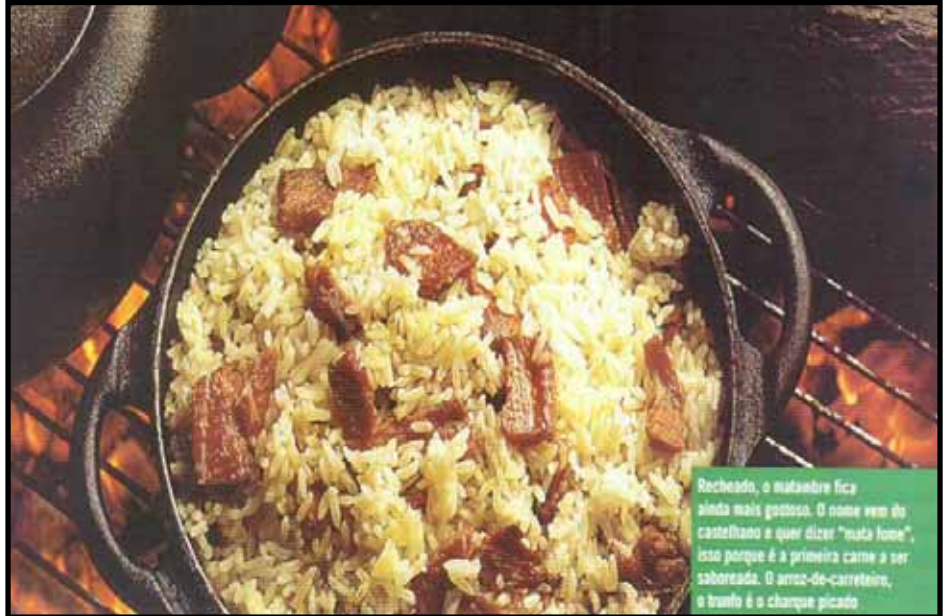
Junte o tomate e água suficiente para o cozimento do arroz.

Se parar de mexer fica soltinho.

Se continuar mexendo fica ligado e pastoso. De ambas as maneiras está correto.

Acrescente a salsinha e pronto. Bom apetite!

Colaboração Carla Marcano - Nível 5



### E para a sobremesa...



### Ingredientes:

- 6 bananas-prata descascadas
- 4 colheres (sopa) de azeite de oliva.
- 1 gema.
- 1/2 xícara (chá) de iogurte desnatado.
- 1 colher (chá) de canela em pó
- 1/2 xícara (chá) de açúcar.
- 2 xícaras (chá) de farinha de trigo.
- 1 colher (sopa) de fermento em pó.
- 2 claras

### Modo de Preparo:

Ligue o forno à temperatura média. Amasse 4 bananas, junte 3 colheres (sopa) de azeite, a gema e bata na batedeira até obter um creme. Acrescente o iogurte, a canela e o açúcar e bata por mais 2 minutos. Aos poucos, adicione a farinha de trigo e o fermento peneirados e misture, sem bater. Por último, incorpore as claras em neve e mexa delicadamente. Unte com o azeite restante 14 fôrmas individuais com capacidade para 150ml cada uma, enfarinhe e despeje a massa. Distribua as bananas restantes picadas por cima. Leve ao forno por 30 minutos, ou até que enfiando um garfo ele saia limpo.

Fonte: Revista Água na Boca

### Os Benefícios do vinho



Na década de 90, descobriu-se que os franceses apresentavam um menor risco de morte do que os norte-americanos, apesar de ambos os povos terem o mesmo nível de colesterol e, ainda pior, os franceses ingerirem muito mais gordura saturada.

Como pode? Essa questão foi denominada o "paradoxo francês" e deu origem a inúmeros estudos. A cada dia surgem novas pesquisas tentando desvendar os mistérios daquele que foi identificado como o salvador da saúde dos franceses: o vinho.

Ao contrário do que alguns comentários preliminares indicavam, também o branco, e não só o tinto, pode ser responsável por:

• Prevenir de resfriados ao câncer;

- Controlar a hipertensão;
- Reduzir o risco de problemas cardíacos.
- Em idosos, diminuir o risco de desenvolver problemas mentais.
- É claro: os benefícios se resumem ao consumo moderado de vinho - no máximo 250 ml diários. O abuso do álcool, como se sabe, acarreta inúmeros problemas de saúde.

Fonte: Revista Culinária hoje

# História

## A REVOLUÇÃO FARROUPILHA



No dia 20 de setembro, festeja-se no Rio Grande do Sul a Revolução Farroupilha, que eclodiu na noite de 19/09/1835, quando Bento Gonçalves da Silva avançou com cerca de 200 "farrapos" (assim chamados pelas desgastadas roupas que usavam em uma guerra que durou aproximadamente 10 anos) sobre a capital, Porto Alegre. Os "farrapos" eram a ala dos exaltados, que queriam províncias mais autônomas, unidas por uma república mais flexível. A revolta deveu-se em função dos elevados impostos cobrados no local de venda sobre itens (animais, couro, charque e trigo) produzidos nas estâncias do Estado. Charqueadores e estancieiros reclamavam, ainda, de outros impostos: sobre o sal importado e sobre a propriedade da terra.

A revolução durou quase 10 anos, sem vencedor nem vencido. O tratado de paz foi assinado em Ponche Verde, pelo barão Duque de Caxias e o general Davi Canabarro, em 28/02/1845.

Na época, Porto Alegre era um porto comercial, e não tinha razões para aderir à revolta. Seus comerciantes não comungavam com as idéias separatistas dos líderes da região da Campanha, como Bento Gonçalves da Silva e Antônio de Souza Netto, que veio a proclamar a República Rio-grandense, no ano seguinte. Por isso, rechaçaram os rebeldes, em 15/06/1836. A partir daí, até dezembro de 1840, a capital ficou sitiada, com dificuldades de suprimento de itens essenciais na época: charque, óleo para os lampiões, farinha, feijão e outros gêneros alimentícios. Em função da fidelidade da capital ao império, recebeu o título de "Leal e Valorosa" em 19/10/1841, que permanece no seu brasão até os dias atuais.

Fora da capital, os farroupilhas passaram a ter expressivos êxitos. Na batalha do Seival, o general Antônio de Souza Netto impôs fragorosa derrota ao legalista João da Silva Tavares, que possuía 170 combatentes a mais. No dia seguinte, em 11/09/1836, Netto proclamou a República Rio-grandense, com sede em Piratini.

Todavia, os farrapos sofreram outro duro revés perto da capital, que sitiavam, ao serem batidos na Ilha de Fanfa; o exército rebelde de 1.000 homens se dispersou e seu co-

mandante, general Bento Gonçalves da Silva, foi preso e levado para o Forte do Mar, na Bahia, de onde escapou espetacularmente em setembro de 1837, retornando ao Rio Grande do Sul e assumindo a presidência da República Rio-grandense.

Em 1839, junta-se ao exército farrapo o corsário italiano Giuseppe Garibaldi. Os farrapos precisavam, após 4 anos de combates, acesso à Lagoa dos Patos e ao Oceano, que eram bloqueados pelos imperialistas assentados em Porto Alegre e Rio Grande, respectivamente. Para romper o cerco, resolveram sublevar Santa Catarina, onde possuíam simpatizantes. Para tanto, decidiram tomar a estratégica cidade de Laguna. Para tanto, Garibaldi mandou construir dois enormes lanchões numa fazenda do atual município de Camaquã (que dista cerca de 125 km de Porto Alegre), que foram arrastados sobre carreta de 8 rodas, por cerca de 200 bois. Em Araranguá, no Estado de Santa Catarina, o lanchão Rio Pardo naufragou; todavia, seguiram em frente com o lanchão Seival, comandados pelo americano John Griggs (apelidado de "João Grande"). Em Laguna, os lancheiros, apoiados pela tropa de Davi Canabarro, obtiveram grande vitória; e anexaram a Província, em 29/07/1839, denominando-a *República Juliana*.



Em Laguna, Garibaldi encontrou a costureira Ana Maria de Jesus Ribeiro, que veio a se chamar de Anita Garibaldi, que o acompanhou nas andanças da guerra, a cavalo (a casa natal de Anita permanece preservada). Anos mais tarde, Garibaldi voltou para a Itália, para lutar pela sua unificação; por isso, é conhecido como "herói de dois mundos".

Os imperiais retomaram Laguna em 15/11/1839.

O tratado de paz celebrado em 1845 veio atender uma série de reivindicações, principalmente em relação a obtenção de tratamento mais justo por parte do governo imperial. O nome dos líderes farroupilhas está afixado em inúmeras ruas de municípios gaúchos. Em Porto Alegre, uma das principais ruas homenageia o pacificador Duque de Caxias. Bento Gonçalves, líder incontestado da República gaúcha e do exército farrapo morreu dois anos após o fim da guerra, só, empobrecido e amargurado.

A epopéia da Revolução Farroupilha criou grandes heróis, mitos e símbolos; os ideais e sentimentos inexprimíveis dos revoltosos farroupilhas continuam presentes e expressos nos símbolos do Estado do Rio Grande do Sul, constituídos pelo título "República Rio-grandense", e o lema "liberdade, igualdade, humanidade" (dentro de uma nação brasileira).

Adaptação do texto composto por Luis Roque Klering,

[http://www.terragaucha.com.br/revolucao\\_farroupilha.htm](http://www.terragaucha.com.br/revolucao_farroupilha.htm)

# Crônica

## Automedicação? Comigo não!

Muitas pessoas têm por costume se automedicar, mas geralmente os resultados não são os esperados.

Tomemos, por exemplo, ao meu marido. Ele utiliza todos os meios para atingir seu objetivo: a recuperação da saúde. Todos menos o exame médico. Depois de vários anos fazendo tratamentos por conta própria para se curar de umas manchas pretas que tinham lhe saído nas pernas, decidiu ver um médico, mas não um dermatologista. Foi ver um homeopata. Ele o examinou e lhe disse que as manchas eram pela idade (aos 40 anos?). Mas meu marido não se conformou, e seguiu com seus tratamentos caseiros, isto é, pomadas que tínhamos em casa: com antibióticos, para queimaduras, fungos, dores etc., e acabou com todas as bisnagas que achou. Comprou uma lama terapêutica e a untava pelas pernas deixando um rastro de poeira de lama seca pela casa. Depois de oito anos, decidiu ver um dermatologista, e em menos de um mês estava curado.

Um dia ele teve outro problema. Começou com uma coceira nas costas, e me pediu que lhe esfregasse iodo onde lhe coçava. Cada dia ficava pior e eu tinha que ampliar a área a ser tratada com o iodo. Quando a

coceira tinha-se estendido às costas todas, ele, desesperado, foi ver o dermatologista, que lhe disse que era alérgico ao iodo.

Também posso lhes contar o caso de um amigo que foi, por um lado, dramático, e por outro engraçado. Depois de estar na praia, a pele dele ficou queimada, e um conhecido lhe recomendou usar amido. O problema foi que ele combinou o amido com água, e quando esta pasta se secou, se transformou em grude, e a coisa ficou muito pior. Aí ele tomou a decisão de ver um médico, e foi ao Hospital Universitário, onde lhe disseram que trocasse a roupa toda, inclusive as cuecas, por uma bata, e depois saísse à sala para que fosse visto pelo médico e pelos estudantes de medicina. Para azar dele, como é um homem muito alto, de quase dois metros, a bata ficava curta, à altura do umbigo, e quando saiu em frente das pessoas, o médico, muito aborrecido, lhe disse: "Cubra-se, homem!"

Queridos amigos, escutem meu conselho: É melhor procurar a atenção médica adequada para não ter que passar por estes momentos vergonhosos.

## Espaço do bem

Você sabe por quê o mar é tão grande?  
Tão imenso?  
Tão poderoso?  
É porque teve a humildade de colocar-se alguns centímetros abaixo de todos os rios.  
Sabendo receber tornou-se grande.  
Se quisesse ser o primeiro; centímetros acima de todos os rios, não seria mar, mas sim uma ilha.  
Toda sua água iria para os outros e estaria isolado.  
A perda faz parte.  
A queda faz parte.  
A morte faz parte.  
É impossível vivermos satisfatoriamente.  
Precisamos aprender a perder, a cair, a errar e a morrer.  
Impossível ganhar sem saber perder.  
Impossível andar sem saber cair.  
Impossível viver sem saber morrer.  
Se aprenderes a perder, a cair, a errar, ninguém mais o controlará.  
Porque o máximo que poderá acontecer a você é cair, errar e perder. E isto você já sabe.  
Bem aventurado aquele que já consegue receber com a mesma naturalidade o ganho e a perda...  
o acerto e o erro...  
o triunfo e a queda...  
...a vida e a morte.

(Trecho do texto "Medo de perder" de Antônio Roberto Soares)

Colaboração de Evelyn Raghe



### Minutas

Luis Fernando Verissimo

Um homem chega num balcão e tenta chamar a atenção da balconista para atendê-lo:

- Senhorita...  
- Um minutinho.

O homem vira-se para outro ao seu lado e diz:

- Ih, já vi tudo.  
- O que foi?

- Ela disse "um minutinho". Quer dizer que vai demorar. No Brasil, um minuto dura sessenta segundos, como em qualquer outro lugar, mas um minutinho pode durar uma hora.

O homem tenta de novo:

- Senhorita.  
- Só um instantinho.  
- Ai.

- O que foi?

- Ela disse "um instantinho"? Um "instantinho" demora mais que um minutinho. Parece que um minutinho é feito de vários instantinhos, mas é o contrário. Um "instantinho" contém vários "minutinhos". Senhorita!

- Só dois segundinhos!

O homem começa a se retirar.

- Aonde é que o senhor vai?

- Ela disse "dois segundinhos". Isso quer dizer que só vai me atender amanhã.

# Cultura

## CHIMARRÃO: Tradição além das fronteiras

O chimarrão é uma tradição que acompanha o gaúcho diariamente, pode ser tomado, tanto no inverno como no verão, a qualquer hora. A prática desse costume, além de gostosa, é também fraterna, pois a cuia passa de mão em mão dando seqüência às conversas.

Uma roda de chimarrão é um momento de descontração, fazendo parte de um ritual indispensável para unir gerações. O mate pode ser tomado de três maneiras: "solito" (isoladamente), parceria (uma companheira ou companheiro) e em roda (em grupo).

O mate "solito" faz parte da cultura do homem que não precisa de estímulo maior para matear do que a sua própria vontade. Pode-se dizer que é o verdadeiro mateador, ao contrário do mate de parceira, em que a pessoa espera por um ou dois companheiros. É na roda de mate, porém, que esta tradição conquistou seu apogeu, agrupando pessoas em torno de uma mesma ação: chimarrar.

Tomando mate, o gaúcho utiliza certos utensílios especiais, a que dá o nome de "avios do chimarrão": São eles o chaleira, para aquecer água; a cuia, pequena cabaça em que se coloca a erva; e a bomba, canudo pelo qual se ingere a infusão.

Uma das maneiras de preparar um bom chimarrão é seguindo essa receita:

**1º )** Colocar erva-mate na cuia, aproximadamente até 2/3 de sua capacidade.

**2º )** Tapando a boca da cuia com a mão, procura-se, com a cuia de boca para baixo, através de leves movimentos para cima e para baixo, separar os talos e palitos da erva-mate propriamente dita.



**3º )** Inclina-se a cuia mais ou menos 45º e retira-se a mão, fazendo com que os palitos da erva fiquem na parte inferior (cestinho da cuia), formando uma trama que facilitará a entrada de água na peneira da bomba.



**4º )** Na mesma posição anterior despeja-se água fria ou morna (água fervente queima o mate, dando um gosto amargo) até o topete da erva, que não deverá ser molhado. Aguarde até que a água seja absorvida (2 a 3 minutos).

**5º )** A colocação da bomba é um momento decisivo no preparo de um bom chimarrão. Tapando o bocal com o polegar, introduz-se a bomba no lado cheio d'água da cuia, até o fundo do cestinho. Com movimentos de pulso, procura-se a melhor posição, para que a bomba fique firme. Retira-se o polegar e observa-se o nível da água, que deve baixar alguns milímetros. Isso prova que o chimarrão está desentupido.



**6º )** Com a cuia na posição vertical, coloca-se água quente. A temperatura ideal da água é 75 graus, obtida quando a chaleira começa a chiar.

**OBS:** Nunca "desbarranque" o talude formado pela erva, pois molhando o topete não vai conseguir melhor sabor. Na realidade o sabor se prolongará de acordo com a quantidade de erva que a cuia suporta e que gradativamente vai sendo retirado pela água na medida que o mate vai sendo "lavado".

**7º )** Pronto. O primeiro mate pode ser ingerido, não há nada de mal nisso, porém alguns mateadores costumam cuspi-lo fora até ouvir o "ronco" da cuia. Isso porque o primeiro mate não é o mais saboroso, a bomba retém resíduos de pó da erva e a água ainda não alcançou a temperatura ideal.



Profas.: Sefora Sosa e Beatriz Demoly

### Os dez mandamentos do chimarrão

- 1) Não peças açúcar no mate
- 2) Não digas que o chimarrão é anti-higiênico
- 3) Não digas que o mate está quente demais
- 4) Não deixes um mate pela metade
- 5) Não te envergonhes do "ronco" no fim do mate
- 6) Não mexas na bomba
- 7) Não alteres a ordem em que o mate é servido
- 8) Não "durmas" com a cuia na mão
- 9) Não condenes o dono da casa por tomar o 1º mate
- 10) Não digas que chimarrão dá câncer na garganta

### Glossário:

**Mate para estribo** - É o último mate para brindar um visitante pronto para partir

**Como o mate do João Cardoso** - Fato que nunca se realiza

**Aquecer água para outro tomar mate** - Preparar um negócio para outro colher os lucros

**A vida é como o mate, cura cevando** - É vivendo que se aprende

**Fulano anda tomando mate com rapadura** - Estar feliz, alegre

**Andar com cara de mate fervido** - Andar sem graça, triste

**Primeiro os encargos, depois os amargos** - Primeiro as obrigações, depois os mates.

Sihail Ruz e Suzana Jo - Nível 5





## Artistas Venezuelanos na Bienal de São Paulo

*Não há dúvida que a maioria dos artistas do mundo quer participar na Bienal de São Paulo e os artistas venezuelanos não são exceções. Assim, consideram que a Bienal é uma meta importante na vida deles. Muitos artistas venezuelanos têm participado e obtido prêmios nestas exposições de arte.*

*Página 8*



### Neste número:

<b>ATIVIDADES</b> do ICBV	<i>Pág.</i> 2
<b>ECONOMIA</b> Etanol alternativa do futuro	<i>Pág.</i> 3
<b>LÍNGUA</b> Falsos amigos	<i>Pág.</i> 4
<b>LETRAS</b> <i>Carlos Drummond</i>	<i>Pág.</i> 6
<b>ARTE</b> <i>Bienal de São Paulo</i>	<i>Pág.</i> 8
<b>ESPORTE</b> <i>Beisebol no Brasil</i>	<i>Pág.</i> 11
<b>HUMOR</b> <i>Linguajar Uberabense</i>	<i>Pág.</i> 12
<b>CULINÁRIA</b> <i>Comida Mineira</i>	<i>Pág.</i> 13



## O Gigante do Sul

Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais, Espírito Santo, faça uma exitante viagem conosco por essas belissimas locações do Sudeste do Brasil, e aprenda fatos interessantes de cada uma destas cidades.

Página 13



## A Corte no Brasil

No início do século XIX, a política expansionista de Napoleão Bonaparte altera o equilíbrio político da Europa. O Rei Português decide trasladar a corte para o Brasil que marcará sua história para sempre...

*Continua na página 14*

## A Folia de Reis

A folia dos Santos Reis ou Reisado, ou simplesmente Folia de Reis, é um folguedo popular tradicional que conta a história da viagem dos Reis Magos à gruta de Belém, a partir do momento em que eles recebem o aviso do nascimento do Messias, conheça tudo sobre esta pitoresca celebração brasileira.



*Continua na página 16*

# Editorial

Caros Amigos,

Aqui estamos novamente, alguns imprevistos que acontecem em todos os projetos nos impediram estar com vocês na data prevista, porém a dedicação e persistência dos nossos alunos fizeram possível essa segunda edição e esperamos que assim se mantenham para seguir com esse projeto que nos têm trazido grandes satisfações.

A principal razão do atraso foi a realização da prova de Proficiência em Português CELPE-Bras que os alunos do quinto nível, responsáveis pela elaboração do nosso jornal, apresentaram no final do ano passado. A boa notícia foi o índice de aprovação de 90 % obtido, fato que nos deixa realmente felizes. Inclusive duas participantes obtiveram a aprovação com nível avançado, o que nos indica a seriedade e comprometimento dos nossos alunos e professores, assim que gostaria de felicitá-los e reconhecer seu esforço através desse editorial. Parabéns a todos!

Seguindo nossa viagem através do Brasil, nessa edição vamos colocá-los em contato com a Região Sudeste do país, conformada pelos estados de São Paulo, Rio de Janeiro, Espírito Santo e Minas Gerais. Essa região é a mais importante economicamente e só por essa razão a quantidade de informação a ser selecionada é enorme. Os alunos decidiram nos trazer informações menos conhecidas do público em geral, pareceu-lhes que falar do carnaval no Rio seria excessivo, pois essa informação sempre é amplamente divulgada, assim que esperamos que o conteúdo dessa edição lhes mostre outras caras do Brasil, menos conhecidas, mas, nem por isso menos importantes, pois fazem mais diverso o amalgame e a variedade que compõem a brasilidade. Esperemos desfrutem lê-lo tanto quanto nós desfrutamos fazê-lo, um grande abraço,

Beatriz Demoly  
bia100@gmail.com



## Sua melhor opção para aprender Português do Brasil

Endereço: Av. San Felipe, entre 1ra e 2da transversal, Qta. Degania, La Castellana.

Telefones: (0212) 2661476 \ 2664302  
www.icbv.org.ve \ instituto@icbv.org.ve

### O que é o I.B.C.V.?

É um centro de promoção da cultura brasileira na Venezuela, que estimula e promove iniciativas que contribuam à sua difusão.

Com mais de 10 anos no meio cultural venezuelano, o ICBV se centra no fortalecimento das relações entre ambos países, através da ação e cooperação cultural no campo das artes, da ciência e no ensino da língua. Por essas razões se apresenta como um espaço de encontro das comunidades brasileira e venezuelana.

### O ICBV lhes oferece cursos de:

- Português do Brasil
- Espanhol para estrangeiros
- Redação em Português
- Conversação
- Curso para crianças
- Preparação para a prova do CELPE-Bras e aplicação da prova de Proficiência em Língua Portuguesa CELPE-Bras

### Atividades Culturais

- Aulas de dança com diferentes ritmos (samba, forró, maxixe etc.)
- Capoeira
- Cursos de Cultura e História da Música Brasileira
- Apresentação de filmes brasileiros às 4<sup>as</sup> feiras às 19 hs toda semana.
- Curso de percussão

### Editor

Beatriz Demoly

### Diagramação e montagem

Carlos Briceño

### Colaboradores

Dorelis Rodriguez  
Luis Velasquez  
María Inés de Campbell  
Reinaldo Campbell  
Roberto Avendaño  
Victoria Contreras

# Economia e Tecnologia

## Negócios entre o Brasil e a Venezuela.

### O que é o Etanol?

É o mais comum dos álcoois e caracteriza-se por ser um composto orgânico, obtido através da fermentação de substâncias amiláceas ou açucaradas, como a sacarose existente no caldo-de-cana, e também mediante processos sintéticos. É um líquido incolor, volátil, inflamável, solúvel em água, com cheiro e sabor característicos. Segundo algumas pesquisas, pode ser produzido através de resíduos agrícolas e florestais, conhecida como Biomassa.



A cultura da cana-de-açúcar parece ter tido origem na Nova Guiné, onde através de migrações antigas, expandiu-se para as Ilhas Solomon, Novas Hébridas e Nova Caledônia, Indonésia, Filipinas e Norte da Índia. Mais tarde, Alexandre, o Grande, levou-a para a Europa e depois transportada para o continente Americano. Primeiramente o álcool etílico foi utilizado para a fabricação de bebidas alcoólicas. O álcool etílico é utilizado como combustível desde o nascimento dos automóveis, na tentativa de adaptar os motores recém inventados para a utilização do etanol. Desde então e até nos dias de hoje, o uso do etanol em veículos automotores tem tido um considerável avanço.

### Etanol e o Meio Ambiente

Existem diversas utilizações para o álcool etílico como: produção de bebidas alcoólicas, aplicações na indústria química e farmacêutica, combustível veicular e a produção de energia elétrica.

Como combustível para automóveis, o álcool tem a vantagem de ser uma fonte de energia renovável e menos poluidora que os derivados do petróleo, o que possibilitou o desenvolvimento de uma tecnologia 100% nacional, o PRO-ÁLCOOL. O Proálcool é um programa nacional de substituição de petróleo por energia renovável. O álcool é também menos inflamável, menos tóxico que a gasolina e o diesel.

As perspectivas futuras com o incentivo da utilização do álcool combustível ocorre uma grande movimentação na agroindústria canavieira, que é um importante setor, gera-

dor de milhares de empregos diretos e indiretos. Por isso a Venezuela mostra interesse pela mistura etanol-gasolina feita pelo Brasil. O objetivo principal da implantação do Programa do Álcool, a partir de cana-de-açúcar, na Venezuela, pode ser descrito como uma primeira resposta à crise do petróleo, bem como uma solução para o problema de flutuação dos preços internacionais do açúcar. As características técnicas do etanol como combustível são apresentadas, assim como uma discussão da evolução do custo de produção e as consequências sociais e ambientais. Venezuela quis o apoio pelo assinatura do acordo "Protocolo de Quioto", por isso tem planos de mudar as proporções dos componentes das gasolinas. Considerando a grande geração de divisas com a diminuição da utilização de petróleo produzido pela PDVSA, realizada através da significativa substituição da gasolina pelo etanol, e a redução na dívida externa, devida a menores quantidades de petróleo usado, é possível demonstrar que o Programa do Álcool pode ser um meio eficiente de trocar débitos externos por subsídios nacionais, pagos pelos usuários dos combustíveis fósseis. Mesmo com estes ganhos para a sociedade, a continuidade do Programa vem sendo difícil de manter. Duas soluções para o problema são discutidas: a expansão interna no uso do etanol e a exportação para países industrializados, onde o etanol possa ser usado para o aumento da octanagem da gasolina. O principal atrativo do Programa - a redução das emissões de CO<sub>2</sub>, comparativamente aos combustíveis fósseis - é enfatizada principalmente como solução para os países industrializados no cumprimento dos compromissos com a United Nations Framework Climate Change Convention.

A Petrobrás e a PDVSA firmaram, também, contratos para intercâmbio tecnológico, estudos e cooperação logística para o uso do etanol na gasolina. "*Precisaremos de 30 mil toneladas de etanol, só para o consumo interno de gasolina*", comentou o Presidente da Venezuela, ao lembrar que, hoje, a Venezuela adiciona chumbo tetraetila, mais poluente, ao combustível.

Na edição anterior do Brasil Conosco, falou-se das oportunidades de fazer negócios com o Brasil. É verdade, nos últimos anos, o relacionamento econômico entre o Brasil e a Venezuela vem se acrescentando ainda mais. Extensas fronteiras comuns, valiosos recursos energéticos, potencialidades humanas que ao longo da história se expressaram no âmbito científico, no pensamento econômico, social e político, uma rica criação cultural, vastas extensões territoriais cortadas por importantes rios, recursos naturais, extensos mares que se abrem para as comunicações, climas estáveis, e todo um somatório de possibilidades para a prosperidade de nossos povos. Esta é a nossa Grande Pátria. De maneira contrastante, esse impressionante potencial físico e humano serve hoje como pano de fundo para a pobreza que afeta nossos povos. Esse é o principal desafio para nossas nações e para suas lideranças. A maneira de enfrentá-lo com êxito é integrar nossas forças para superar e vencer essas carências no caminho em direção à união e à prosperidade.

*Elaborado por Dorelys Rodriguez - Nível 5*

# Reportagem

## Casais Brasileiro – Venezuelanos: Fácil ou Difícil?

O casamento não é fácil. A convivência pode destruir muitas promessas de amor eterno feitas desde a comodidade das nossas vidas como “indivíduos individuais”. As rotinas do outro podem nos desconcertar profundamente e, sem paciência suficiente, podem até produzir sérias crises matrimoniais.

Se isto é certo para casais de origens similares, é possível imaginar a quantidade infinita de equívocos que podem se suceder entre os casais de diferentes culturas e, além disso, diferentes línguas.

Estes contrastes são principalmente de duas classes. O primeiro resulta desagradável e algumas vezes ofensivo, como no filme “Bossa Nova” – baseado em relações interculturais – quando o namorado de uma das personagens usa o banheiro sem fechar a porta e ela não sabe se assumi-lo como algo cultural ou simplesmente como uma absoluta nojeira.

O segundo, ao contrário, origina situações engraçadas.

A equipe do “Brasil Conosco” entrevistou vários casais brasileiro-venezuelanos e descobriu que, nestes matrimônios os mal-entendidos são normalmente do segundo tipo mencionado. A opinião geral é que as diferenças culturais entre os dois países não são muito pronunciadas: os dois têm hábitos higiênicos, práticas religiosas, gostos e costumes muito similares. Diferenças maiores ocorrem na culinária, mas não há receitas específicas de um dos países que sejam intoleráveis para cidadãos do outro país. As situações embaraçosas normalmente geram-se pelo efeito da linguagem: o uso de modismos muito peculiares e a existência de “falsos amigos”, palavras que se escrevem quase iguais e têm diferentes significados em espanhol e em português.

Só imaginem a expressão de um recém-casado cuja esposa entra em crise depois da noite do casamento porque esqueceu sua vassoura (isto é o que “escova” significa para um venezuelano). Pensará que se casou com uma bruxa!

Apesar disso, os casais entrevistados mostraram-se muito contentes com sua eleição, e ainda consideraram que as coisas foram um pouco complicadas no princípio, o conhecimento da origem cultural distinta ajudou no fortalecimento dos vínculos entre os casais: como os dois sabiam que suas culturas e idiomas eram diferentes, o esforço feito por cada casal para se compreender foi maior do que teriam feito em uma situação distinta. Isto é, terminaram perdendo “faltas” que não obedeciam a variações

culturais, mas a variações nas personalidades.

Talvez o anterior seja uma exageração, mas não há dúvida na afirmação de que os matrimônios brasileiro-venezuelanos não dão lugar para o aborrecimento.



Lena e Roberto casal entrevistado

### Entrevistas realizadas pela equipe do Brasil Conosco

**P:** Como brasileira morando na Venezuela, você pode me contar sobre as dificuldades, confusões etc. que você teve quando conheceu seu marido venezuelano?

**R:** Eu conheci o Roberto pela Internet, há três anos e meio, quando eu morava em Recife, no Brasil, e ele morava em Caracas. Eu estava buscando amigos que falassem espanhol e que me ajudassem a falar melhor o espanhol. Eu tinha muita dificuldade, com tantos falsos amigos... Eu me lembro que um dia, quando estava batendo papo com o Roberto pela internet entrei em contradição com ele sobre algo e ele me disse que eu tinha muito “mau caráter”. Isso me deu muita raiva porque é uma ofensa em português, uma ofensa bem forte. Foi quase o fim da nossa história. Embora ele tivesse tentado me explicar que isso queria dizer outra coisa em espanhol, eu não acreditava. No seguinte dia, quando eu fui falar com meu professor, ele me confirmou que “ter mau caráter” em espanhol queria dizer “ter um gênio muito forte”. Então entendi. Era um caso de “falso amigo”. Isso foi muito engraçado, mas na hora não me pareceu tão engraçado. Se eu não tivesse falado com meu professor, eu teria acabado minha história com o Roberto e nunca mais teria conversado com ele.

Seis meses depois, cheguei à Venezuela. Eu vim para cá para conhecer o Roberto de fato. Queria ver se as coisas que ele me dizia eram verdade; queria conhecer sua família, seus amigos. No começo, eu tinha muita vergonha de falar e pedia para que as pessoas falassem mais devagar. Eu falava muito errado também. Você consegue entender algumas coisas, é claro, mas você acredita que a pessoa está dizendo uma coisa e realmente está

dizendo outra. Por exemplo, as pessoas falavam que uma comida que me parecia gostosa estava “esquisita”. Como que estava esquisita? Eu queria que elas dissessem que estava bom, não esquisito. Há muitas outras palavras assim. “Oficina”, por exemplo, eu sempre associava essa palavra com “oficina mecânica”. Pelo contrário, eu sempre pensava que “taller” em espanhol era uma ferramenta para comer. Embora eu tivesse estudado espanhol durante um ano, achei muitas palavras iguais, se pronunciam igualzinhas, mas seu significado é diferente. Para Roberto foi difícil também. Quando ele foi para o Brasil, achou muito engraçada a palavra “borracharia”. Para ele, isso era mais bem um sítio para bêbados, não para consertar ou trocar os pneus do carro. Temos outras palavras no Brasil que não são palavras, como “tem a cuca fresca”, que quer dizer que você é muito relaxado, desestressado. Aqui é um palavrão. Embora tenha tido muitas dificuldades com a linguagem, tive muita sorte, porque Roberto é maravilhoso. Porém, a adaptação leva tempo.

Também entrevistamos a professora Raquel Marques, casada com um venezuelano. Ela nos contou sobre duas situações que lhe pareceram muito engraçadas: na primeira ela e seu marido estavam conversando pelo telefone e começaram a discutir porque tinham um problema e ela estava nervosa, pois ele não conseguia resolvê-lo. Nesse momento ela lhe disse: Ah!, sabe qual é o problema? O problema é que você não está nem aí... (essa expressão em português significa que você não está nem um pouco preocupado com o assunto). E ele respondeu: Como assim que eu não estou nem aqui? Se eu não estivesse aqui não estaríamos discutindo. Ela então morreu de rir e acabaram a briga nesse momento.

Em outra oportunidade estavam conversando sobre suas famílias e ele comentou que tinha vários irmãos e que um deles tocava o “quatro”, instrumento típico da Venezuela, e era surdo. Raquel ficou impressionada, talvez lembrando-se de Beethoven e como ela demonstrava tanta surpresa ele fez um gesto rápido com a mão esquerda, que em português se traduz por “canhoto”. E como esses devem ter muitos outros desencontros lingüísticos... Se vocês souberem de algum adoramos que nos contassem, quem sabe faríamos um guia para evitar confusões desse tipo que ajudariam muitas pessoas a se entenderem melhor.

Victoria Contreras - Nivel 5

# Língua

## Falemos dos Falsos Amigos



Talvez esses sejam os responsáveis pelos maiores desconfortos entre os falantes de português e de espanhol, a seguir colocaremos alguns exemplos de uma lista muito mais longa dessas palavras que se escrevem ou pronunciam de igual maneira, mas podem ter resultados catastróficos nas tentativas de comunicação.

Palavra em Português	Significado em Espanhol
Aceitar	Aceptar
Lubrificar	Lubricar, aceitar
Berro	Grito, chillido
Agrião	Berro
Borracha	Goma de borrar, caucho
Bêbada	Embriagarse, borracha
Cachorro	Perro
Filhote	Cachorrito (de perro, oso, tigre)
Cerca	Una cerca
Perto de..	Cerca de...
Copa	Comedor de diario
Taça	Copa (de vino)
Doce	Un dulce, pastel
Doze	12
Enojar	Sentir asco
Irritar	Enojar
Faro	El olfato (de un perro)
Farol	Faro de carro, semáforo, faro de puerto

Gracioso(a)	Encantador(a)
Engraçado(a)	Divertido(a)
Divertir-se	Pasar un buen rato (no necesariamente gracioso)
Latir	Ladrar
Bater	Batir del corazón, apaudir, pelearse a puños
Mala	La maleta
Má	Mala
Presunto	Jamón
Pressuposto	Supuesto
Orçamento	Presupuesto (de dinero)
Rato	El ratón
Ratazana	La rata
Salada	La ensalada
Salgada	Una cosa salada
Tapa	Una bofetada
Petiscos, tira-gosto	Tapas o pasapalos
Apagar	Borrar
Desligar	Apagar (un aparato)
Borrar	Borronear
Estofado	Relleno de un mueble
Refogado	Estofado, guiso
Esquisito	Extraño
Delicioso	Exquisito, delicioso
Apurado	En forma de puré
Apressado	Apresurado, apurado

# Letras

## Drummond, a poesia tradicional, Deus e Itabira.

Dos poetas e escritores da região Sudeste, o mais famoso e revisitado é, sem dúvida, Carlos Drummond de Andrade. Nascido em 1902 em Itabira do Mato Dentro, Minas Gerais, no seio duma família de fazendeiros em declínio que insistiram em sua formação com os Jesuítas de Belo Horizonte; foi talvez a mistura do orgulhoso rico em decadência, a paisagem agreste de Itabira e o estrito ensino religioso típico dos jesuítas de princípios do século passado, sua principal fonte de inspiração como artista.

Drummond começou sua obra poética em 1930 y desde o princípio não foi um poeta convencional; não teve respeito pela métrica, o ritmo, a cadência, nem a harmonia. Por conseguinte, foi denominado "modernista" – termo que, aparentemente, era aplicado nessa época para todos aqueles artistas que fizessem obras que, embora ausentes de algum precedente acadêmico, resultavam agradável ao público.

Porque as pessoas gostavam de Drummond, e ainda gostam. Porque consideram que Drummond é a poesia brasileira do Séc. XX o que Tom Jobim à Bossa Nova.

E ainda se fosse possível – como afirmam muitos – que a difusão da obra de Drummond recebesse um grande impulso inicial de suas supostas boas relações políticas e da influência que pudesse exercer como chefe de gabinete do Ministro de Educação nos anos trinta – quando começou a criação dos compêndios escolares; é completamente impossível que um apoio desta classe pudesse levar uma obra medíocre a cumprir setenta anos de boa reputação internacional, sendo traduzida em mais de cinco idiomas.

A verdade é que muitos tradicionalistas ainda não consideram Drummond um bom poeta. O mesmo Drummond não se reconhecia assim. No seu "Auto-retrato" define-se como "um razoável prosador que se julga bom poeta, no que se ilude. Como prosador assinou algumas crônicas e alguns contos que revelam certo conhecimento das formas graciosas de expressão, certo humor e malícia. Como poeta, falta-lhe tudo isso e sobram-lhe os seguintes defeitos: é estropeado, antieufônico, arbitrário, grotesco e tatibitate". E ainda que este fragmento seja uma resposta irônica aos puristas, há lugar para duvidar se talvez o escritor pudesse avaliar-se um pouco assim.

Mas, contudo, Drummond amava a poesia, e é isso o que leitor sente e o que leitor valoriza em Drummond – "Meu verso é minha consolação. / Meu verso é minha cachaça. Todo mundo tem sua cachaça.". O leitor é seduzido por essa necessidade ilimitada de expressão através do verso.

Em efeito, seus adversários enfocam-se nes-

te afã de comunicação como fundamento para suas críticas. Centrando-se nos poemas de crítica social, Martins escreveu para O Globo em 1999 que "Há evidente equívoco em equiparar a renovação poética à natureza ou personalidade dos produtores: a poesia não se renova por ser 'negra ou feminista'. Renova-se quando mulheres e negros escrevem poesia de perceptível qualidade". Esta opinião, tão politicamente incorreta, não se aplica para Drummond porque seu período de poesia política só durou uma década – os 40s – e os resultados o encheram de um desencanto que o levou ao existencialismo e à criação de muitos poemas meta-lingüísticos que debatem sobre a importância da poesia.

E, para mim, Drummond é isso, um existencialista, um poeta cheio de cepticismo e melancolia que só posso atribuir a sua infância católica e decadente. Um autor que aconselha a um bom poeta: "não cantes tua cidade, deixa-a em paz" e porém não pode evitar dizer "Alguns anos vivi em Itabira. / Principalmente nasci em Itabira. / Por isso sou triste, orgulhoso: de ferro. / Noventa por cento de ferro nas calçadas. / Oitenta por cento de ferro nas almas."

As referências à província e a sua infância nunca estão ausentes na poética de Drummond, frequentemente com tom de menosprezo, sempre enfatizando a condição de Itabira como "cidadezinha", de povoado no meio do caminho, aonde "Um homem vai devagar. / Um cachorro vai devagar. / Um burro vai devagar". Essa censura à cidade perdida parece, no caso de Drummond, o ódio que dizemos sentir pelas coisas outrora amadas e agora perdidas. Por isso, ao final desses poemas se encontram versos de arrependimento – "E eu não sabia que a minha história / era mais bonita que a de Robinson Crusoe" – ou de resignação - tive ouro, tive gado, tive fazendas. / Hoje sou funcionário publico. / Itabira é apenas uma fotografia na parede / Mas como dói!".

Em minha opinião, a perda de seu status conduziu Drummond, de estrita educação jesuíta, a renegar de Deus – "Meu Deus, por que me abandonaste / se sabias que eu não era Deus, / se sabias que eu era fraco" – queixa onipresente na obra do poeta; queixa contra Deus e contra o mundo em geral que talvez também explique seu desprezo pelos convencionalismos.

Leitores, apresento-lhes Drummond, o renegado, o descrente que perdeu sua cidade, brigou com Deus e com a Academia.

Para começar este novo ano 2006 com bom pé, poderíamos tentar fazer o que Drum-

mond de Andrade propõe neste poema.



### Receita de ano novo

*Para você ganhar belíssimo Ano Novo cor do arco-íris, ou da cor da sua paz, Ano Novo sem comparação com todo o tempo já vivido (mal vivido talvez ou sem sentido) para você ganhar um ano não apenas pintado de novo, remendado às carreiras, mas novo nas sementinhas do vir-a-ser; novo até no coração das coisas menos percebidas (a começar pelo seu interior) novo, espontâneo, que de tão perfeito nem se nota, mas com ele se come, se passeia, se ama, se compreende, se trabalha, você não precisa beber champanha ou qualquer outra birita, não precisa expedir nem receber mensagens (planta recebe mensagens? passa telegramas?) Não precisa fazer lista de boas intenções para arquivá-las na gaveta. Não precisa chorar arrependido pelas besteiras consumidas nem parvamente acreditar que por decreto de esperança a partir de janeiro as coisas mudem e seja tudo claridade, recompensa, justiça entre os homens e as nações, liberdade com cheiro e gosto de pão matinal, direitos respeitados, começando pelo direito augusto de viver. Para ganhar um Ano Novo que mereça este nome, você, meu caro, tem de merecê-lo, tem de fazê-lo novo, eu sei que não é fácil, mas tente, experimente, consciente. É dentro de você que o Ano Novo cochila e espera desde sempre.*

Aqueles que desejarem se aproximar à obra de Drummond confira o site:

<http://www.secrel.com.br/jpoesia/drumm.html>

Victória Contreras - Aluna nível 5

# Letras

## Idéias e palavras

**" Chega mais perto e contempla as palavras / Cada uma / tem mil faces secretas sob a face neutra / e te pergunta, sem interesse pela resposta / pobre ou terrível, que lhe deres: / Trouxeste a chave?"**

**Carlos Drummond de Andrade**

Em minha opinião, conhecer outras linguagens nos dá acesso a palavras mais completas e complexas que, no final, mostram realidades às quais nossa língua original nos recusa.

Isto é, o vocabulário de cada sociedade funciona como um elo em nossa aproximação a sua cultura e ao conhecimento que possui. Por exemplo, se estudássemos o vocabulário dos indígenas pré-colombianos observaríamos a carência das palavras "roda" e "neve", o qual nos permitiria deduzir que o nível tecnológico deles não tinha lhes permitido desenvolver a idéia da roda e também nos ajudaria na definição de seu entorno geográfico.

Entende-se assim o uso diário de palavras "importadas": os vocábulos orixá, cacau, caju, tabaco, tomate, são palavras que os portugueses precisaram adotar quando se enfrentaram com realidades desconhecidas para eles.



Visto isso, toda vez que assumimos uma nova palavra, transformando-a até fazê-la nossa, fazemos consciente uma idéia que não tínhamos definido nunca. O contrário é válido: quanto menor for a transformação da palavra original, mais provável será que consideremos a idéia subjacente um tabu. Assim, ainda que tenhamos "avançado" de "felatio" para "felação", é extraordinário que em mais de 2000 anos a sociedade ocidental não tenha modificado nem uma letra da palavra "connilingüis", único vocábulo "formal" para se referir ao sexo oral praticado na mulher. Arcaico, não é?

Finalmente, se introduzimos a linguagem escrita na análise, poderemos entender como os japoneses podem ser tão tradicionais e tão modernos ao mesmo tempo: como saberão os muitos brasileiro-japoneses de São Paulo. Os japoneses usam um alfabeto silábico diferente para escrever as palavras – idéias – de origem estrangeira. Por conseguinte, sua identidade cultural é preservada por permitirem uma diferenciação constante das concepções e realidades bárbaras daquelas que os japoneses *assumem* como genuinamente suas. Agora, já compreendendo a relação palavra-realidade, é possível entender por que a metade do globo acredita num Deus cujo esforço criador limitou-se à invenção das palavras, um deus que unicamente precisou falar para gerar o mundo todo.

Victoria Contreras - Nivel 5

## No meio do caminho

Carlos Drummond de Andrade

No meio do caminho tinha uma pedra  
tinha uma pedra no meio do caminho  
tinha uma pedra  
no meio do caminho tinha uma pedra.

Nunca me esquecerei desse acontecimento  
na vida de minhas retinas tão fatigadas.  
Nunca me esquecerei que no meio do caminho  
tinha uma pedra  
tinha uma pedra no meio do caminho  
no meio do caminho tinha uma pedra.

Nota: Se quer saber porque este poema tão simples causou um escândalo na sociedade literária do Brasil e da América Latina confira:

<http://biblioweb.unam.mx/horizonte/brasil/drumm3a.html>

## DESEJOS

Desejo a você  
Fruto do mato  
Cheiro de jardim  
Namoro no portão  
Domingo sem chuva  
Segunda sem mau humor  
Sábado com seu amor  
Filme do Carlitos  
Chope com amigos  
Crônica de Rubem Braga  
Viver sem inimigos  
Filme antigo na TV  
Ter uma pessoa especial  
E que ela goste de você  
Música de Tom  
com letra de Chico  
Frango caipira em  
pensão do interior  
Ouvir uma palavra amável  
Ter uma surpresa  
agradável  
Ver a Banda passar  
Noite de lua Cheia  
Rever uma  
velha amizade  
Ter fé em Deus  
Não ter que ouvir  
a palavra não  
Nem nunca,  
nem jamais e adeus.

Rir como criança  
Ouvir canto de passarinho  
Sorar de resfriado  
Escrever  
um poema de Amor  
Que nunca será rasgado  
Formar um par ideal  
Tomar banho  
de cachoeira  
Pegar um bronzeado legal  
Aprender um nova canção  
Esperar alguém na estação  
Queijo com goiabada  
Pôr-do-Sol na roça  
Uma festa  
Um violão  
Uma seresta  
Recordar um amor antigo  
Ter um ombro sempre amigo  
Bater palmas de alegria  
Uma tarde amena  
Calçar um velho chinelo  
Sentar numa velha poltrona  
Tocar violão para alguém  
Ouvir a chuva no telhado  
Vinho branco  
Bolero de Ravel  
E muito carinho meu.

(Carlos Drummond de Andrade)

# Arte

## Artistas venezuelanos na Bienal de São Paulo



Detalhe Pavilhão Bienal, birapuera, São Paulo.

Mas, o que é a "Bienal de São Paulo"?

A Bienal de São Paulo é organizada cada dois anos pela Fundação Bienal de São Paulo. Esta Fundação foi criada em 1962, mas suas origens remontam aos anos 40, ao processo de modernização da sociedade brasileira e, em particular, à criação das bases institucionais e culturais que levaram São Paulo a ingressar, definitivamente, no circuito internacional das artes do século XX.

Ao contrário do Rio de Janeiro, em São Paulo a produção artística esteve historicamente ligada à iniciativa privada e de uma forma bastante peculiar, já que não havia grandes investimentos com bases empresariais. Homens ricos da elite tradicional limitavam-se a fazer pequenas doações de partes de heranças, ajudavam os artistas com aquisições de peças ou quadros, intermediavam relações e contatos com políticos.

Nos anos 40, um grupo remanescente do movimento pioneiro da Semana de Arte Moderna, ampliado por representantes da elite paulista, por novos artistas e intelectuais recrutados na recém-criada Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo, procurava fundar associações e clubes com o intuito de divulgar a arte moderna brasileira e internacional. No entanto, com a guerra mundial em curso, tornava-se difícil um contato mais estreito com a Europa, que fora a principal fonte de inspiração e de formação dos artistas modernos e da elite paulista durante os primeiros 20 anos do século XX. Assim, o Brasil assistia a um processo de substituição das referências do modelo europeu para o modelo norte-americano, com a implantação da chamada "Política de Boa Vizinhança", que teve como coordenador o milionário norte-americano Nelson

Rockefeller, dono da Standard Oil e presidente do Museum of Modern Art (MoMA). Nesse contexto, a discussão sobre uma instituição voltada para a preservação e divulgação da arte moderna começou a tomar corpo, inspirada em instituições norte-americanas.

Quando a guerra acabou, o Brasil dispunha de divisas acumuladas para investimentos nos diversos setores da economia e da cultura. O intercâmbio internacional também era favorável, já que os países europeus, em reconstrução, colocavam sua produção artística no mercado a preços baixos. Com esse ambiente propício, só faltava quem investisse recursos para dar continuidade ao processo de institucionalização da cultura.



Museu de Arte Moderna de São Paulo

O Museu de Arte Moderna (MAM), criado em 1948 pelo industrial Francisco Matarazzo Sobrinho, contou desde o início com a participação de representantes de todas as áreas das artes e da cultura, que traçaram o perfil e a política de aquisição e de formação do seu acervo. Ciccillo Matarazzo financiou de seu próprio bolso a compra das obras para a coleção do Museu e fomentou seu posterior crescimento com o "Prêmio Aquisição" promovido pelas futuras bienais.

Logo após a inauguração do MAM, Ciccillo Matarazzo propôs a realização de uma grande mostra internacional inspirada na Bienal de Veneza, enfrentando a resistência de alguns membros da Diretoria que achavam prematura uma aventura de tais proporções. Assim mesmo, Ciccillo definiu o ano de 1951 para a realização do evento e o montante de recursos destinado à premiação.

A maior dificuldade para realização a mostra foi convencer os artistas dos países estrangeiros - principalmente os europeus - a participar da aventura de mandar obras de arte para um país que não tinha presença política nem cultural no cenário mundial. Ciccillo percebeu que somente por meio de correspondência e convites a mostra seria um fracasso. Solicitou, então, a Yolanda Pentead, sua esposa, que fosse pessoalmente à Europa fazer os convites a artistas e representações estrangeiras para participarem do evento. Como embaixatriz da primeira Bienal, Yolanda superou todos os desafios com competência e absoluto sucesso.

A I Bienal foi inaugurada em 20 de outubro de 1951. O Pavilhão adaptado recebeu 1.854 obras representando 23 países.

O êxito da I Bienal, apesar de toda improvisação, mostrou a capacidade de realização de Ciccillo e da equipe do MAM. Ainda sob o impacto do sucesso, já se programava a II Bienal, que viria a acontecer no final de 1953, abrindo as comemorações do IV Centenário da Cidade de São Paulo.

Oscar Niemeyer foi convidado a projetar o conjunto de edificações. Considerando suas dimensões, o Parque, seus edifícios e os jardins de Burle Marx foram construídos em tempo recorde. Eram, no conjunto, 24.000 m<sup>2</sup> de exposição. Em 12 de dezembro a mostra foi inaugurada com a representação de 33 países e 3.374 obras.



Museu Oscar Niemeyer  
Rio de Janeiro

No entanto, o crescimento e o prestígio das bienais realizadas durante o período do governo Kubitschek começaram a pôr em xeque o papel do MAM como promotor das mostras. As bienais



## Artistas venezuelanos na Bienal de São Paulo... (Continuação)

consumiam a maior parte dos esforços e das verbas arrecadadas pelo Museu, transformando-o quase que exclusivamente num escritório para sua operacionalização. Ciccillo Matarazzo resolveu, então, que era o momento de separar o MAM da Bienal, dando independência financeira e decisória a esta última.

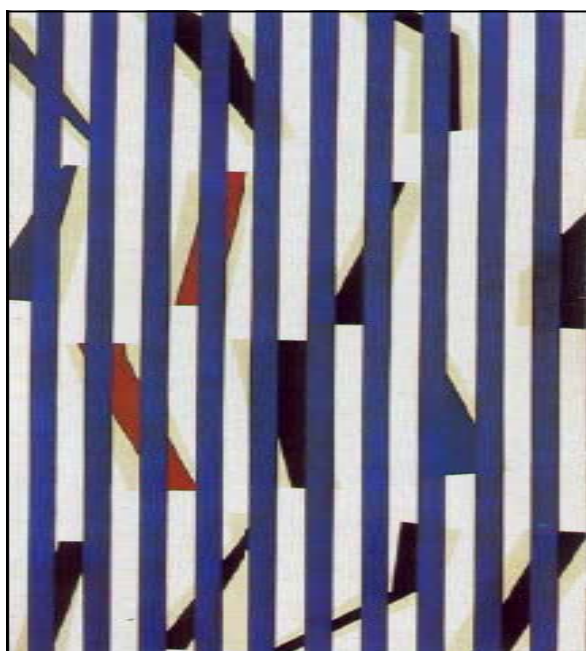
. Em 8 de maio de 1962, já estava criada a Fundação Bienal de São Paulo, uma instituição privada sem fins lucrativos. Em janeiro de 1963, o MAM é extinto e seu patrimônio transferido para a Universidade de São Paulo.

Com mais de 70 anos de idade, Ciccillo começava a preparar sua sucessão. Em 1975, depois da realização da XIII Bienal, afasta-se definitivamente da diretoria da Fundação Bienal e, dois anos depois, em 16 de abril de 1977, falece deixando a Bienal como sua mais importante realização.

Único evento brasileiro assinalado no calendário internacional da arte e da arquitetura, a Bienal de São Paulo vem projetando há meio século o Brasil no cenário mundial, sendo considerada, junto com a Bienal de Veneza, o mais importante evento do gênero entre os mais de cinquenta existentes no mundo.

*Adaptado do texto de Rosa Artigas extraído do Livro Bienal 50 Anos, São Paulo, Fundação Bienal de São Paulo, 2001)*

Um dos artistas venezuelanos mais famosos que já participaram na Bienal é Alejandro Otero. Pintor e escultor, ele nasceu em El Manteco, Estado Bolívar, em 1921, e morreu em Caracas em 1990. Participou na Bienal de Veneza em 1956 e em 1983, assim como na Bienal de São Paulo em 1957, recebendo então uma Menção Honorífica. Sua obra está representada nos museus venezuelanos, no Museu da Arte Moderna de Nova York e no Museu do Ar e Espaço em Washington.



Coloritmo de Alejandro Otero

Mais recentemente, vários artistas venezuelanos participaram na 25ª Bienal de São Paulo (2002), com o tema "11 Metrôpoles". Eles são **Alexander Apostol, Luis Molina Pantin, José Antonio Hernández-Diez, Emilia Azcárate e Marcel Odenbach**. Em representação oficial de Venezuela esteve **Carlos Cruz-Diez**, quem é um dos artistas venezuelanos de maior renome internacional. Tem recebido grandes prêmios, entre os quais destacam o Premio Internacional de Pintura da Bienal de São Paulo.

Um dos membros do grupo de artistas venezuelanos nessa mesma Bienal foi Luis Molina Pantin, quem mora e trabalha em Caracas, Venezuela. Ele é fotógrafo e vídeo-artista. Em alguns de seus trabalhos, Molina Pantin coleciona imagens postais dos grandes centros urbanos, já que, para ele, são uma representação idealizada que também contribui à construção de realidades sociais. Em uma entrevista recente, Molina Pantin deu à autora deste artigo suas impressões sobre a Bienal.

### MIC: Com qual obra você participou na 25ª-Bienal?

LMP: Eu participei com a série Inmobilia, a qual contém fotos de estúdios de telenovelas que representam estereótipos de classes sociais. Essas fotos também podem ser vistas como naturezas mortas.

### MIC: Como foi o processo de escolher aos artistas participantes?

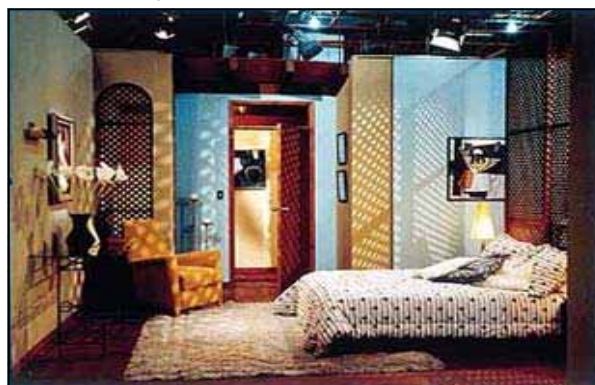
LMP: Foi escolhido pelo curador da Bienal por meio de uma carta enviada aproximadamente um ano e meio antes da inauguração.

### MIC: Como poderia você qualificar suas experiências na Bienal?

LMP: Muito positivas. É um grande evento internacional que tem mais de 50 anos de trajetória.

### MIC: Que repercussão teve a Bienal na sua vida como artista?

LMP: Meu trabalho foi visto por muitas pessoas. Participar foi uma experiência muito grata, mas até ali chegaria. Ao final, só ficam as lembranças. O que sim posso dizer é que exibir as obras próprias em uma edificação tão importante, desenhada por Oscar Niemeyer é difícil, mas muito emocionante.



Obras expostas por Luis Molina Pantin na 25ª Bienal.

## Artistas venezuelanos na Bienal de São Paulo... (Continuação)



Jesús Soto e a bandeira da Venezuela

Outro famoso pintor venezuelano que teve uma participação importante na Bienal de São Paulo foi Jesús Soto, pintor, escultor e artista cinético. Soto nasceu em Ciudad Bolívar em 1923 e morreu em Caracas em 2005. Participou em inúmeras coletivas internacionais no mundo todo. Em 1957, 1959 e 1963 participou na Bienal, ganhando na terceira ocasião o Premio Wolf. Soto. Recebeu honras internacionais e sua obra está representada em museus do mundo todo, desde os Estados Unidos até ao Japão, desde a Suécia até a Austrália. Suas obras integradas à arquitetura podem ser vistas em prédios públicos venezuelanos, belgas, franceses, canadenses, alemães e suíços.



Theospacio - Jesús Soto

O artista Juan Calzadilla representou a Venezuela na 26ª Bienal de São Paulo. Segundo a curadora da mostra Elida Salazar, Juan Calzadilla, "Poderia caracterizar-se, em seus melhores momentos, pelo afã de constituir um espaço onde se misturam, mediante impulsos automáticos combinados com a reflexão sobre a linguagem, a escritura e o desenho. E, em efeito, Calzadilla é considerado como um dos melhores desenhistas da Venezuela e um dos poetas van-

guardistas mais conhecidos desse país. Ao mesmo tempo, tem sido, talvez, o mais prolífico entre nossos escritores consagrados ao estudo e pesquisa da arte nacional".

Franklin Fernández perguntou a Calzadilla que significado tinha tido para ele essa participação.



Trama Corporal, 1998, Juan Calzadilla

Ele respondeu: "Foi algo insólito e inesperado; não foi buscado, nem desejado por mim. Um compromisso ao qual me obrigou a confirmação que o Comissário Alfons Fugg deu à proposta de minha obra pela curadora Elida Salazar. Eu conhecia a Bienal, porque estive nela em 1965, mas então era uma feira patrocinada pelas galerias e os grandes museus, que buscavam a promoção para seus artistas. E tudo terminava em uma briga pelos prêmios entre os comissários nacionais. As dimensões do prédio da Bienal são colossais, pois Niemeyer, o arquiteto do projeto, propôs criar uma obra paradigmática, como síntese neoplástica da arquitetura moderna do Brasil, com seus ingredientes barrocos e neoclássicos. Só três dos pavilhões têm um quilometro de extensão linear e, para recorrê-los, sem deter-se muito, precisam-se pelo menos três horas. É um exagero.

Ao passar o tempo, a Bienal abandonou sua política de prêmios e consagrou quase todo o seu espaço à arte contemporânea, em suas expressões mais atuais e experimentais. Reduz a mostra de arte moderna ao chamado "Núcleo Histórico" consagrado a retrospectivas e mostras individuais dos mestres. Mas, em 2004, decidiu aceitar obras feitas com técnicas tradicionais e abriu o campo à pintura-pintura, ao desenho e à escultura, até criar, no recorrido da Bienal, espécies de hiatos, pausas o pequenos oásis de criadores artesanais, em meio da fanfarra descomunal das imagens globais: o vídeo, a instalação, a multimídia, o con-

ceitual. Em geral, tive a impressão que, em meio desses grandes monstros do investimento capitalista em obras de arte *in situ* que enchem os espaços das bienais, minha obra, feita a mão, se sustentava.

Até os críticos estão de acordo que a Bienal é um evento que não podem perder os apaixonados da arte sul-americanos. Eles vêm de todas partes, desde a Argentina e o Uruguai até Puerto Rico em suas peregrinações bienais. Por exemplo, quando Siron Franco era um aspirante a artista, brasileiro, de dezessete anos, viajou de ônibus por 900 quilômetros só para ter a oportunidade de experimentar sua primeira Bienal. Fazendo referência a seu estado natal, ele diz que "a informação (sobre os desenvolvimentos no mundo da arte internacional) não chegava a Goiás. Hoje todos os rapazes de Goiânia (a capital do estado) vão visitá-la". Franco ainda viaja a São Paulo para o evento e registra entrevistas em vídeo com artistas que chamam sua atenção.



Obra admirada pela autora na 26ª Bienal de São Paulo

Elaborado por Maria Ines Campbell - Nivel 5

### Bienal de São Paulo na Web



O site da Fundação Bienal de São Paulo mostra uma completa gama de informações sobre tópicos deste importante evento cultural, pode conseguir desde as obras dos artistas (algumas fotos não aparecem) até as datas de participação das mesmas, confira o seguinte site:

- <http://bienalsaopaulo.globo.com/>

# Esporte

## O BRASIL E A VENEZUELA UNIDOS PELO BEISEBOL NO CAMPEONATO SUL-AMERICANO DE BEISEBOL ADULTO

O Brasil e a Venezuela asseguraram duas vagas para participar no Pan-americano de Cuba, no próximo agosto de 2006 onde competirão pelas duas posições para os Jogos Olímpicos de Pequim 2008; as seleções mostraram muita coragem durante a competição; o Brasil foi a surpresa, pois, embora sendo o campeão do mundo no futebol, mostrou que também pode competir no beisebol e uma prova é a vitória sobre a seleção Venezuelana obtendo o campeonato sul-americano.

Em uma partida que ficará escrita na história do beisebol brasileiro, a Seleção Brasileira mostrou muita superação e coração para vencer, de virada, a Venezuela por 2 x 1 e conquistar o título do Campeonato Sul-americano de Beisebol Adulto, putado nesta última semana em São Paulo e Ibiúna (SP).

Apesar da coletividade ter sido o ponto forte do selecionado brasileiro durante a competição, um dos destaques ficou para o arremessador Jo Matumoto, imprescindível em partidas-chaves e que acabou premiado como o Melhor Jogador do Campeonato.



Equipe vice-campeã – Venezuela



Equipe campeã – Brasil

Para mais informação sobre beisebol no Brasil confira:

<http://www.cbbs.com.br/>

# Humor

## O linguajar uberabense

O seguinte texto trata-se de um exercício divertido de gírias e expressões comuns no vocabulário local, que fica como uma luva neste espaço das Diversidades.

Como explica André Azevedo, autor do texto, o idioma falado em Uberaba é um misto de português e dialetos paulistas, goianos, mineiros, baianos e candangos (o nome pelo qual são conhecidos os imigrantes pobres oriundos do Nordeste do Brasil).

Eis, então, algumas dessas curiosas expressões bastante populares usadas por estudantes e habitantes desta cidade brasileira "atípica" do ponto de vista lingüístico:

### "De jeito maneira"

Mais que «de jeito nenhum!» ou «de maneira nenhuma!», há o superlativo *de jeito maneira!*. Nessa expressão está embutida uma negativa irreversível. *De jeito maneira!* é pior do que nunca, jamais; é uma hipótese fora de qualquer rascunho de possibilidade; nem em delírios, nem em sonhos é admissível o que foi condenado ao *de jeito maneira!* É uma negativa do estilo *necas de pitibiriba*.

Exemplo:

- Vem cá chuchuzinho, você é uma gatinha. Me dá um beijo!

- De jeito maneira!

A expressão «*De jeito maneira!*» equivale à «*Nem que a vaca tussa!*». Como qualquer uberabense sabe, apesar de existirem muitos fenômenos inexplicáveis neste mundo, é muito raro a ocorrência de tosses em vacas. Não podemos dizer que a vaca não tosse de jeito maneira (nunca se sabe), mas que é difícil, isso é. Não se conhecem muitas pessoas que afirmem terem visto uma vaca tossir. Negar uma decisão mesmo que a vaca tussa é negar "*pra valer!*" Quando se deseja reforçar ainda mais a negativa, é possível dizer «*Nem que a vaca tussa e o boi espirre!*».

Outra expressão equivalente é «*Você está é besta!*», normalmente expressa da maneira condensada «*Cê tá é besta!*», ou da forma ultra-reduzida «*Cê besta!*».

Exemplo:

- Vamos chuchuzinho, só um beijinho!

- Cê besta!

### «Aí eu peguei e falei»

A expressão «*Aí eu peguei e falei*» é uma tentativa de materialização do verbo, busca a tangibilidade do conceito. Indivíduos que têm dificuldade no trato com símbolos abstratos – como a palavra –, tentam concretizá-las para pegá-las com as mãos e, aí sim, ter certa segurança sobre o assunto em questão. A abstração verbal parece insuficiente, o sujeito não é capaz de provar a veracidade da informação através de argumentação lógica, imaterial. Em vista disso, transforma a idéia em objeto – única maneira encontrada para dar consistência à elaboração intelectual.

Exemplo:

- Aí ele me falou que não ia me dar um presente. Aí eu peguei e falei, então tá, eu não queria mesmo!

### «Virgem Maria e Nossa Senhora!»

Desde a pregação dos jesuítas, somos um povo que adquiriu muito do linguajar católico. Quando ocorre um infortúnio qualquer, é quase instintivo apelarmos para santos, anjos, o próprio Deus, etc. Uma das santas mais requisitadas é Maria, mãe do Homem, considerada virgem. Daí o apelo à «Virgem Maria!». Essa invocação é feita há séculos, mas foi se desconstruindo com as corruptelas naturais da língua, até chegar ao ponto em que chegou. Se um sujeito perde um ônibus e diz «*xiiii!*», ou «*iiiiiii!*», na verdade está clamando por Virgem Maria. Acompanhe as sucessivas desconstruções que levaram à versão mínima da expressão da Santa: «*Virgem Maria!*» - «*Virgem!*» - «*Virgi!*» - «*Vigi!*» - «*Vixi!*» - «*Íxi!*» - «*Xi!*» - «*Íiii!*» - «*Chhhh!*». (Este último trata-se de um ruído bucal, imitando um sal de fruta fervendo num copo d'água)

Exemplos:

- Ai ai ai, meu marido está chegando!

- Íiiiiiii...

- Acho que esqueci sua cueca na sala!

- Xiiiiii...

Da mesma forma, a invocação a «Nossa Senhora!» sofreu suas corruptelas. Acompanhe: «*Nossa Senhora!*» - «*Nossa!*» - «*Nó!*» - «*Nú!*».

Exemplos:

- Você viu? Ele foi pular a cerca e quebrou o braço!

- Nóóó!

- E aí o boi deu uma chifrada nas costas dele!

- Nú! (Aqui também encontram-se expressões com o sentido similar. Ex: «*Nusga!*» - «*Niiii!*»)

Adaptado de um \* Texto publicado pelo jornal "Revelação", do curso de Comunicação Social da Universidade de Uberaba, Minas Gerais, Brasil.



# Turismo

## O Gigante do Sul

A Região Sudeste do Brasil está composta pelos Estados de São Paulo, Rio de Janeiro, Espírito Santo e Minas Gerais. Essa região tem a maior população do país, somando quase 73 milhões de habitantes, o que corresponde a 42,63% do total da população brasileira. Abriga as duas(2) mais importantes metrópoles nacionais, as cidades de São Paulo e o Rio de Janeiro. A economia desta região é a mais desenvolvida e industrializada entre as economias de todas as regiões, nela se concentrando mais da metade da produção do país.

Vejamos algumas características dos estados da Região Su-



deste.

**São Paulo** é o estado mais populoso do país somando 37.032.403 (censo 2000) de habitantes, distribuídos em 645 municípios; sua capital é São Paulo e sua gente é conhecida como paulista. É também o maior centro industrial, comercial, financeiro e econômico da América Latina caracterizando-se pela alta concentração de indústrias das mais diversificadas, sendo também, o maior centro agropecuário brasileiro e de um grande atrativo turístico e cultural. No início deste século vieram os japoneses e mais recentemente os coreanos e sul-americanos. São Paulo concentra a maior colônia de descendentes de japoneses fora do Japão, no conhecido bairro chamado Liberdade.

**Rio de Janeiro** é a segunda maior potência econômica do Brasil e a terceira de América do Sul. Possui grande potencial turístico, além de seu relevante parque industrial muito diversificado. É, ainda, onde se concentram as maiores jazidas de petróleo do país. O Rio apresenta baixas taxas de produtividade do setor agropecuário demonstrando vocação para o desenvolvimento nas áreas de turismo e indústria. Dono do carnaval mais famoso do mundo, do Pão de Açúcar, da estatua do Cristo Redentor, do Maracanã e das praias de Ipanema e Copacabana que são ícones do Rio de Janeiro, além de seus alegres habitantes chamados cariocas; razões suficientes para ser conhecida como a Cidade Maravilhosa.



**Minas Gerais** disputa com o Rio de Janeiro o segundo lugar em importância econômica no país após São Paulo; possui o grande setor industrial produzindo automóveis, aço, ferro e cimento, além de sua grande produção de café, abacaxi, milho, entre outros, é o maior produtor de leite e possui o maior rebanho bovino do país. Também encontramos as mais importantes estâncias hidrominerais do país, famosas por seus efeitos curativos, como São Lorenço, entre elas. Outro dos principais atrativos que possui é a grande quantidade de monumentos religiosos e obras de arte de valor histórico e beleza singular. Sua capital é a cidade de Belo Horizonte e seus habitantes são chamados mineiros.



**Espírito Santo.** A composição da economia do Estado baseia-se primordialmente na agricultura e na indústria, embora seja significativa a extração mineral especialmente de petróleo, sua produção agrícola é significativa. Na indústria destacam-se os setores químico, alimentício, madeireiro, metalúrgico e de mineração, além de ser produtor de energia elétrica. No decorrer do processo de imigração europeia durante o século XIX diversas comunidades alemãs foram criadas na região, dando origem a uma paisagem marcada por traços da cultura europeia e a adoção de costumes típicos dos países daquela região.

# História

## A Corte no Brasil

No início do século XIX, a política expansionista de Napoleão Bonaparte altera o equilíbrio político da Europa. O imperador tenta impor a supremacia da França sobre os demais países. A Inglaterra resiste e Napoleão decreta o chamado bloqueio continental: a proibição, sob a ameaça das armas, dos demais países do continente negociarem com a Inglaterra. Portugal tenta uma política de neutralidade, mas continua negociando com os ingleses. Em represália, o imperador francês ordena a invasão de Portugal pelas tropas do general Jean Junot. Firma com a Espanha o Tratado de Fontainebleau (1807), que reparte o território português entre os dois países, dividindo-o em dois reinos, Lusitânia e Algarves. Essa divisão não é posta em prática, mas a ameaça de uma invasão francesa faz com que a família real portuguesa se transfira para o Brasil.

### Fuga da Família Real



Pinheiro da Academia Real Inglesa. Esquadra de 13 navios ingleses que acompanhou a viagem da Família Real.

Em outubro de 1807 os governos português e inglês assinam um acordo secreto em que a Inglaterra se compromete a ajudar a nobreza em fuga. Começa, então, o que os historiadores caracterizam como o momento do "salve-se quem puder". A notícia da fuga da família real espalha-se, e Lisboa é tomada pelo caos. Apavorada, a população da cidade sai às ruas para protestar contra os governantes que não hesitam em deixá-la entregue à própria sorte. A população de Lisboa assistia atônita a toda essa movimentação. Não podia acreditar que estivesse sendo abandonada pelo príncipe-regente e demais autoridades, levando tudo o que estivesse à mão, deixando-a totalmente desamparada para enfrentar o Exército de Napoleão. Lisboa estava um caos. Junot e sua tropa, apesar de bastante desfalcada, não tiveram problema para dominar a cidade, cuja população estava atordoada com o que consideravam uma fuga ver-

gonhosa.

### Séquito Real



Dia 29 de novembro, depois de vários incidentes, a esquadra real parte de Lisboa escoltada por navios de guerra ingleses. Vários nobres morrem afogados ao tentar alcançar a nado os navios superlotados. Nas 36 embarcações, o príncipe-regente dom João, a família real e seu séquito, estimado em 15 mil pessoas, trazem jóias, peças de ouro e prata e a quantia de 80 milhões de cruzados, o equivalente à metade do dinheiro circulante no reino. Em janeiro de 1808, a frota lusa chega à Bahia. O Brasil passa a ser sede da monarquia portuguesa.

Dom João VI (1767-1826), filho da rainha dona Maria I e do príncipe dom Pedro III, herda o direito ao trono com a morte do primogênito dom José. Em 1785, casa-se com dona Carlota Joaquina, uma das herdeiras do trono espanhol. Dom João assume a regência de Portugal em 1792, quando sua mãe enlouquece e enfrenta conflitos internos e externos durante todo o seu governo. Na corte portuguesa, dom João sofre constantes tentativas de golpes tramados pela esposa e pelo filho, dom Miguel. No Brasil, dona Carlota tenta derrubar dom João e conspira com diferentes grupos da nobreza espanhola. Pretende conquistar a Coroa da Espanha, unir os dois reinos e tornar-se imperatriz das Américas. Quando dom João, de volta a Portugal, submete-se ao regime constitucionalista, dona Carlota e dom Miguel assumem a luta pela autonomia do trono frente às Cortes. Prendem dom João durante uma revolta em Lisboa, em 1824. O rei foge sob a proteção dos ingleses e manda prender a esposa e o filho. Isolado na corte, morre dois anos depois.

### A Corte no Rio de Janeiro

Em 7 de março de 1808, a corte se transfere para o Rio de Janeiro. No primeiro momento, a mudança provoca grandes

conflitos com a população local. A pequena cidade, com apenas 46 ruas, 19 largos, seis becos e quatro travessas, não tem como acomodar de uma hora para outra os 15 mil novos habitantes. Para resolver o problema, os funcionários reais recorrem à violência, obrigando os moradores das melhores casas a abandoná-las a toque de caixa. A senha P.R. (príncipe-regente), inscrita nas portas das casas escolhidas, passa a ter para o povo o sentido pejorativo de "ponha-se na rua". Apesar dos contratemplos iniciais, a instalação da realeza ajuda a tirar a capital da letargia econômica e cultural em que está mergulhada. A vinda da família real para o Brasil mudou, também, a fisionomia do Rio de Janeiro. A cidade que os estrangeiros acharam suja, feia e malcheirosa começou a se expandir e cuidar de sua aparência, abrindo-se às modas europeias.

Também mudavam os costumes das famílias, quebrando a reclusão do lar para as mulheres, que passaram a frequentar os espaços públicos, como as ruas e os teatros e, também dedicar-se à leitura de livros e ao estudo de outros idiomas. Multiplicavam-se as lojas de modas e os cabeleireiros, frequentados por senhoras ricas, que não queriam fazer feio diante das damas da Corte. No entanto, a presença dos escravos e dos homens livres pobres na cidade atemorizava a Corte, deixando em permanente sobresalto a população branca e proprietária. Era, além do mais, uma preocupação constante para a Intendência de Polícia da Corte. Para complicar a situação, negros fugidos das fazendas da região formavam quilombos nas matas da Serra da Carioca, que reuniam centenas de pessoas.

Com a derrota de Napoleão, em 1814, o retorno da Corte a Portugal voltou a ser discutido. O Congresso de Viena, realizado em 1815, buscando restaurar a antiga ordem na Europa, determinou que as antigas monarquias europeias depostas pela Revolução Francesa reassumissem seus tronos. Como o Congresso de Viena só reconhecia Lisboa como a sede do Governo português, a situação de D. João no Brasil era ilegítima. Para reassumir seu trono, teria que voltar para lá.

# Culinária

## A Comida Mineira

Um fato importante sobre o Brasil é que, em todas as regiões, a comida varia, não comem só o típico de sua região. Mas, o mineiro não varia muito as comidas porque não acham que isso seja importante.

A carne e a banha de porco (a comida tradicional dos mineiros nada em banha de porco) são muito comuns na comida mineira. Os outros pratos são quase todos acompanhamentos (farofas, feijão - tropeiro, angu com quiabo, couve rasgada). A carne de porco, o feijão e a lingüiça são preparados da mesma maneira que no século XVII. Estes pratos são quase sempre servidos com queijo mineiro. Também, e isto é o melhor de tudo, você pode provar deliciosas sobremesas (doce de leite, compotas de frutas).

**Fato:** Os criadores de gado não gostam da banha de porco.

### Feijão Tropeiro

A origem do nome do feijão tropeiro vem dos tempos quando os mineiros faziam longas viagens em tropas de burros. Este prato era servido com bastante sal e levado em caixetas atulhadas, onde se escorria a banha derretida que poderia endurecer e não deixar que a massa cozida azede. Come-se com ovo frito, lingüiça frita ou lombo e torresmo.

Os mineiros pensavam tanto no ouro que, muitas vezes, esqueciam de plantar as verduras e vegetais. A causa disso, passavam fome. Além disso, eles eram frequentemente assaltados por criminosos.

**Fato:** Os mineiros não gostam muito das verduras. Só talvez a chicória ou o almeirão.

### Século XVII

Antigamente, as pessoas comiam com as mãos. A partir da Independência, começaram a usar os talheres (especialmente se tinham visitas).

Nas festas mineiras, os homens comiam primeiro, depois as mulheres e por último as crianças.

Um costume quando as pessoas têm visitas é a "mixiriboca". Isto é uma mistura de toda a comida no prato, feita com uma colher especial.

Um almoço típico é o feijão preto com farinha de milho e um pouco de toucinho frito ou de carne-de-sol cozida. Para o jantar, são muito comuns as hortaliças cozidas com um pedaço de toucinho para dar-lhes sabor.

O queijo não é fabricado frequentemente. Só o queijo tipo seco.

Outra comida muito popular nas Minas Gerais é o milho na forma de tuba.

### As quitandas

Em Minas, uma **quitanda** não é uma loja de frutas (como em outras regiões de Brasil). É um tipo de acompanhante para o café. Os acompanhantes poderiam ser biscoitinhos "quebra-quebra", brevidades, sonhos ou broas de fubá (deliciosas).

### Comer na gaveta na mesa

Este costume é típico da cidade de Mariana. As mesas eram

enormes e com gavetas que eram fechadas rapidamente com a comida dentro caso recebessem visitas para que as pessoas não vissem a comida. Eles achavam que isso era vulgar.

### Feijão-de-Tropeiro (10 porções)

- 1 kg de feijão
- 2 colheres (sopa) de óleo
- 100 g de toucinho defumado em pedacinhos
- ½ colher (sopa) de tempero mineiro (*ver receita*)
- 1 cebola grande picada
- 5 ovos
- Cheiro-verde (salsinha e cebolinha verde) a gosto picado
- ½ xícara de farinha de mandioca

Cozinhe o feijão sem desmanchar o grão. Deixe escorrer bem numa peneira. Numa panela, coloque 2 colheres (sopa) de óleo e frite ligeiramente o toucinho. Acrescente o tempero e a cebola, mexendo sempre.

No restante de óleo, frite os ovos, misturando-os para que fiquem despedaçados. Junte na panela os ovos, o feijão e o cheiro-verde. Por último, a farinha de mandioca, mexendo ligeiramente. Coloque numa travessa, enfeitando com pedaços de lingüiça frita e torresmos por cima. Sirva com couve picadinha e arroz.

### Tempero Mineiro

- 500 g de cebola
- 200 g de alho
- 2 pimentões verdes
- 1 maço de cebolinha verde
- 1 molho (maço) de salsinha
- 2 kg de sal

Pique a cebola, o alho, os pimentões, a cebolinha e a salsinha. Bata no liquidificador. Misture o sal. Guarde em vidros para uso diário.



# Cultura

## A Folia de Reis

### O que é a festa de Reis?

A folia dos Santos Reis ou Reisado, ou simplesmente Folia de Reis, é um folguedo popular tradicional que conta a história da viagem dos Reis Magos à gruta de Belém, a partir do momento em que eles recebem o aviso do nascimento do Messias, até a hora em que encontram o Deus-menino na manjedoura. Os reis Baltazar, Belchior e Gaspar, que foram guiados pela estrela de Belém até o Menino Jesus, são os personagens centrais desta festa, trazida de Portugal pelos colonos. Sua comemoração era semelhante à portuguesa, pelo menos até o século XVIII, com trocas de presentes na véspera do Dia de Reis. Com o tempo, a Folia de Reis adquiriu traços mais populares e se misturou a novos elementos, como o candomblé, no Rio de Janeiro, ou as congadas, em Alagoas.

### Em que consiste a celebração ?

Atualmente, as folias constituem um auto, em que são dramatizadas as passagens bíblicas do nascimento de Cristo, da visitação dos reis magos e da fuga da sagrada família para o Egito. Os foliões caracterizam-se como personagens das histórias e, do dia 24 de dezembro até 6 de janeiro, percorrem a cidade recolhendo dinheiro e comida dos moradores. Acompanham os foliões tambores, cavaquinhos e pandeiros. A Folia de Reis é comemorada em pequenas cidades do interior do Nordeste, Minas Gerais e São Paulo, e sobrevive nas periferias de grandes capitais. Há um complexo conjunto de tradições, rituais e místicas que se inserem no universo das Foliás de Reis. Reminiscências de culturas cristãs primitivas, pagãs e até mesmo de rituais ameríndios aculturados são mantidos pelos foliões, consciente ou inconscientemente. Muitas dessas tradições são reforçadas pelas histórias orais e interpretações populares (ou complementos) de textos bíblicos.

### História da Celebração.

A catequização dos índios pelos jesuítas tinha melhores resultados quando estes

utilizavam os recursos da imagem. Como melhor explicar, então, para os índios sobre o nascimento de Jesus do que utilizando o presépio? E no presépio está implícita a figura dos Reis Magos. A devoção foi uma consequência.

Cada Folia tem a sua tradição, de acordo com a região, com os ensinamentos passados de geração para geração, com a forma de entendimento de cada mestre ou embaixador (aquele que lidera uma Folia). Portanto, não se pode afirmar que uma Folia de Reis tem que ter um exato número de foliões, de instrumentos musicais, de cor de roupas ou bandeiras, que deve saber declamar um verso específico etc.



FOLIA DE REIS DA CIDADE DE JEQUITIBA.  
FOTO MYRIAN

### Vestimentas e simbologias

A toalha é símbolo da pureza do Menino Jesus, da pureza de Maria e da pureza dos foliões. Há regiões em que a folia tem seu uniforme. Os instrumentos são: caixa, viola, violão, cavaquinho, pandeiro, rabeca, bandolim e sanfona, variando, contudo, de região para região. Os cantos são: de chegada, de saudação à lapinha e de despedida. Pedem esmola para a festa do dia 6 de janeiro. Recebida a esmola, os foliões agradecem com danças e versos aos donos da casa. Geralmente os donos da casa oferecem "pinga" da boa, café com biscoito ou até jantar. São grandes encontros cheios de comes e bebes, onde louvam o Menino Jesus e carregam a Bandeira da Folia, para os fiéis, que fazem e pagam promessas.

Mas, terminada a louvação ao Menino, chega a vez dos palhaços. Há muitas histórias que explicam o surgimento desses personagens. A mais comum é a que eram espíões de Herodes que seguiram os Magos para encontrar o Menino Jesus

e matá-lo. Ao encontrarem o Menino acabaram se convertendo. Com receio de serem mortos por Herodes, vestiram uma máscara e viajaram com os Santos Reis. Iam à frente, fazendo graça e micagens para que Herodes não desconfiasse que eram soldados. Muda a música — e os palhaços, cada qual por sua vez, comandam a orquestra. Em versos engraçados, divertem e mexem com o povo e saracoteiam, pulam e dançam, em cabriolas incríveis, para encanto da meninada que de longe os vem seguindo, à espera desse momento. E chovem moedas no chão, dinheiro que lhes pertence, dinheiro em que nenhum folião ousaria tocar sequer. O mais importante da folia é a bandeira. Vai ela à frente do grupo, e em lugar de honra, enfeitada de fitas e lantejoulas e de registros católicos. É a bandeira a primeira a entrar em qualquer casa. Postada junto ao presépio ou ao altar, ali recebe as homenagens dos moradores. A bandeira representa tanto a folia que tanto faz dizer folia com dizer bandeira. E é a bandeira que se homenageia, quando se quer homenagear a folia, com dinheiro ou presentes. Geralmente, o peditório termina no dia 6 de janeiro, dia dos Santos Reis.

### Websites

- [www.brasilfolclore.hpg.ig.com.br/foliasdereis.htm](http://www.brasilfolclore.hpg.ig.com.br/foliasdereis.htm)
- [www.brazilsite.com.br/folclore/folguedos/folg08.htm](http://www.brazilsite.com.br/folclore/folguedos/folg08.htm)





**ANEXO 2**

Journal

11-05-06

## Reportagem / Influência Brasileira no nosso lado

Eu tenho que confessar minha surpresa quando se sabe que o arquiteto brasileiro "Roberto Burle Marx" foi quem fez o estudo o "Parque del Este" em Caracas. Ele desenhou um de os espaços que mais gostei às longanços e que por isso eles visitam mais. Quase a diario para fazer contacto com a natureza às pessoas que moram em Caracas. O "Parque del Este" é um ícone da cidade Capital de Venezuela. Sempre pensei o "Parque del Este" foi desenhado por um venezuelano, como por exemplo arquiteto Carlos Villamuer, quem fizera a Universidad Central da Venezuela. Agora quando eu falo ou visito esse lugar, não vou esquecer quem foi seu desenhador. É muito importante dizer que o arquiteto Roberto Burle Marx, se exilou na Venezuela porque ele se desentendeu com Juscelino Kubitschek e depois quando o senhor Kubitschek foi presidente no Brasil, 1956-1961, negou sua participação nos projetos dos jardins de Brasília, para parte dos Venezuelanos.

## Editorial

Beatriz Demoly, fala de a necessária aproximação entre Venezuela e Brasil para fortalecer sua relação. Ela fez um comentário onde fala que quando conhecemos o "outro" aprendemos mais sobre nós mesmos. Eu estou de acordo com ela a ponto que nossa obrigação é unir nossos povos para fortalecer nossa identidade.

José G. Heitor S.

E: JUAN PARA SETORA

(N4)

A respeito do jornal: "BRASIL CONOSCO"

Eu achei o jornal muito interessante, os artigos são ótimos. Costei muito da "influência brasileira ao nosso Redor" que fala sobre o paisajismo feito pelo arquiteto brasileiro Ernesto burl Marx. Eu já o conhecia e conhecia também ~~seus~~ trabalhos. Eu diria também que o jornal fala de coisas muito diferentes, um pouco de tudo, e é isso o que faz que seja interessante. Eu aprendi um pouco de História, poesia, dietas e até como fazer CUMARRÃO que é uma tradição da Região Sul do Brasil.

Eu não sei se o formato vai ser sempre igual, quero dizer, talento, Horoscopo, turismo, culinária, etc., o poderia variar ~~mas~~ para ser o primeiro ~~de~~ gostei.

Como sugestão quero dizer que poderia-se ~~se~~ falar também das músicas mais novas ~~do~~ Brasil, falar também como fazer Caipirinha, recomendações de filmes que poderiam nos ajudar para nossos níveis de Português.

Eu poderia LHEZ AJUDAR FAZENDO UM ARTIGO SOBRE "AIKIDO", que é um arte Marcial de defesa ~~que~~ que também é praticado no Brasil.

Tarefa

Oscar Ovalles

### Comentários sobre o Jornal

O Jornal apresenta uns artigos muito interessantes como são <sup>o</sup> reportagem de Ricardo Bustle Marx que me permitiu conhecer a importância da obra que este arquiteto Brasileiro fez na Venezuela.

No artigo da revolução Farrapilha contei que Garibaldi brigou no Brasil antes de brigar na Itália. Em cultura não só <sup>le</sup> o artigo do Chimarrão <sup>como</sup> <sup>si</sup> também tive o privilégio de participar numa degustação que tivemos com Sefora em classe.

Em letras é muito bonita a poesia que Mário Quintana dedicou a esse <sup>de</sup> grande escritor Erico Verissimo em seu aniversário.

O jornal apresenta uma parte do Brasil que eu não conhecia e ele teve uma qualidade de impressão muito boa.

Em conclusão depois de ler o jornal em minha opinião ele reflete a intenção que descreveu a Professora Beatriz Demoly em <sup>su</sup> sua Editorial

Felicidades

Caracas, 12-12-05

Opinião, comentários e sugestões do Jornal de Instituto Cultural Brasil Venezuela.

Depois de haver lido o jornal do Instituto Brasil Venezuela onde eu atualmente estou estudando Português do Brasil, posso dizer que é um bom trabalho que o Instituto faça para nós, estudantes que chegamos com uma idéia de aprender outra língua, a qual está muito vinculada com nossa língua como é o espanhol.

Particularmente eu li o jornal e cheguei a gostar de todas as facetas, reportagens, os artigos sobre a Cultura em geral, como é a escrita, coisas muito interessantes pouco comuns que eu possa escutar fora do Instituto, já que eu gosto de toda Cultura.

Este jornal foi bem feito, já que mostra e dá a conhecer um pouco de tudo, como o artigo do Culto ao Corpo, idéias para fazer um bom regime, comer saudável, e fazer exercícios, Obrigada pelas dicas! Sobre todo que hoje estão acontecendo muitas coisas que dá estresse.

A parte que foi mais interessante <sup>foi o</sup> Turismo, muito interessante ter conhecimentos do Brasil, em minha Opinião eu queria saber um pouco mais de algumas regiões que às vezes víamos nas aulas. É importante que vocês dêem sempre conselhos para chegar a conhecer pouco a pouco as diferentes regiões do Brasil.

Além disso, as pessoas que queiram viajar acostumam fazer uma lista de conselhos dos lugares mais concorridos, os melhores restaurantes, fazer compras em lojas ótimas. Por isso, como sugestões lhes recomendo que façam idéias ao momento de viajar, mostrar o clima das cidades os diferentes meses do ano inteiro.

E finalizando quero pedir-lhes que dêem receitas de como fazer aperitivos, entradas e pequenos pasos que sejam fáceis de preparar em casa ao momento de uma festa relâmpago.

Muitas Felicidades!

Atenciosamente,  
Cynthya Olivar M

Edgar Moreno Rodríguez  
Nível I

Caracas, 17/11/05

### Tarefa 3: Sobre o jornal "Brasil Conesco"

Este mês o Instituto Cultural Brasil Venezuela (ICBV) publicou o primeiro número do seu jornal chamado "Brasil Conesco". Este jornal é uma iniciativa do Instituto para oferecer aos estudantes e ao público em geral uma oportunidade de conhecer o Brasil, a sua cultura e de fortalecer as relações binacionais. Além disso, este médio de comunicação brinda a possibilidade aos estudantes do quinto nível de escrever, e provar seu domínio, em língua portuguesa.

O jornal tem temas variados com reportagens de negócios, vida, cultura, saúde, esporte, história e até poesia. A reportagem que eu mais gostei foi aquela sobre a "Influência brasileira a nosso redor" talvez porque eu estudo na Universidade Simón Bolívar e conheço o paisagismo tropical e a beleza e importância da natureza ao nosso redor. Eu acho importante também que conheçamos a história dos nossos jardins sobretudo se nós moramos numa cidade como Caracas onde eles não são comuns.

Finalmente eu quero felicitar ao ICBV e desejar muito êxito para o jornal "Brasil Conesco".



Gabriela Pérez E.  
C.I 12959624

Caracas, 28-11-05  
Nível 1

A intenção de fazer na publicação por parte do Instituto Cultural Brasil-Venezuela é uma boa alternativa para o fortalecimento das relações entre a gente venezuelana e a brasileira.

Esta publicação periódica é muito completa em todo seu conteúdo. As leituras são de fácil compreensão e o vocabulário também. Os artigos são diversificados: você pode achar um pouco de tudo: negócios, reportagens, biografias de personalidades, recomendações para cuidar nosso corpo, entre outras.

Eu acho mais interessante o artigo relativo à influência brasileira ao nosso redor. Há muitas coisas nos não conhecemos em nosso país que estão aproximadas com a cultura do Brasil.